

TATIANA ALBERGARIA ARANHA RICARDO

UM ESTUDO SOBRE
ABDIAS
DE CYRO DOS ANJOS

Dissertação apresentada junto ao Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP, para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: **Prof. Dr. Ivone Daré Rabelo**

São Paulo
2008

Ao meu pai e à minha mãe.

*Ao João, Júlia, Laura e Miguel,
meus grandes amores.*

Agradecimentos

À Prof^ª. Dr^ª. Ivone Daré Rabelo, que me ensinou muito mais do que imagina e do que eu poderia explicar.

A Afonso Henrique Fávero, que, generosamente, conversou comigo sobre Cyro dos Anjos e me forneceu um precioso material de pesquisa, ao qual, de outro modo, dificilmente teria acesso.

À banca examinadora da qualificação, composta pelo Prof. Dr. José Antonio Pasta Jr. e pela Prof^ª. Dr^ª. Ana Paula Pacheco, que ajudaram muito na orientação do trabalho.

Ao Luis, do departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada.

Aos meus colegas de orientação e de estudo.

À Maria Aparecida F. Marcondes Bussolotti, pelo que me ensinou na revisão final.

Ao Percy, pelas inúmeras conversas amigas – gostaria que tivessem sido bem mais...

À Helena e Sérgio, pelo incentivo de sempre e, principalmente, pelo Carlos e pela Rosa.

Ao João, por tudo e, especialmente, pela visão que tem sobre o mundo e a literatura.

RICARDO, Tatiana Albergaria Aranha. *Um estudo sobre Abdias de Cyro dos Anjos*. 2008. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - USP, São Paulo - SP., 2008.

Resumo:

Na presente Dissertação investigamos como a configuração do narrador em *Abdias* formaliza, literariamente, a figura do intelectual brasileiro mediano dos anos 1930. Desse modo, propomos a leitura analítica do romance de Cyro dos Anjos numa chave que leve em conta a relação entre a matéria ficcional e os elementos sociais e culturais que ali estão representados.

Palavras-chave: literatura e sociedade; a figura do intelectual; romance; década de 1930.

Abstract:

This dissertation investigates how the configuration of the narrator of *Abdias* formalises, literarily, the figure of the brazilian middle-class intelectual of the 1930's.

In this sense, it proposes an analytical analyses of Cyro dos Anjos' novel in a perspective that takes into consideration the relation between the fiction and the social and cultural elements that are there represented.

Key-words: literature and society; the intelectual figure; novel; the decade of 1930.

Sumário

Introdução	7
1. Abdias: Um Romance À Clé?	13
2. Ambiente E Mundo Social Em Abdias	41
3. O Sentimento De Menos-Valia	66
4. A Trama Amorosa	86
Os Desmandos Da Imaginação	87
Uma Menina De Minas Com Essas Coisas Na Cabeça?	102
A Dominação Fiduciária	105
A Astuta Carlota	112
5. Mudança E Permanência: Apreensão Do Ritmo	
Histórico Pelo Olhar Do Narrador	116
Referências	146

Introdução

Cyro dos Anjos possui uma obra ficcional relativamente pequena; composta por três romances, publicados entre 1937 e 1956, e uma autobiografia, de 1963, revista e reunida a novo material em 1979, foi acompanhada de um ensaio literário e um livro de poemas.¹ O cotidiano nas redações de jornais mineiros lançou-o à carreira literária; como outros de sua geração, ao mudar-se de Montes Claros para Belo Horizonte, em 1924, dividiu-se entre o início dos ofícios burocráticos e o trabalho em vários jornais, até começar a escrever as crônicas que, posteriormente, resultaram em seu primeiro romance. Formado em Direito, tentara a carreira de advogado no interior de Minas, mas o fracasso devolveu-o ao serviço público, no qual esteve durante toda a vida, a ponto de afirmar, em algumas entrevistas, que nunca fora outra coisa senão “um amanuense”. Os diversos cargos que ocupou, assim como as atividades de professor, sempre acompanharam e por vezes dificultaram a criação literária.

Mesmo assim, próximo do grupo de modernistas mineiros, que no Estrela dava andamento ao seu movimento *em surdina*, e especialmente de Carlos Drummond de Andrade quando redator no *Diário de Minas*,² Cyro dos Anjos tornou-se uma figura literária importante no restrito cenário nacional. Com sua primeira publicação, *O amanuense Belmiro* (1937), ele se afirmou como escritor. O livro teve ótima acolhida por parte da crítica da época,³ até hoje, podemos dizer que os estudos disponíveis acerca da obra do autor mineiro concentram-se nele. Desde a crítica de jornais e rodapés literários, até leituras acadêmicas que surgiram após a década de 1990, as atenções voltaram-se para a figura de Belmiro.

¹ São, respectivamente, *O amanuense Belmiro*, *Abdias*, *Montanha*, *A menina do sobrado*, *Criação literária e Poemas coronários*. Os romances forma reunidos pela Garnier, 1994.

² No final de suas memórias, Cyro dos Anjos comenta sobre esse início da vida profissional, as amizades e o convívio com outras figuras da cena literária mineira. Ver *A menina do sobrado*.

Abdias (1945), seu segundo romance, segue sem despertar grande interesse crítico. À sombra do anterior, foi muito comentado em comparação com ele, como resolução imperfeita das mesmas questões e até repetição dos núcleos temáticos já trabalhados pelo autor. Salvo uma ou outra discordância, o cenário da recepção crítica do livro é um tanto desolador: ou não aparece, ou vem em segundo plano. O próprio Cyro dos Anjos trata do assunto em uma entrevista, ao ser questionado sobre qual das obras preferia:

Nunca apurei isso, apesar de a questão já me ter sido proposta algumas vezes, por colegas seus e por mim mesmo. Os livros são como filhos. E é sabido que os pais tendem a gostar mais dos que não são felizes ou sejam menos dotados. Por isso, talvez prefira *Abdias*, que não teve, da parte da crítica, o acolhimento que *O amanuense* recebeu. É o que se poderia chamar de ternura de compensação.⁴

Ainda segundo suas declarações,⁵ *Abdias* teria sido composto a partir dos *resíduos sentimentais* de *O Amanuense*. Alguns temas persistiriam, embora as personagens e fabulação diversas constituam um romance inteiramente autônomo; ambos seriam romances sentimentais, nos quais seres essencialmente meditativos e sensíveis, cercados por personagens afirmativas, expressam uma atitude analítica e vacilante diante do meio em que vivem.

De fato, os dois romances ilustram uma tendência da perspectiva ficcional do autor; Cyro dos Anjos empenhava-se na representação do cotidiano de pequenos funcionários públicos em Belo Horizonte na década de 1930. Até o surgimento de *Montanha* (1956), espécie de paródia política das disputas pelo poder no Brasil moderno, era visto como um escritor intimista que, diante dos caminhos trilhados pelo romance social, optava por

³ A tese de Ana Paula Franco NOBILE rastreia a repercussão do primeiro romance de Cyro dos Anjos no meio literário por meio do comentário sobre os rodapés que saíram nos primeiros meses após a publicação da obra. (**A recepção crítica de *O amanuense Belmiro***, de Cyro dos Anjos(1937). São Paulo, Annablume, 2005).

⁴ Depoimento recolhido em 1949, por HOMERO SENNA, e que faz parte do livro **República das Letras**.

⁵ Entrevista de Cyro dos Anjos para *O Jornal*, em 1945, arquivada na FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA.

mergulhar na subjetividade das personagens e explorar a vida interior de um tipo de intelectual provinciano. A unanimidade construída em torno de *O amanuense* prevaleceu e, embora também tenha sido bastante comentado, o segundo romance de Cyro dos Anjos permaneceu menos investigado.

Mas *Abdias* tem particularidades que interessam estudar. O romance narra a vida de um homem de quase quarenta anos em Belo Horizonte, em 1938. Intelectual ligado às letras, diretor do Arquivo Histórico e recém contratado para dar aulas de literatura em um colégio destinado à elite de Minas, dirigido pela ordem das Ursulinas, Abdias é casado com Carlota, com quem já tem três filhos. Sob a forma de um diário que o protagonista começa a escrever, a narrativa logo se concentra na história da paixão que o professor sente por Gabriela, filha de um antigo amor de juventude e agora sua aluna.

A progressão da trama amorosa pauta-se, a princípio, pelo calendário escolar. A rotina do colégio é a primeira ligação entre Abdias e Gabriela, e por isso a evolução dos fragmentos tecidos pelo narrador acompanha o andamento das aulas, o início das férias de inverno, os trabalhos escolares, as provas orais, até chegar à formatura. Durante o ano letivo, Abdias pouco a pouco tenta ampliar as relações com Gabriela; reencontra sua mãe, Glória, torna-se amigo do pai, o Dr. Azevedo, aproxima-se cada vez mais da moça e termina sendo admitido na casa como um amigo da família. No ponto máximo da projeção amorosa, Abdias chega a pensar na morte da mulher como uma saída fácil para seu drama; arma encontros com a moça fora do círculo escolar e familiar, integrando-a aos inquéritos promovidos pelo Centro de Estudos Sociais, dirigido por João Carlo, tio de Carlota.

Enquanto isso, a vida familiar também avança: sua esposa engravida mais uma vez, passa a suspeitar do interesse do marido pelas colegas e tem problemas de saúde ocasionados pela gestação. Intimista, a narrativa revela quanto Abdias oscila entre a ridícula paixão tardia pela aluna rica e a segurança encontrada no casamento com Carlota;

essa oscilação, que se traduz em atos, movimentando o enredo. Após o desenlace frustrado da confissão da paixão por Gabriela, o professor abandona qualquer projeto de conquista e busca a reconciliação com a mulher. Os contatos com a aluna escasseiam com o fim do ciclo do ensino colegial e a viagem para o Rio, na companhia da mãe, que pretendia descansar e arranjar um bom casamento para a filha na capital. Nasce o filho de Abdias, que, então, pensa ter superado a crise que o levava a reativar as antigas fantasias amorosas.

O desejo que pauta seus pensamentos e insinua tímidos atos de conquista cede lugar ao recolhimento na vida familiar, ainda mais intenso quando o inesperado acontece, e Carlota, já amamentando, morre. Abdias mergulha em profunda solidão, tomado pela culpa, que se agrava quando descobre que a mulher lera uma página esquecida de seu diário e soubera da paixão por Gabriela. O narrador, apoiado por um padre amigo da família, busca a todo custo desculpar-se consigo mesmo e retomar sua vida, seu trabalho; continua visitando a casa de Gabriela, a princípio para ver o pai. Logo, porém, assume que, apesar de amar a esposa morta, ainda é presa das fantasias que o ligam à garota, de quem acompanha indiretamente os passos. No limite da sua angústia, confessa-se ao padre, que, contrariando qualquer bom-senso, visita Gabriela para propor-lhe um casamento impossível. A nova humilhação diante da declaração involuntária leva-o a uma grave depressão; amparado por João Carlos, pouco a pouco se restabelece e se empenha em novas atividades, como gerir uma instituição beneficente. Maria Clara, sua filha mais velha, ingressa no colégio das Ursulinas; o filho mais novo, também chamado Abdias, que estava com a mãe de Carlota, em Sabará, e Abdias espera ansioso poder trazê-lo para casa. Ainda de licença do colégio, termina os relatos espiando os novos namoros de Gabriela na Praça do Sol e ouvindo música com seu pai.

Essa história vem narrada por um ritmo composicional que flutua ao sabor das vontades e dos interesses do narrador. Na estrutura do diário – aqui tecido sem contornos

nítidos, com a indicação de uma única data em todo o romance (*Fevereiro, 1938*) – o enredo dá prevalência à visão subjetiva dos eventos. A evolução da narrativa é incerta, dependente dos humores, das disposições sentimentais e reflexivas de Abdias. As notas acompanham simultaneamente a progressão da trama amorosa e o registro do ambiente do narrador, das relações mais gerais que estabelece com a sociedade, de como ele recupera sua trajetória. Sem ordenação previsível, os fragmentos passam do cotidiano para a memória, dos acontecimentos para a reflexão, do presente para o passado e de volta para o presente. É assim que a fisionomia da personagem se impõe e revela suas ambições, desejos e projetos; do mesmo modo, a narrativa dos dilemas morais e das humilhações que a condição amorosa lhe impõe deve ser apreendida em um quadro mais amplo, em que a obsessão de pertencer a outra classe social impele as fantasias de Abdias.

Também com o andamento da narrativa percebemos quanto os registros – a princípio limitados ao presente da ação – são encadeados por uma lógica maior, que preside a disposição da história dos amores falhados que Abdias se dispõe a contar.

Uma estrutura geral romanesca enquadra o diário dentro de certas unidades de composição: as notas são divididas em conjuntos maiores, numerados a maneira de capítulos, e estão divididas entre três partes, intituladas *O colégio das Ursulinas*, *Gabriela* e *Uma catedral cujas torres tocassem os céus*. Além disso, o próprio narrador sugere, à medida que relata, o quanto antecipa fatos e conclui a partir do que já passou; ora escolhe contar com uma perspectiva mais colada aos acontecimentos, ora escolhe deixar correr os dias e insinuar uma visão mais global, evidenciando, assim, como está fora do tempo do enunciado. Ao final do livro, se atentarmos para essa disposição, veremos como os fragmentos do diário estão aglutinados em pequenos núcleos, que correspondem ao começo do envolvimento com Gabriela, em sala de aula, à exposição efetiva de seus

sentimentos e tentativas de aproximação, e finalmente à ruptura das fantasias com a morte de Carlota.

Essa linhagem romanesca, que explora o conflito psicológico, interno e espiritual, combinada com o alcance realista da prosa, que fixa o quadro social, compõe a figura de Abdias - uma personagem que é, a um só tempo, exemplo de um destino individual e coletivo.

Nessa dissertação, esperamos ampliar a discussão crítica sobre *Abdias* para não repor, simplesmente, o que tem sido levantado a partir de *O amanuense*. As questões relativas ao lugar social do intelectual, nos anos 1930-40, representadas no romance, orientaram a perspectiva analítica da obra de Cyro dos Anjos, de modo a dar subsídios para a interpretação dos movimentos do narrador bem como de suas reflexões sobre o momento histórico por ele vivido.

Inicialmente, investigaremos como os primeiros romances do autor mineiro foram recebidos pelo meio literário na época e o que as leituras posteriores enfocaram. A partir dos vínculos estabelecidos pelo protagonista com o ambiente que o cerca, analisaremos como a narrativa recompõe um determinado universo ficcional para nele configurar a personagem e, então, passaremos ao exame mais detalhado do narrador e de suas relações amorosas. Por fim, veremos como Abdias entende seus compromissos com o presente e qual significação encontra para sua trajetória.

1

ABDIAS: UM ROMANCE À CLÉ?

O estreito universo que ocupará aquilo que o professor Abdias considera matéria para registro em seu diário torna-se claro já nas primeiras páginas do romance e tipifica a vida de um homem de letras na Belo Horizonte dos anos 1930. Ainda na primeira parte do livro – “O colégio das Ursulinas” – traça-se uma espécie de painel, composto pelas atividades públicas do narrador, pelos círculos sociais que frequenta e pelas disposições da sua vida íntima. O ritmo pendular, entre a notação dos acontecimentos e as interrupções reflexivas, pouco a pouco condensa alguns tópicos que configuram o ambiente do qual emerge a voz de Abdias. São eles a entrada para o colégio das Ursulinas, a convivência familiar, o trabalho no Arquivo Histórico e a pesquisa literária, a participação nas reuniões do Centro de Estudos Sociais, as festinhas na mansão dos Ataídes. Além dessas referências estratégicas que situam a existência de Abdias, a narrativa contempla continuamente a interioridade, supostamente sincera, do protagonista: acompanhamos dilemas – desde os temores diante do desempenho na sala de aula, até a melancolia final –, reflexões variadas mas insistentes, que vão das recordações regulares da infância no interior de Minas aos contornos conflituosos da vida amorosa, principal motivo que arma a trama do romance.

A particularidade da personagem, no entanto, delinea um caráter mais geral. Enquanto avança a exposição dessa vida menor, mais e mais o intelectual provinciano toma forma, numa presença que tem algo a dizer sobre as condições sociais do tempo e do lugar a que remonta. Dizendo de outro modo, e pesando os traços mais significativos da figura desse intelectual, percebemos o quanto o quadro brasileiro de 1930-45 avulta como determinante das formas deste romance.

Nas figuras e temas do romance, conhecemos um Abdias que retém em sua trajetória traços que poderiam identificar a biografia de muitos. É como se colhêssemos, como resultado dos elementos que identificam a origem do narrador, a classe social a que

pertence, as aspirações e correlações de força a que se sujeita no meio urbano, uma imagem profundamente vinculada com as estruturas do Brasil de então.

Examinemos, por ora, o perfil objetivo dessa trajetória: vindo de Várzea dos Buritis, filho de uma família mais modesta⁶ que mantém relações de parentagem cordiais com os grandes da terra (o ramo dos Ataídes), Abdias chega à capital mineira – província agitada pelo papel político que assumia desde a ascensão de Vargas e pelas transformações urbanas que se aceleravam no país nos decênios anteriores – , termina um curso de Direito e logo se emprega na burocracia estatal, como primeiro oficial do Arquivo Histórico. Recusa o posto de bacharel já capitaneado pelo pai que, preocupado com a vida *meio boêmia* do filho na cidade, desejara afastá-lo da burocracia e encaminhá-lo na advocacia ou na magistratura e, para tanto, tentara levá-lo de volta para Várzea dos Buritis, onde vagara o lugar de promotor. Enquanto busca distinguir-se e elevar-se de seu meio, sempre espreitando as inatingíveis donzelas *com pedigree* de Belo Horizonte, Abdias vê naufragar as ambições de brilho social. Passa a freqüentar cursos sobre literatura e, em um desses cursos, conhece Carlota, que viera de Sabará para concluir os estudos. Casa-se com ela, melhora de posto e deixa para trás suas crises mundanas. O trabalho miúdo da pesquisa literária, que depende de seus rendimentos para sair em revistas especializadas, combina-se com um novo horizonte profissional: a educação privada, católica, a qual, sob os benefícios do Estado, amplia-se e ocupa a vida das *moças em flor*. Paralelamente, uma rede mais complexa de relações sociais e políticas impõe a participação na vida pública, e assim encontramos Abdias a freqüentar as reuniões do Centro de Estudos Sociais, discutir alternativas de esquerda, ponderar sobre a condição das massas trabalhadoras, comentar a situação européia, enfim, ensaiar a participação política.

⁶ Na “fantasmagoria” da reminiscência rural, Abdias deixa-se levar pelas associações com o sobrado da velha Constança e não precisa das condições materiais de sua família, tampouco das ocupações paternas. A imagem do pai, montado a cavalo para um trabalho sem fim, é a única que comparece, já ao final do romance.

Que dizer, então, dos demais planos de que se compõe a narrativa: as idéias ali expostas, as demais personagens e instituições que povoam a trama? Há desde reflexões metafísicas sobre a condição humana e o amor, até a miragem do futuro político do mundo; desfilam, nas notações de Abdias, pequenas teorias literárias, menções às agitações dos debates entre as correntes de esquerda e à vigilância do Estado getulista, a indignação sobre os rumos da Guerra, pretensões filosóficas que convocam citações em latim, as Escrituras, Hegel, T. Morus, Homero, Horácio, Hamlet e Tolstoi. Talvez se possa ler, em todo esse conjunto, algo como uma síntese paródica do ambiente letrado do tempo, das preocupações, atitudes e influências que demarcavam as linhas dentro das quais certo debate intelectual operava.

Também assistimos ao desdobramento de figuras secundárias ao longo do romance, que especificam certos círculos sociais. No Colégio das Ursulinas, encontramos as alunas, algumas ambiciosas, pérfidas, feministas, deslumbradas ou falsamente sensíveis à pobreza nacional; as freiras conservadoras; o professor Beirão, filólogo e “leão dos salões” colegiais; velhas matronas que ainda confiam na hierarquia social e no prestígio do dinheiro. A ambiência política está representada em João Carlos e Roberto Mendonça, colocados entre o assistencialismo e a revolução comunista; nos operários que incham vilas precárias com montes de filhos; no Dr. Azevedo, simpático ex-deputado, que parece encarnar a nova roupagem da classe dominante com sua defesa da democracia popular. Comparecem ainda o lazer dos subúrbios de Belo Horizonte, as livrarias e cafés que reúnem os literatos, as reuniões da alta sociedade e uma súpula do moderno consumo da gente culta, embevecida em livros e música erudita – tudo isso compõe o painel da vida de uma figura menor nos quadros do país. Mais complexo, porém não menos relevante, é o modo como aspectos da história do Brasil dos primeiros decênios do século XX comparecem nas páginas de *Abdias*. Precipitando um pouco a argumentação, notemos que

processos centrais então em andamento nele estão codificados, tais como o declínio da estrutura patriarcal e o lento crescimento das camadas médias urbanas, as formas, sempre complexas, pelas quais se dava a modernização do país, a consciência problemática que envolve o campo da intelectualidade, o refúgio na reação católica.

Enfim, temos em *Abdias* idéias, confrontos de posições ideológicas e personagens que enfeixam uma verdadeira galeria que impõe a leitura da mediação histórica para a compreensão do romance. Diríamos, antecipando algo do que ainda desdobraremos, que tanto o momento brasileiro, no contexto de modernização dos anos 1930, quanto a ambiência intelectual da época são ficcionalizados pelo registro intimista do narrador, cujo destino nada tem de incharacterístico; nesse sentido, na contramão das leituras que insistem na compreensão dos romances de Cyro dos Anjos como intimistas, voltados para uma subjetividade isolada com desdobramentos universalistas e líricos, pensamos aqui na especificação dos vínculos do universo ficcional com o contexto social do período histórico em que se situa.

Esses vínculos foram amplamente captados na recepção imediata do romance, muito embora pouco estudados. É notável que, no acúmulo dos rodapés da crítica literária tanto sobre *O Amanuense Belmiro* (1937) quanto sobre *Abdias* (1945), a ficção de Cyro dos Anjos seja comentada como material expressivo de um certo sentimento do tempo, como fixação da experiência de toda uma geração. Diversos leitores apontaram nas criações daquele escritor mineiro, que corria por fora das correntes dominantes do romance de 30, o registro de algo mais vasto que a própria trama, algo filiado ao movimento de apreensão do momento da pequena burguesia em meio às mudanças sociais em curso.

Lembremo-nos que o campo da produção cultural do período apresentava certas peculiaridades. O quadro de intensa concorrência ideológica daquela década, que impusera grau elevado de politização no domínio da cultura, adquire novos valores com o Estado

Novo. De fato, muitos autores já mostraram como a redefinição das relações entre intelectualidade e Estado no período dominado por Vargas intensificou um traço de nosso ambiente letrado, segundo o qual os debates ideológicos influíam decisivamente na consideração crítica das obras, cujas leituras, em grande medida, eram determinadas pelo que, política e socialmente, poderia defini-las. A validade do projeto literário media-se também em função dos desdobramentos da esfera pública.⁷

Seguindo os passos da fortuna crítica mais imediata dos primeiros romances de Cyro dos Anjos, percebemos como domina a tentativa de filiar o autor, seja diante das possíveis influências estrangeiras e nacionais, seja buscando seu lugar no moderno romance brasileiro realista. Como consequência, parece soar sistematicamente uma vontade de identificar a que ele veio, que se esvazia no enquadramento mais imediato, pouco analítico e algo indeterminado, pois não se encontra esteio para classificá-lo segundo as linhas ficcionais dominantes do tempo.⁸ Não é à toa que se dará mais atenção àquilo que, na figura de seus narradores, teria apelo universalista: o recolhimento à interioridade, refúgio de uma existência que parece vazia e sem feitos; a reminiscência do passado; as raízes rurais contrapostas ao movediço ambiente urbano; as vicissitudes do amor e o apelo à fuga do cotidiano via literatura, como salvação possível para os

⁷ Aspectos diversos do que foi aqui sinteticamente apontado encontram-se em alguns importantes trabalhos, que examinam a literatura em contexto mais amplo: JOHNSON, Randal. “A dinâmica do campo literário brasileiro (1930-1945).” *Revista USP*, São Paulo, n°26, p.166-81, jun-ago 1995; MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia da Letras, 2001; CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite & outros ensaios*. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática. 1989; e *Literatura e sociedade*. 8ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 2000; LAFETÀ, João. *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000; BUENO, Luis. *Uma história do romance de 1930*. São Paulo: Edusp, 2006.

⁸ O debate em torno dos caminhos do romance no Brasil após 1930, articulado aos diversos posicionamentos que atravessavam o campo intelectual absorvido pela necessidade de assumir uma perspectiva política, freqüentemente lançava mão da oposição entre uma tendência personalista – também identificada como romance introspectivo, de análise, lírico ou intelectual – e o romance da terra, social, cuja legitimidade vinha amparada pelo círculo mais amplo das preocupações sociais de então. Talvez por não se enquadrar no ciclo de romances do Norte e tampouco explorar a análise dos abismos da subjetividade burguesa, em andamento nas obras de Lúcio Cardoso ou Otávio de Faria, Cyro dos Anjos permaneceu como alguém que preferia outra via e apresentava uma ficção “desconcertante” (DRUMMOND, em artigo que noticia a terceira edição do *Amanuense*: “O Amanuense, o trovador e o cigano”, *Folha da Manhã*, 31/07/1949), a qual seria sempre

constrangimentos que a vida impõe aos cultos. Esses são alguns dos tópicos mais recorrentes das páginas literárias dos jornais sobre Cyro dos Anjos e revelam um certo desconforto diante de seus romances. Antonio Candido sintetiza muito bem esse aspecto da fortuna crítica ao tratar da atitude característica dos anos 1930 – a prevalência da preocupação com os “problemas” e o desdém pela elaboração formal –, cuja consequência foi deixar à margem “obras de fatura requintada, mas desprovidas de ideologia ostensiva, equidistantes da direita e da esquerda quanto à ideologia; e quanto à escrita, passando longe tanto da dureza realista quanto da angústia dilacerante”.⁹

Mesmo assim, e para marcar o andamento da argumentação, vale pinçar alguns momentos em que o tal “sentimento dos homens e do tempo” ganhou nome e a crítica considerou que no centro da representação dos romances de Cyro dos Anjos estaria a figura do intelectual menor, reflexo da situação de diversos homens de letras da época. Ledo Ivo trata disso em alguns artigos voltados ao exame do papel que a vida intelectual tem nas escolhas do estilo, das personagens, dos conflitos, enfim, da composição e do sistema romanesco do autor mineiro. Em um deles, procura examinar a linhagem literária a que pertence Cyro e principia pela fatal comparação com Machado de Assis, para, então, estender a família espiritual do autor mineiro e tratar de “uma poderosa linhagem literária do Ocidente”, enraizada em Montaigne, “daqueles que observam e criticam a vida em vez de apenas recontá-la, sob a égide do individualismo e da introspecção”.¹⁰ Um traço comum desses diversos escritores seria a intervenção da inteligência que explica porque nos romances de Cyro dos Anjos “há uma inflação de personagens intelectualizados, que não se contentam em freqüentar o século e se socorrem, às vezes copiosamente, das espécies

mencionada como próxima da tendência personalista, mas objeto de análises menos desenvolvidas da crítica de então.

⁹ ANTONIO CANDIDO, “A revolução de 1930...” (p. 198) e “A nova narrativa” (p.204). **A educação pela noite e outros escritos**, 1989. Para uma discussão mais ampla da década de 1930, ver também LAFETÁ, J **1930: a crítica e o modernismo**, 2000.

¹⁰ IVO, Ledo “O clube dos bons leitores”, **Estado de S. Paulo**, 21/11/1956.

impressas da vida”.¹¹ A implicação livresca desse projeto e a atitude intelectual do autor, que sempre lavraria a mesma gleba, vêm colocadas na comparação com outros romancistas nacionais. Nesse ponto o crítico afirma:

Com sua coleção de personagens à clef, transplantados da convivência com o autor para a mordaz ou piedosa esfera de seus romances, Cyro dos Anjos estaria longe de representar os planos mais majestosos da criação romanesca.[...] Assim, apresenta Cyro dos Anjos, em seus livros, o espetáculo de um padrão de romance estrangulado pelo conhecimento, ao transpor para o terreno da composição literária o problema insolúvel de seus personagens.

São romances prestigiados pela inteligência, compostos segundo ritos tradicionais e racionais de criação, enxameados de citações eruditas e de paralelos livrescos; e a invocação a Goethe ou Amiel, Calderon de la Barca ou San Juan de la Cruz jamais destoa dos contextos quando mentada ou dita pela fauna de literatos, burocratas e professores de Belo Horizonte. E o motivo da adequação está, simplesmente, em que Cyro dos Anjos pratica não uma espécie de romance de costumes mas, de maneira discreta e um pouco timorata, um romance da inteligência.¹²

J. Etienne Filho é outro que dedica alguns artigos aos romances de Cyro dos Anjos, nomeado como “um clássico do modernismo”. Ainda em 1945, como um dos poucos que consideram haver em *Abdias* uma evolução positiva da linha narrativa criada no *Amanuense Belmiro*, estabelece a relação dos livros citados com o panorama do romance brasileiro da época:

E Cyro dos Anjos? Aparentemente, o seu livro não participa, não toma o partido do povo, para usar uma expressão tão elevada, mas que toma o ar detestável, à custa de ser explorada em campanhas políticas nem sempre muito honestas. O primeiro livro nos narra as desventuras de um pobre amanuense, cheio de dramas,

¹¹ IVO, “O clube...”, 1956.

¹² Idem, 1956.

às voltas com uma turma de literatos, amando a um mito, vivendo entre duas irmãs esquisitíssimas, escrevendo o seu diário lírico. De fato, nada de mais aparentemente gratuito, inócuo. Passado o tempo, porém, voltemos ao amanuense. Como resiste bem a esses nove anos de vida. Como encontramos ali uma sociedade, um clima. Como a situação histórica está fixada, por processos sutis de arte. É toda uma classe miseravelmente desamparada que é fixada em Belmiro. É todo um mundo pequeno burguês que se move ao seu redor. O que há é apenas o seguinte: o livro não quis ser documental, não foi feito com a intenção de servir para arte social, no mau sentido em que tomamos esta expressão. [...] De fato, *Abdias* supera em muito o *Amanuense*, saídos embora da mesma grei, participantes do mesmo mundo, fruto da mesma sociedade pequeno- burguesa. (...). *Abdias* é assim mais uma peça nos autos do processo da burguesia. E o é dentro de sua função artística, isto é, como romance, como livro de história, de ficção, de coisa inventada, de imaginação. Não é um documento, é uma obra de arte.¹³

Temístocles Linhares também polemiza com uma tendência daqueles anos que exigia da expressão artística a representação de problemas sociais da coletividade e, nessa perspectiva, comenta a obra de Cyro dos Anjos. Encontrando nela o exemplo da natureza individual da arte, que simultaneamente particulariza uma identidade e expande sua significação pessoal para a alma de uma época, comenta:

Abdias – um tipo de professor dificilmente igualável em nossa literatura de romance – nos faz justamente mergulhar no dramático, no psicológico existente em toda natureza humana e que hoje se tenta disfarçar com meros conceitos sobre o homem, a vida, o coletivo etc., sem nenhum sentido humano, como se pudéssemos desprezar a história concreta de cada indivíduo em si e das distinções que ele só, considerado em si, nos sugere.

A história de Abdias é um desmentido dessa tendência e uma afirmação de que todo o conhecimento humano deve se inspirar

¹³ J. ETIENNE FILHO, “Ao lado do Amanuense”, *O Diário*, 1945.

acima de tudo na biografia. Eis a fonte em que ela se inspira e que nem por isso impede Abdias de sair de si, do monólogo de seu diário, para travar conosco um diálogo harmonioso que nos põe em face de nossa própria situação, de nosso contato com os homens e as coisas, de nossas aventuras, [...]. Linha biográfica que, por seu turno, já quer dizer muita coisa e nos permite associar estreitamente um certo modo de vida e um certo modo de expressão poética. Linha biográfica que evidencia ser Abdias aos olhos do sr. Cyro dos Anjos, senão ele próprio, pelo menos um certo homem de seu tempo, com o qual sinta numerosas afinidades, cujo drama não seja muito diferente do seu, a expressão humana do desequilíbrio atual de nossa civilização, o lançamento do homem na vida de hoje, a confrontação com o social, com a revolução.

E por isso o drama de Abdias está também visceralmente ligado ao nosso, homens de 40 anos, que ainda não nos adaptamos e que ainda tateamos, ainda não encontramos caminho na floresta obscura de nossa época e da alma humana de nossa época.¹⁴

Esses poucos recortes críticos, diferentes entre si, esclarecem o modo pelo qual a discussão entre os rumos da literatura social e da literatura personalista orientava os críticos e escritores àquela época. As leituras citadas defendem que os dois primeiros romances de Cyro destoam da corrente dominante dos livros “que participam, tomam o partido do povo” e mergulham na natureza humana que “hoje se tenta disfarçar com meros conceitos sobre o homem, a vida, o coletivo”; são livros que não querem servir “para arte social, no mau sentido em que tomamos esta expressão”.

Assim, esses rodapés evidenciam a motivação ideológica dos críticos, a qual se arma contra a aposta em um tipo de expressão literária – que fica reduzida a fórmulas

¹⁴ LINHARES, Temistocles. “A linha biográfica em Cyro dos Anjos”. **Jornal de Letras**. Rio de Janeiro, 11/08/1946

tratadas com ironia –, e é essa motivação que impele a consideração da ficção de *O Amanuense* ou de *Abdias*. Ledo Ivo entende as escolhas romanescas do escritor mineiro na articulação entre traços de individualismo e introspecção com uma atmosfera intelectual em sentido amplo. Temístocles Linhares enxerga na matriz biográfica de *Abdias* a expressão do homem contemporâneo e seu desequilíbrio dramático. Insistem, portanto, em um caráter universal dos vínculos ficcionais. Mesmo a atenção especial dada às circunstâncias, a fixação da situação histórica “de uma classe miseravelmente desamparada”, não foge de um desdobramento genérico; por isso Etienne Filho, ainda que afirme que os liames entre os dois romances de Cyro dos Anjos e a sociedade moderna são fundamentais, pois participam do mesmo mundo, “da mesma sociedade pequeno burguesa”, opõe seu juízo aos comentários sobre a natureza documental do romance.

Outros estudos debateram-se com questões semelhantes por também enfocarem, cada um a seu modo, o vínculo da ficção de Cyro dos Anjos com o contexto nacional. No livro *Brigada ligeira e outros escritos*, Antonio Candido se dedica, em diversos momentos, à interpretação dos romances de Cyro dos Anjos junto às análises sobre a narrativa da época. Para Candido, o desenvolvimento interno do romance nacional interagiu com nossa evolução social e dela recebia contradições e conflitos que passaram a integrar o movimento de nossa prosa de ficção – instrumento de pesquisa humana e social. Ao afirmar que a partir de 1930 o romance burguês entra em crise no Brasil e que vários autores envolvem-se em um projeto de constituir um novo romance em que a classe burguesa não seja o paradigma absoluto, comenta:

O romance começa, pois, a não ser mais romance para classe. É ainda de classe, porque seus autores não podem se desprender da sua, burguesa. Mas porfiam em atenuar esta circunstância por uma reação ao que até então fora a literatura burguesa, tentando menos fornecer à burguesia o tipo de romance que lhe convinha, e que ela queria, do que criar livremente no sentido muito mais amplo do povo.

A seleção de temas e a intenção que animava a sua escolha falam bem desse espírito. [...] O Sr. Cyro dos Anjos, em Minas, fazia o processo do intelectualismo pequeno-burguês, mostrando as perspectivas desoladoras e paralisantes do seu requinte sem seiva.

De uns e de outros, de todos os lados, um vento de renovação, de revisão de valores, de reajustamento do sistema de equilíbrio social e literário.¹⁵

Ainda em *Brigada Ligeira*, temos acesso ao rodapé sobre o *Amanuense*,¹⁶ no qual Antonio Candido desdobra sua análise do significado do que chama de “processo do intelectualismo pequeno-burguês” e defende que o problema ilustrado pela voz narrativa reside na atitude de Belmiro a qual, ao mesmo tempo, é mais ampla do que a própria personagem e nos leva a refletir sobre o destino do intelectual em nossa sociedade. Assim, a oposição construída pelo narrador-personagem entre a vida, a esfera das relações humanas e da atuação no mundo, e a inteligência, o conhecimento excessivo que paralisa o homem, esclareceria algo das condições a que são submetidos, no Brasil, indivíduos que, como ele, cultivam diários secretos e não fizeram nada de relevante nas cidades a que se lançaram cheios de aspirações. Aquele que ganha força no universo da intimidade, que enxerga nas anotações subjetivas a evasão de uma vida sem feitos e a expressão intelectual

¹⁵ CANDIDO, Antonio “Poesia, documento e história”. **Brigada Ligeira e outros escritos**. São Paulo: Editora da Unesp, 1992. Cabe lembrar que, no mesmo livro – que reúne a crítica de rodapé da Antonio Candido para a **Folha da Manhã**, entre 1943 e 1945 – há diversas considerações restritivas ao potencial da literatura personalista, que, apesar de ser expressão da crise do tempo, do drama íntimo do eu diante de “um mundo cada vez mais áspero e insuportável, aparece, não raro, como defesa das posições já gastas da inteligência e da sociedade.” Em outro rodapé literário, inclusive, identifica uma tendência perniciosa de autores jovens “para se refugiar na literatura belmiriada em que o mineiro Cyro dos Anjos brilha como representante dos conflitos extremos de ordem psico-social que segregam o intelectual do seu tempo”(In: “Romance e expectativa”, **Folha da Manhã**. São Paulo, 08/08/1943).

da perpétua oscilação entre realidade e sonho, representa algo cujas raízes estariam fincadas em nossa matéria histórica. O valor da literatura personalista e inofensiva do amanuense movimentava o entendimento do romance. Não deixemos de apontar, porém, que, para o crítico, a figuração do burocrata lírico tem forte apelo identificatório. Ao longo do ensaio, Antonio Candido afirma que a percepção, na leitura, dos mecanismos de introjeção do mundo, da recorrência aos apelos imaginativos que o deformam, enfim, dos desdobramentos da auto-análise, seria compensada por “um maravilhoso sentido poético das coisas e dos homens” do autor. Daí a presença de uma disposição lírica, cuja alternância com o analista gera uma “disposição excepcional que é o fundamento da arte de Cyro dos Anjos” e comunica ao leitor os problemas humanos com grande poder sugestivo, impregnando a nossa sensibilidade não das contradições, mas sim dos estados sentimentais indefiníveis da personagem.

Anos depois, um ensaio de Roberto Schwarz¹⁷ tornou-se bastante conhecido por aprofundar a vinculação entre a forma literária e o processo social brasileiro via exame mais detido do ponto de vista. Ao delimitar os atributos de classe da voz narrativa e examinar suas implicações em *O Amanuense*, faz com que Belmiro ganhe de vez seu lugar histórico. As imagens poéticas que o narrador engendra deixam um rastro recuperável no contexto da modernização brasileira; o indivíduo desfibrado não é mais um qualquer, mas sim alguém cuja origem patriarcal e cuja função no campo da burocracia mineira da década de 1930 têm muito a revelar. A caracterização do homem inapto para a vida, mergulhado na intimidade e imóvel diante do mundo teria, na verdade, profunda relação com a condição social da personagem, pouco explícita na narrativa do diarista. Em seu discurso, o amanuense mobilizaria teorias díspares para ocultar e compensar o que a experiência no

¹⁶ CANDIDO, “Estratégia”, **Brigada ligeira...**, 1992.

¹⁷ SCHWARZ, Roberto. “Sobre *O amanuense Belmiro*”. **O Pai de Família e outros estudos**. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

mundo traduz como conflito. Por isso, R. Schwarz enxerga na dicção ligeira empregada por Belmiro um recurso que o poupa do confronto de posições - uma “cegueira profilática” amparada pelo privilégio social que se estendeu do meio rural para o ambiente urbano, ainda que limitado. Se a imobilidade traduz o sentido final da personagem, ela também é maior do que a própria figura e ressoa um tipo bem conhecido por nós: o herói de vida menor.¹⁸

Como Antonio Candido, Roberto Schwarz compreende o protagonista de *Cyro dos Anjos* como a ficcionalização de um tipo social e literário comum no Brasil.

Certa perspectiva da crítica literária dos anos seguintes insistiu nessa vertente analítica e levou a consideração de Belmiro como figura típica da conjuntura nacional em outras direções, aprofundando a discussão travada inicialmente por esses dois críticos.

Sérgio Miceli, em seu estudo sobre as particularidades da experiência intelectual brasileira,¹⁹ destaca em Belmiro e em outros protagonistas de romances de 30 traços de uma trajetória freqüente: filhos de famílias de proprietários rurais arruinados, eles garantiram a sobrevivência às custas do emprego público e das ocupações na imprensa, mobilizando, para tanto, diferentes graus de prestígio social que as antigas relações familiares haviam assegurado. Ao crítico interessa “salientar as condições sociais que contribuíram de modo decisivo para as estratégias de reconversão a que recorreram os romancistas e que lhes permitiram se apropriar em chaves simbólicas do mundo social em

¹⁸ Em um artigo de jornal sobre *Abdias*, ROBERTO SCHWARZ sugere que neste romance também ocorre algo similar, ao referir-se à figuração do professor: “trata-se de um tipo já clássico em nossa literatura, o herói mineiro da vida menor, de *O Amanuense Belmiro* e dos poema de Carlos Drummond de Andrade”. In: “Tempo de ficar velho”. **Estado de S. Paulo**, Suplemento Literário, n. 118, 31/01/1959.

¹⁹ MICELI, **Intelectuais...**, 2001. O quadro que Miceli tem em mente é formado tanto pela ficção quanto pela biografia dos romancistas: “Acaso se estabeleça um balanço a respeito da condição social que caracteriza alguns dos personagens-chaves dos romances da década de 1930, poder-se-á verificar que muitos deles condensam, no espaço ficcional, a ambigüidade da trajetória de seus autores. Tanto Belmiro Borba, o bacharel Carlos Melo, como João Valério e Luís da Silva realizam as diversas potencialidades objetivas das quais seus próprios autores conseguiram se livrar”(p. 160). O ponto de vista de MICELI está limitado à consideração das características sociais expressas por protagonistas e/ou autores, sem haver, portanto,

que se viram colocados à margem da classe dirigente”.²⁰ Ao identificar essa “posição em falso entre dois mundos” e rastrear a formação desses intelectuais – identificando os laços familiares, a origem em pequenas cidades, a formação autodidata, os processos de feminização e as experiências de “degradação” social propiciadas pelo declínio familiar -, percebe como a vivência na sociedade vai objetivar-se no trabalho literário. Desses “deslocamentos bruscos no espaço da classe dirigente” e da ameaça de rebaixamento social, nasce um ponto de vista que não está mais preso à classe de origem e pode tematizar literariamente sua falência;²¹ trata-se de uma perspectiva que mantém diversas relações simbólicas com o ambiente da infância e da adolescência e tem consciência dos interesses diversos que atuam no interior da classe de origem. Assim, para Miceli, o amanuense vindo de Vila Carabças é uma personagem-chave que exprime a ambigüidade da condição social partilhada por uma geração, fruto da decadência rural.

J. Gledson,²² a partir dessa personagem e da ficção de Graciliano Ramos, analisa a figura do funcionário público como narrador para pontuar os diversos fatores, sociais e intelectuais, que atuam no modo como essas narrativas enfrentam impasses compartilhados naquele tempo. Como voltaremos à leitura adiante, por ora basta salientar que também para esse crítico, Belmiro é paradigma, expressão literária de um tipo social e condição exemplar do tempo.

desdobramento da análise literária, embora com ponderações valiosas para a leitura crítica desse conjunto ficcional.

²⁰ MICELI, **Intelectuais...**, 2001, p.161.

²¹ Nas palavras de MICELI, 2001: “O afrouxamento desses laços afetivos [de classe] decorre da impossibilidade de virem a ocupar qualquer posição ligada à propriedade ou, então, de reproduzirem estratégias de sobrevivência material que seus pais tiveram ensejo de acionar num estágio progressivo, quando ainda contavam com um capital de relações sociais mais intacto. Seja qual for a variante em que se enquadra cada um dos casos, os futuros cronistas da falência de sua própria classe encontram-se impedidos de reproduzir a posição social paterna, a não ser no espaço da reconstrução literária”(p.182).

²² GLEDSON, John. “O funcionário público como narrador”. In: **Influências e impasses: Drummond e alguns contemporâneos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Em leitura mais recente, ao estudar o modernismo mineiro, Ivan Francisco Marques defende que o feito de *O Amanuense* foi transpor para a prosa o temperamento *gauche* que vincara a poesia moderna e funcionava como selo de toda uma geração.²³ Ao dar continuidade à tradição intimista de Minas e criar um herói que não resiste à tentação da auto-análise, Cyro dos Anjos apresentaria o intelectual segregado, cujo plano das memórias decai para o diário da vida pequena, “como se grassasse uma crise de autenticidade no tecido social mineiro” a que o romance psicológico dá forma.

Voltando um pouco para o debate literário daquele tempo, é o próprio Cyro dos Anjos quem ainda esclarece, em diversas entrevistas, seu ponto de vista sobre a relação entre suas narrativas e o contexto nacional. Em uma delas, para *O Jornal*, em 1945, quando indagado sobre a presença do burocrata no romance brasileiro, diz que o que motiva a frequência desse tipo social na ficção seria o fato de “sermos ainda uma nação pobre, na qual tudo gira em torno do Estado e da máquina administrativa”.²⁴ Os contornos próprios do intelectual atrelado à engrenagem estatal apareceriam na figuração do burocrata. Sobre o processo de criação de suas personagens, que identifica como seres meditativos e sensíveis cercados de caracteres afirmativos, afirma o seguinte:

Em *Abdias*, há personagens que se comportam em perfeita consonância com o espírito pragmático de nossa época; e sabem nitidamente o que querem, em matéria de reivindicações sociais e transformações políticas. Creia, pois, que não os ‘fabriquei’. Se não

²³ MARQUES, Ivan Francisco. **O Gauche e seu carnaval: um estudo sobre o modernismo mineiro**. Tese (Doutoramento), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. USP, SP, 2005.

²⁴ Material pesquisado na FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, na qual encontra-se um arquivo de Cyro dos Anjos. A entrevista citada encontra-se na pasta intitulada Produção intelectual, na parte de cópias, manuscritas ou datilografadas, de entrevistas do autor mineiro.

houvesse encontrado, a flutuar, de certa forma, na realidade, não os poderia ter inventado.²⁵

Mesmo assim, rejeita o rótulo de romance *à clé* para sua produção:

No romance, somos tentados a corrigir a natureza. Esta costuma cometer enganos, distribuindo, entre vários indivíduos, traços que deveriam estar reunidos num só. Cabe ao romancista agrupar esses caracteres dispersos e com eles criar seus tipos, que não terão menos realidade que os inscritos no registro civil...

[...]

Em Abdias, observa-se a preocupação com a questão social. Não há “torre de marfim”; como poderia o artista ser indiferente, em nossos dias, à injustiça social, tornada mais flagrante, e à situação das massas, delineada, hoje, em linhas mais patéticas? O artista vive as preocupações de sua época, tem o espírito e a sensibilidade impregnadas de seus problemas.²⁶

Parece, pois, mais ou menos estabelecido que os romances de Cyro dos Anjos podem ser lidos em função de um quadro maior, que identifica particularidades do processo histórico brasileiro sob o limitado ponto de vista das classes médias intelectualizadas da nossas capitais ainda provincianas. O abalo das estruturas tradicionais e a crise da ordem oligárquica, que transfigura formas de dominação e logra manter-se no poder em meio a lutas políticas e sociais, o predomínio do ritmo urbano e as acomodações a que se prestam as famílias em decadência e as classes médias em ascensão estabelecem uma conjunção de fatores que explica as raízes de certa intelectualidade moderna. A

²⁵ Parte final da mesma entrevista citada, **O Jornal**, 1945.

²⁶ Na mesma pasta, outra entrevista, destinada à Rádio Mineira, sem data.

dimensão ideológica que envolvia seus compromissos e projetos nem sempre era clara;²⁷ seria esse, pois, o mundo, bastante complexo e ambíguo, que se enreda no universo ficcional do nosso autor.

A especificidade do vínculo histórico que se pretende traçar aqui não deixa de ser difícil de definir, muito embora ela espere a forma do romance quase o tempo todo. O sentimento geral apontado há pouco de que a ficção do autor mineiro sintetiza a vivência de muitos frente aos impasses das condições modernas do Brasil sugere algumas matrizes; uma delas, a mais evidente, evoca a condição biográfica dos escritores no cenário nacional. Em uma atitude crítica freqüente, levou-se em conta a posição social do intelectual para constituir a base da perspectiva que influía nas obras. Cyro dos Anjos foi colocado no grupo de “homens de letras e homens de política”,²⁸ os quais, ao abrigo do emprego público e do jornalismo oficial, desdobravam as atividades literárias com maior grau de independência, mas como prática subsidiária, ao sabor das brechas dos trabalhos de gabinete. Além disso, sendo de origem provinciana, filho temporão de família numerosa, incapaz, portanto, de seguir o rumo paterno²⁹ e, assim, sem lugar certo na escala social, e também afastado da vida rural, Cyro encontraria na cidade e na oferta das profissões liberais seu espaço de luta. Sua trajetória estaria marcada, como a de outros, pela iminência

²⁷ Essa idéia de que a intelectualidade nem sempre põe na balança as determinações ideológicas ou reflete sobre as condições de classe que a envolvem está presente em diferentes momentos do livro de MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da cultura brasileira**. São Paulo: Ática, 1977, no qual investiga os pressupostos ideológicos que aparecem nas diferentes formulações sobre a cultura nacional. A complexidade do projeto político-ideológico do Estado Novo, e como isso afeta a intelectualidade, participante direta da montagem de seu esquema produtivo ou posta diante dele, são centrais para a discussão desse problema. Tais questões estão presentes também nos ensaios organizados por OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). **Estado Novo – ideologia e poder**. Zahar: Rio de Janeiro, 1982 e no livro de SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)**. Rio de Janeiro: Saga, 1969.

²⁸ O termo é evocado por Ivan Francisco MARQUES, em tese já citada, 2005, e mostra como Drummond, ao referir-se aos rapazes modernos de Belo Horizonte como “turma da pesada”, tinha em mente essa conjunção histórica específica entre as letras e a política.

²⁹ O pai de Cyro era, segundo ele, “um homem remediado, intelectual e jornalista de província, professor de escola normal, mais tarde pequeno fazendeiro e comerciante” (entrevista citada para *O jornal*, 1945). Para Miceli, 2001, como vimos, o impedimento de dar continuidade ao que o pai fizera é fundamental e também marca a trajetória de outros intelectuais do período; Miceli utiliza inclusive a expressão de Cyro dos Anjos,

da desclassificação social e pelos esforços de recolocação, que buscam estabelecer, em outra chave, uma posição de conforto e estabilidade que almejaria a manutenção ou conquista de privilégios.³⁰

Ainda nesse campo de reflexão, a formação literária e o investimento na profissionalização do escritor de romance, típico produto da época, levariam tais indivíduos a voltarem-se para sua própria experiência, registrando a dinâmica conflituosa da classe de origem, decadente, de que estariam desligados e na qual simultaneamente se manteriam atados, presos ao perdido universo da infância e por vezes incapazes de perceber as rupturas e continuidades que espreitam seus destinos. Trata-se, pois, de sujeitos expropriados de sua identidade social, e, portanto, especialmente sensíveis para espaços de acomodação que irremediavelmente deveriam buscar. Esses sujeitos são portadores de uma visão de mundo que refletiria as posições objetivas que a classe média e a intelectualidade ocuparam nos fluxos da vida moderna brasileira. Por um lado, há uma condição de dependência dupla dos letrados brasileiros, periféricos diante do cenário cultural europeu / americano e atrelados aos aparelhos do Estado, segundo a vontade da elite dirigente; por outro, no horizonte próximo, avulta o perigo da desclassificação, contra o qual lutam sem cessar. Tal situação também seria, para alguns, transformada em sentimento de solidão e privilégio do ponto de vista a partir do qual escrevem.³¹ De qualquer modo, é no espectro das mudanças operadas na primeira metade do século xx que estaria o foco do processo

“os derradeiros da prole”, para referir-se à condição comum de últimos membros de uma família numerosa partilhada por alguns escritores.

³⁰ Em grande medida, a discussão sintetizada aqui e nos próximos parágrafos está dada por MICELI em “Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1929-45)”, 2001.

³¹ VAGNER CAMILO, estudando a poesia de Drummond após 1950, **Drummond: da Rosa do povo à Rosa das Trevas** (São Paulo: Ateliê Editorial, 2001) recupera algo desse debate e relaciona a condição de dependência e desclassificação que atingia a classe média intelectualizada com a sensação de autonomia daqueles que se imaginam acima dos antagonismos de classe. Questionando-a, recupera a idéia de Mário de Andrade a respeito do complexo de inferioridade da nossa inteligência, contrabalançada por certo pensamento radical da classe média, o qual confere potencialidade crítica à atitude vacilante que marca os complexos mecanismos de cooptação, sujeição e tentativas de distanciamento da relação intelectualidade-sociedade.

histórico em questão e, quanto mais conseguirmos especificá-lo, melhor será para a análise da obra.

Se a reconversão às profissões intelectuais já marcara a trajetória de alguns filhos pobres de nossas elites, ela assume características próprias após 1930, especialmente relevantes no Estado Novo. Devemos esclarecer que, nessa perspectiva, os impasses pessoais e os problemas estéticos nos remetem a um descompasso histórico particular, que poderíamos traduzir, resumidamente, na integração entre o projeto reformista da oligarquia e as aspirações modernas da sociedade, tal como foi configurada pelo Estado autoritário de Vargas. Entre os variados pontos de interesse desse problema mais geral – o qual traduz a ambivalente situação de isolamento do intelectual diante das demais camadas sociais brasileiras e dos centros de poder e sua progressiva inclusão, por via da burocracia estatal, na ordem pública – trataremos de alguns que remontam a questões presentes na forma composicional de *Abdias*.

É certo que os espaços sociais destinados aos homens de letras multiplicaram-se e diferenciaram-se segundo a marcha da expansão do aparelho estatal e do mercado de bens culturais. O amplo processo de consolidação do aparato burocrático, atrelado ao princípio da centralização autoritária, reconfigurou as forças presentes em nosso campo intelectual. Como muitos já apontaram, sob a era Vargas o domínio da cultura tornou-se “negócio oficial”. Os intelectuais são chamados, diretamente, a integrar os quadros que definirão os novos rumos da nação. Um forte esquema ideológico, indeterminado o suficiente para abarcar uma heterogeneidade de pontos de vista, e catalizador de idéias fortes do tempo, que exigiam a participação do intelectual – como, por exemplo, a nova guinada nacionalista, que apostava no futuro grandioso do país –, ³² entra em ação e inscreve outra

³² CARONE, em **O Estado Novo (1937-1945)** (São Paulo: Difel, 1976, p. 72), especifica o sentido do nacionalismo daqueles anos, especialmente pelo viés econômico: “O pensamento tenentista ou “socializante” da época, que se expande com o Estado Novo, é caracteristicamente reformista e abrange medidas e campos heterogêneos, que traduzem medidas muito mais paliativas e prementes, do que um plano ordenado e

base material e institucional para a vida intelectual, cujo horizonte de atuação estava ao mesmo tempo aberto e impossibilitado, porque dependente das malhas do Estado vigilante.

Randal Jonhson examina a convergência, particular desse andamento histórico, entre os campos literário e político, no desejo pela “atualização”. Mostra como o projeto modernista, carregado de contradições, foi apreendido de modo conservador por Vargas – e isso não apenas porque o recrutamento da intelectualidade correu à solta, mas especialmente porque se realizou uma eficiente montagem histórica que inseria os quadros de 1922 no amplo processo de modernização do país, cujo centro decisivo era a revolução de 30: “Durante o Estado Novo, Getúlio Vargas apelou aos intelectuais e aos escritores para que abandonassem a torre de marfim que haviam ocupado durante o período republicano e instou-os a que participassem de modo ativo na tarefa de construção nacional”.³³

A politização do campo intelectual então empreendida – e favorecida pelo cenário internacional – rompe o isolamento que caracterizava grande parte de nossa elite ilustrada. Mas o controle estatal das atividades, em grande medida, faz nascerem novas modalidades de dominação, auxiliadas pelos intelectuais. De fato, em tal sistema, percebemos “como do declínio social se nutriam os quadros governamentais depois de 1930, quando o abalo das estruturas tradicionais e o predomínio do ritmo urbano suscitam novos tipos de clientela,

coerente ideologicamente. O seu desenvolvimento, no entanto, é comum à América Latina. A causa não é só a crise de 1929, mas também as características de sua expansão histórica latino-americana. A experiência russa é um dos modelos da época, mas existe a tradição da revolução mexicana de 1910-1920 e a comunitária indígena. Nacionalismo significa restrição à iniciativa estrangeira, tanto política quanto econômica.” O sentido de *missão* que permeia a intelectualidade e a elite também é tratado por OLIVEIRA, **Estado Novo – ideologia e poder** (1982, p.10): “No período pós-30, encontramos o Brasil às voltas com seu destino e sua história. Defrontamo-nos também com uma leite permeada do ideal salvacionista e que se auto-atribui um papel messiânico na vida nacional”. (Ver também JOHNSON, “A dinâmica do campo...”, 1995).

³³ JOHNSON, 1995. Ver especialmente a discussão que tece sobre as relações entre o Modernismo, os intelectuais e o Estado dirigido por Vargas, às páginas 168 a 172.

patronato, dependência e concepção de trabalho”, para usar a formulação, sempre precisa, de Antonio Candido.³⁴

Uma nova categoria social surge ligada à burocracia, a qual atinge diferentes camadas de poder, dependentes da procedência social dos convocados e de outras estratégias de reconversão. Ligada às letras, freqüentemente essa burocracia expressou a tensão que havia entre o sentimento de participação involuntária e certa liberdade comprometida como determinantes da situação em que se encontrava.³⁵

As posições de mando podiam se alterar, mas carregavam consigo os resíduos dos quais se nutriam relações profundamente desiguais, tributárias das condições de remanejamento do pacto oligárquico que pautariam a nossa história a partir de 1930. O ideário nacionalista repõe-se sempre de modo a manter obscuras as bases das relações de classe e da manutenção de suas condições de poder. Não nos esqueçamos de que o caráter não-partidário da composição das forças políticas no Estado Novo abafava os espaços de dissenso, bem como o tratamento dispensado ao proletariado, dirigido por uma inédita política trabalhista que previu a implantação de um sistema de previdência social jamais esboçado em nosso passado republicano atenuava os confrontos. O convite à classe trabalhadora despolitizava as massas e apelava para a integração ativa na construção de um país novo, dependente do patrão e do Estado, o que cerceava, junto às proibições correntes e ao controle da estrutura sindical, quaisquer organizações independentes.

É, portanto, ambivalente o processo pelo qual as camadas intelectuais envolvem-se no centro de nossa modernização conservadora. Carlos Guilherme Mota, examinando os

³⁴ “Prefácio”, in: MICELI, 2001.

³⁵ MICELI, 2001, resume o problema do desdobramento do trabalho intelectual no regime brasileiro, articulado às funções do Estado, e incorpora no trecho a formulação de Drummond em *Passeios na Ilha sobre a literatura de funcionários públicos*: “(...) o que talvez só um escritor-funcionário, ou um funcionário-escritor, seja capaz de oferecer-nos, ele que constrói, sob a proteção da Ordem Burocrática, o seu edifício de nuvens, como um louco manso e subvencionado” (p.196). Um outra reflexão menos conciliadora sobre o mesmo tema é desdobrada por DASSIN, Joan. **Política e poesia em Mário de Andrade** (São Paulo: Duas Cidades, 1978), que acompanha os passos de MÁRIO DE ANDRADE no Departamento de Cultura de São Paulo, interrompidos durante o Estado Novo (ver especialmente Cap. 6, “Vida e cultura”).

depoimentos contidos no *Testamento de uma geração*, e após sistematizar as posições de Alceu Amoroso Lima, diz que “os impasses em que se encontrava a intelectualidade não eram pequenos”.³⁶ Muitos, pertencentes a uma geração marcada por uma visão senhoril do mundo, submetida ao teste histórico da Segunda Guerra Mundial e do Estado Novo, experimentam um profundo sentimento de crise e decadência que se manifesta pela busca de variadas formas de reação contra o frustrante liberalismo da República Velha, e vão pouco a pouco juntando-se ao programa oficial do Estado getulista, cujos apelos à democracia social, à formação política de uma elite atualizada, aos anúncios da “era socializante” afinavam-se com idéias que movimentavam os meios intelectuais desde 1920. Lúcia Lippi Oliveira, após relacionar alguns nomes pertencentes aos grupos modernistas que integraram o projeto político-cultural do Estado Novo, resume a situação:

Esses exemplos não constituem uma mostra estatística, mas são significativos do apelo substancial que o Estado Novo, em sua complexa trama de ‘tradição’ e ‘modernização’, exerceu sobre a intelectualidade brasileira. Intelectuais vindos das mais diferentes origens foram desembocar numa corrente comum que se inseria no projeto de construção do Estado Nacional. Modernistas, integralistas, positivistas, católicos e socialistas são encontrados trabalhando lado a lado (...)³⁷

Uma das formas de apreender criticamente tais ambivalências se dá no próprio processo da fatura e da forma literárias, e no que estas poderiam dizer sobre a realidade nacional. Para ficar dentro do mesmo campo, pensemos em como a expressão poética de Drummond, “fazendeiro do ar”, surgida em livro só em 1954, passou recorrentemente a

³⁶ MOTA, *Ideologia da cultura...*, 1977, p.104.

³⁷ Ver OLIVEIRA, 1982. O ensaio de Mônica Pimenta VELLOSO aprofunda a discussão; ver, no mesmo livro, cap. III, “Cultura e poder político: uma configuração do campo intelectual”.

identificar as raízes históricas do impasse no qual se enredava parte da sociedade brasileira. Alguns críticos, a partir da idéia sintetizada na metáfora drummondiana, identificaram a espécie de fatalidade do indivíduo situado entre o latifúndio e a vida urbana, condição partilhada por outros escritores de 1930.³⁸ Apreenderam, também, a inclinação flutuante daquele caráter, submetido a uma série de deslocamentos e desvios impostos pela integração nas cidades modernas, marcada pela angústia acerca da própria identidade social. A imagem da indefinição, tantas vezes colada às camadas médias intelectualizadas,³⁹ tinha portanto determinação histórica, expressava algo bastante concreto: as tensões a que o lugar de classe sujeitavam essas camadas no panorama das transformações econômico-sociais do Brasil.

A consciência da decadência rural e uma espécie de falta imanente instalada nessa classe funcionária refletiram-se em diversas obras do tempo. Belmiro e o professor Abdias logo inscreveram-se nesse domínio onde a determinação social das personagens impõe a reflexão histórica.

Como já apontamos, não é outra a perspectiva que faz com que John Gledson possa investigar como alguns fatores atuantes na produção intelectual do período aproximam as obras de Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos e Cyro dos Anjos. Como hipótese, afirma que os autores lidam com problemas comuns e que as similaridades

³⁸ Como uma variante dos *fazendeiros do ar*, é sugestivo que um soneto de Emílio Moura dedicado a Cyro dos Anjos intitule-se *pastor de nuvens*.

³⁹ Em “A irresistibilidade da pequena burguesia”, ENZENSBERG faz uma análise muito sugestivo sobre o caráter da classe média alemã e européia e nos ensina questões que valem também para nós. *A classe que sobra, o resto vacilante*, é analisada diante do andamento histórico que a produziu, fruto do desenvolvimento do capital; o século xx assistiu a uma ampliação tremenda dos quadros da pequena burguesia e dos postos de empregabilidade. O estranho ódio que nutre de si, a luta contra a sensação de ser supérflua, são faces do esforço sistemático contra a desintegração social, condicionado pelas mediações que trava com os meios de produção. Daí a capacidade de mudar depressa suas ideologias, uma adaptabilidade num sistema que muda sistematicamente suas condições de identificação (**Com raiva e paciência**: ensaios sobre literatura, política e colonialismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 87-98). OEHLER, ao desenvolver a análise sobre Flaubert, também menciona a reflexão sobre o papel da burguesia imposta pelo terreno histórico, no qual a perda de universalidade é substituída pelas relações de força com as demais classes (OEHLER, Dolf. **O velho mundo desce aos infernos**: auto-análise da modernidade após o trauma de junho de 1848 em Paris. São Paulo: Companhia das Letras, 1999). Na variante brasileira da reflexão, ver DRUMMOND, em crônica bastante

construídas são resultado de uma situação compartilhada. Para o crítico, examinar a natureza social, política e intelectual do impasse, descrito de modo exemplar em *Brejo das Almas*, passa a ser importante para entender a significação estética das obras que se produziram na década de 1930. Na conclusão da análise de *O Amanuense* e de *Angústia*, surge o seguinte:

Se estou certo em sugerir que *Brejo das Almas*, num gênero diferente e com uma exposição menos explícita das relações entre os impasses individuais e o contexto social e ideológico, ainda assim prefigura os dois romances em sentidos importantes, essas analogias obviamente requerem explicações. [...]

Para começar, os três autores estão envolvidos na ruptura da sociedade rural e patriarcal das fazendas e em sua troca por uma civilização urbana que parecia não oferecer em substituto uma estrutura social em que se poderia confiar e dentro da qual se poderia operar.[...] ⁴⁰

Ao desdobrar a argumentação, Gledson pontua a atitude dos romancistas frente à revolução de 1930, a qual reflete uma visão bastante difundida no meio intelectual, que destaca no marco da república moderna brasileira a incapacidade de mudar efetivamente a realidade social do país. Assim, a dimensão histórica do impasse vivenciado pelos escritores estrutura-se nas obras por diversas imagens convocadas para descreverem um “estado de imobilidade” que retrata a “incapacidade de mudar, de se desenvolver de um passado a um futuro possível ou imaginado”, e cujas determinações encontram-se na sociedade brasileira:

impregnada por uma atitude de opor-se ao confuso domínio ideológico do tempo, “Essa nossa classe média”, in: **Passeios na ilha**.

⁴⁰ GLEDSON, **Influências e impasses...**, 2003.

As causas reais [do estado de imobilidade] são sociais, e intelectuais até o ponto em que eventos e idéias causavam uma consciência crescente da realidade social. A história intelectual da década de 1930 apóia essa convicção. As obras de Freyre e Buarque de Holanda, entre outros, mostraram uma preocupação histórica cada vez mais analítica com a herança colonial e em especial com a sociedade rural. Os romances mostram a quase impossibilidade de romper com esse mesmo passado.

[...] A escolha de funcionários públicos como narradores tem um interesse mais específico, entretanto. Tal figura – se é afligida por uma consciência social mesmo num grau mínimo, como é o caso de Belmiro e Luís – deve sentir algum sentimento de culpa ou alienação da sociedade em que ele é, com toda probabilidade, um parasita, tendo conseguido seu emprego da maneira habitual, graças a um favor ou por influências. É inevitável que isso afete a confiança em sua habilidade de refletir a verdade toda. [...] Literatura e sinecura andam juntas, e juntas impõem suas limitações aos escritores.⁴¹

Também nessa direção, e acompanhando os passos de dois críticos – Antonio Candido e Roberto Schwarz - em torno do reconhecimento do caráter contraditório da realidade nacional e da percepção de um dinamismo específico da experiência cultural na periferia, Paulo Eduardo Arantes⁴² menciona o sentimento íntimo de inadequação como o drama do intelectual brasileiro. Volta-se, para tanto, ao quadro de 1930 e à convicção amplamente difundida acerca da dualidade na experiência intelectual, traduzida nas diversas notações do descompasso profundo entre a paisagem moderna e as formas do atraso brasileiro. As idéias de um país de duas caras, próprias à configuração de uma sociedade de classes que não completa seu ciclo histórico, foram sedimentadas nas formas artísticas. Nesse sentido, Paulo Arantes retoma a análise de R. Schwarz sobre *O*

⁴¹ GLEDSON, 2003.

⁴² ARANTES, Paulo Eduardo. *O sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

Amanuense como exemplar da percepção dos liames entre forma romanesca e processo social brasileiro.

Para o andamento da nossa argumentação, caberia salientar um aspecto do debate: o pensamento dos “fazendeiros do ar” lança mão de uma mistura característica de inconciliáveis do qual *O Amanuense* é expressão cabal; Belmiro tende a uma perspectiva acomodatória na qual convivem idéias variadas, muitas vezes opostas, como “o democratismo e o privilégio, o racionalismo e o apego à tradição, o impulso confessional e o temor à luz clara”.

O reconhecimento do ritmo singular de uma formação social em função da qual Cyro dos Anjos organiza a representação faz com que tanto Candido quanto Schwarz descubram, no romance, uma manifestação muito própria da combinação brasileira entre emprego público e arte poética. Daí a espécie de expansão de significados a que a personagem de Cyro dos Anjos é submetida: torna-se emblema de um processo – belmirização – manifesto em outras obras, representativo do declínio da ordem patriarcal no andamento específico de nossa história. Assim Paulo Arantes descreve:

Mas agora interessa menos destacar o desvio da linhagem rural, que afinal é de todos os romances e poemas que retratam o declínio da ordem patriarcal, do que a lógica da referida “mistura belmiriana”. Para começar, o sempre repisado contraponto entre campo e cidade se resolve numa direção pouco estudada. Como não há transformação radical entre passado rural e presente urbano, onde se esperava conflito e desintegração, há promiscuidade entre o tradicional e o moderno que o prolonga. [...] Dou a seguir o inventário de incongruências estabelecido por Roberto: literato democrata e racionalista, Belmiro ri do avô patriarca, cujo extinto brilho rural no entanto o esmaga; moça politizada e emancipada sonha com irmãos que lhe defendam a honra; rapaz arrivista embriaga-se com tiradas nietscheanas; já o pai de família é

antes de tudo um filósofo, mas filósofo cujo élan especulativo é ameno (ou descabelado) o bastante para recomendá-lo a quem de direito e adiantar-lhe a carreira. Assim discriminada, a mistura belmiriana é um retrato do Brasil, no qual desponta uma constelação dual cujos componentes se desautorizam reciprocamente.⁴³

Segundo R. Schwarz, a imobilidade que, afinal, é a última expressão do amanuense traduz certo modo de apreender o tempo e suporta um vínculo inédito entre o indivíduo agora morador da cidade e seu passado rural. O dado prático, a alternância entre os princípios modernos, burgueses, e o patrocínio oligárquico, faz com que ressurgam novas chaves de manutenção dos privilégios.

A reflexão imposta aqui também é dupla: os contornos difusos da dialética campo / cidade, do qual partem os narradores-personagens do autor mineiro devem ser verificados em função da especificidade histórica brasileira; extrapolando e articulando *Abdias* a esse universo – na maioria das vezes atribuído apenas ao *Amanuense* – é evidente que não é possível ler o romance sem um sistema de mediações históricas das quais os contornos ideológicos da intelectualidade, seu processo paradoxal de cooptação pelo Estado e o predomínio da preocupação social na atmosfera do tempo são alguns dos dados a considerar. Trata-se, assim, de uma chave em que se dá forma literária aos dilemas e impasses do nosso “fazendeiro do ar”.

Em *Abdias*, a princípio, toda a discussão aqui travada se particulariza por meio do ambiente no qual o protagonista está imerso. Passemos, pois, a acompanhar seus passos.

⁴³ ARANTES, *Sentimento da dialética...*, 1992, p. 57.

2

*Ambiente E Mundo Social Em
Abdias*

Ainda que não pareçam centrais ao desenvolvimento da trama, as referências aos ambientes nos quais circula o narrador-personagem promovem uma espécie de inventário dos lugares ocupados pelo homem de letras na capital mineira. São detalhes marginais que localizam as atividades de Abdias e informam sobre os vínculos profissionais e os círculos sociais que frequenta; por meio deles, entretanto, a dinâmica de uma determinada camada social se recompõe, evidenciando a relevância do conjunto referencial para a composição do livro. Indo um pouco mais fundo, é a consciência da personagem que fica sugerida pela ambiência em que está imersa – daí atinarmos com o sentido da fixação do entorno numa narrativa centrada no eu. Será preciso, pois, retomar aqui os modos de integração do espaço no fluxo narrativo para qualificar a relação entre o narrador e sua ambiência.

As três principais instituições que aparecem no livro são o Colégio das Ursulinas, o Arquivo Histórico e o Centro de Estudos Sociais. Por elas, registra-se a interação de Abdias com a vida pública no decorrer de 1938 a partir de diferentes ângulos. Não é difícil perceber que cada uma das instituições citadas precisa essa interação em um sentido particular: há a educação privada de origem católica; uma versão dos órgãos oficiais e da organização do aparato burocrático ligado à cultura e o esboço de uma agremiação de caráter político já esvaziada de qualquer poder de atuação sob a vigília cerrada do Estado Novo.⁴⁴

Estão, portanto, representadas diferentes dinâmicas sociais a partir da localização das tarefas e funções de Abdias; o campo de sua atuação, tripartido assim, de modo nada

⁴⁴ No arquivo de Cyro dos Anjos da FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA encontram-se, manuscritas, as notas para a composição de *Abdias*. Nelas há diversas anotações que sistematizam as informações dos fatos históricos relevantes daqueles tempos. Há, por exemplo notas sistemáticas sobre o andamento da guerra, a datação da vinda das Ursulinas para o Brasil, fatos da história nacional, entre outros dados mais concretos, tais como as decorrências da gravidez em mulheres cardiopatas. De modo geral, elas comprovam o quanto o romancista estava empenhado em sugerir um quadro maior, de implicações realistas, na narrativa da vida do professor.

gratuito, limita e tipifica o alcance das ligações estabelecidas com mundo social de que faz parte.

O Arquivo Histórico é o lugar que recebe a notação mais marginal, quase mera referência, e já no início da narrativa pontua a situação do narrador, substituto do velho amigo Sisenando no cargo de diretor. Nada parece ter relevância, para o narrador, nesse ambiente, a não ser o fato de que é dali que vêm seus parcos vencimentos. O Arquivo será o abrigo das notas do diarista, temeroso dos olhares da mulher; funciona como o lembrete da condição de chefe de uma repartição oficial e álibi para algumas escapadelas do professor, além de aparecer na menção ao expediente vespertino. No entanto, o acúmulo dessas referências de passagem dá a medida de uma condição fundamental para o entendimento do perfil de Abdias: sua colocação no serviço público e o prestígio que a condição de diretor garante nos meios de circulação social ligados às letras. Não nos esqueçamos de que, nesse território, o poder de evocação é alto e o apelo ao contexto vem facilitado pela familiaridade com que enxergamos o quadro – as coisas nomeadas se assemelham ao que conhecemos e logo esboçam uma imagem do meio que se acomoda perfeitamente com a experiência social que temos do espaço. Em um único momento, o Arquivo ganha um registro mais focado, sob tonalidade irônica:

Da repartição vim hoje diretamente para casa, procurando evitar os cafés da Avenida, onde os clientes do Arquivo Histórico me fazem malbaratar as minhas tardes, o que é um crime em novembro, segundo Carlota, quando os crepúsculos, já longos, convidam a passeios na Fazenda Velha ou na Colônia Afonso Pena.

A desculpa que sempre usam aqueles amigos é que entraremos em tais antros apenas para um café pequeno – um cafezinho só, diz o velho Filgueiras -, mas, atrás de uma xícara vem outra, e as horas

fogem, embebidos que ficam os nossos alfarrabistas em digressões, não raro fantasiosas, acerca de seus achados e pesquisas.

Sendo outro o meu gênero de loucura e parecendo-me suficiente dedicar à História o tempo que me obriga o horário do Arquivo, concordo, com Carlota, em que a descoberta de um novo efeito de luz – que o sol poente produza na Serra do Curral, onde o minério disseminado pelas encostas desnudas permite múltiplas combinações de cores - vale mais que a exumação dalguma carcomida página que reacenda o debate sobre se foi realmente Antonio Francisco Lisboa ou seu auxiliar Tomás da Maia o escultor do profeta Baruque, do Santuário de Nosso Senhor Bom Jesus de Matozinhos.

A opinião de Carlota é, no caso, tanto mais judiciosa, quanto há o risco de não acabarem em paz essas disputas, dada a propensão dos especialistas em história colonial para resolverem suas controvérsias em pugilatos. Sisenando, que deixou o Arquivo por estar cansado deles, mais de uma vez teve de usar seu poder de polícia, no recinto da repartição, para pôr água fria nos exaltados debates em torno do âmbito geográfico em que atuou o Aleijadinho. (p. 76-7)⁴⁵

A repartição não vem, pois, propriamente descrita. Pelos comentários do narrador, fica esboçado o conjunto de pessoas que ali circulam e o trabalho que realizam, apontando-se para sua irrelevância. A digressão do diarista tem como fim a projeção indireta de sua personalidade, de sua maneira de ver o mundo. Neste caso, ainda mais indireta, já que Abdias opina apoiado nas considerações de Carlota; a mediação da mulher parece lembrá-lo do quão insignificante é esse trabalho intelectual. O tema sugerido nessa passagem é

⁴⁵ CYRO DOS ANJOS, *Abdias*. Belo Horizonte – Rio de Janeiro, Garnier, 1994. Em todas as citações do romance, utilizaremos a edição da Garnier, que reuniu, em um mesmo exemplar, *O Amanuense Belmiro*,

importante, e constitui um dos centros articuladores da fisionomia ambígua do narrador, que, sendo um homem de letras, pouco a pouco ironiza seu mundo, ao mesmo tempo em que se apóia nele para garantir certo prestígio, quando não o pagamento de suas contas.

A própria composição do romance, cuja estrutura latente é a do diário, revela essa ambigüidade; Abdias hesita em nomear as notas, chama-as de arrazoadas, linhas inertes etc, povoa as páginas de referências literárias, mostra as discussões proporcionadas pelos tópicos do curso que dá nas Ursulinas, enfim, desdobra-se no universo da literatura enquanto, por exemplo, ironiza o valor que a decantada pesquisa sobre a real autoria das *Cartas Chilenas* poderia ter.⁴⁶

Voltando à citação, o trecho assinala a condição de Abdias em uma sociedade que assistia à progressiva profissionalização das atividades intelectuais. No Arquivo, o diretor gasta as horas marcadas pelo ponto para o exame da história nacional, ao contrário dos *alfarrabistas*, para quem as *horas fogem* enquanto estão *embebidos em digressões*; o vínculo burocrático dá uma medida prática para a equação trabalho – investigação teórica. Ao dizer que é outra a sua loucura, Abdias desloca para o terreno da fantasia as preocupações daqueles que freqüentam o Arquivo e afirma, colado à mulher, que isso pouco importa face à contemplação da Serra do Curral e as simples manifestações da luz poente. Essa perspectiva superior permite o registro irônico da obsessão pelo conhecimento de detalhes do passado colonial brasileiro – cujo horizonte, afinal, fica reduzido a real

Abdias, Montanha e A menina do sobrado. As citações também serão apresentadas em itálico, seguidas da indicação da página, para facilitar a leitura.

⁴⁶ A reflexão de GLEDSON sobre a dimensão literária presente na angústia característica dos narradores de *O Amanuense* e de *Angústia* pode nos ajudar a esclarecer o valor que a literatura tem para as personagens de Cyro. Para Belmiro, escrever é uma necessidade, ligada a um ponto de vista romântico da literatura como auto-expressão, mas também um modo de manter uma superioridade social, uma compensação individual e simbólica que o livra do cotidiano mesquinho e o salva da polícia, no levante de 35. Para Abdias, “qualquer associação entre a literatura e a possibilidade de afirmar qualquer coisa que valha a pena é rompida”. Ele também escreve profissionalmente, também hesita em nomear suas notas, mas não tem qualquer projeto de escrever memórias; seu diário acompanha as auto-justificativas com que encara seus dilemas morais, também é lido por um terceiro, no caso, a mulher, e objetiva a culpa da traição imaginária (GLEDSON, “O funcionário público...”, 2003, especialmente entre as páginas 205-9 e 217-18).

autoria do entalhe de um profeta e outras tantas brigas sobre os passos de Aleijadinho. Pesquisas e achados surgem como pequenez, e reativam atitudes de obnubilação e alheamento do mundo. Além disso, segundo o relato irônico de Abdias, o Arquivo Histórico vira palco para a disputa pessoal, para a rixa que termina em agressão física.

A indicação de uma série de motivos que qualificam o trabalho intelectual “menor” está aqui manifesta, como em outros tantos momentos do livro. Notemos que a produção do próprio narrador, ligada ao exame dos códices, e sua monografia sobre as *Cartas Chilenas*, se safam da visão irônica. Mesmo assim, o ambiente dos cafés, onde continua a exposição dos feitos e digressões que no Arquivo geram brigas, e certos atributos dos homens de letras sugerem a vocação restrita do campo que abraçam. Mas, sob a figura da minoridade, nosso narrador parece atribuir valor elevado a sua atividade, como se nota no empolamento retórico com que trata de sua produção:

Exerço, no mundo das letras, atividade modesta. Não sendo criador, minha função é a de muitas formigas que sem cessar carregam para o celeiro literário os frutos quase anônimos do seu trabalho: um estudo subsidiário, uma pesquisa, pequeno ensaio crítico. (p. 159)

A auto-percepção da condição de Abdias dentro do circuito literário sinaliza não apenas um ponto de vista periférico, como também o processo de estratificação do trabalho intelectual então em curso. Precedia o trecho citado um comentário sobre a edição de uns ensaios literários de Abdias por conta da Sociedade dos Amigos do Livro. As editoras do Rio recusavam a produção da província com medo do encalhe – o que vem exemplificado na devolução da famigerada monografia sobre as *Cartas Chilenas* -, mas a privação reaparece compensada por uma série de editoras e canais menores de escoamento da produção intelectual em Belo Horizonte: pequenos jornais, revistas e às vezes tiragens

garantidas pelo próprio bolso ou pela tal sociedade. Constituem uma outra rede de fruição dos bens simbólicos, socorros mútuos, que *amparam a nós, escritores provincianos*, auxílio entre pares isolados do centro que atenua o caráter anônimo e garante a exposição de quem se diz formiga mas pensa integrar uma esfera superior de trabalho.

Outras facetas do circuito cultural são mencionadas de passagem: a visita do chefe do Serviço de Patrimônio Artístico Nacional, que veio a Sabará para organizar um museu; as conferências sobre a língua do Novo Testamento; as pequenas publicações de Abdias em jornais, na *Revista de Minas*, na *Revista da Academia*, a tentativa de ver aceitos manuscritos junto às editoras do Rio; a livraria Dois Mundos; o achado de um suposto autógrafo de Calderón de la Barca num exemplar de *La hija del sol*, guardado pelo amigo livreiro Augusto Memória; a roda de jovens literatos que estudam poesia moderna e sugerem que Gabriela publique seus contos. Se procurarmos identificar a função dessas referências, veremos que ora apenas situam o lugar onde se deflagra a ação – os encontros com Beirão nas livrarias do centro, por exemplo – ora funcionam de modo mais complexo e registram como o modo de ser do narrador se constitui dentro desses índices de modernização no campo da cultura.

No contexto da vida intelectual de Belo Horizonte, Abdias passa por cafés, por livrarias, cita conferências e jantares, dá notação marginal aos pontos de encontro e à dinâmica própria da intelectualidade naquela cidade, enquanto manifesta um amplo domínio sobre a cultura letrada, na tradição de certo enciclopedismo local.⁴⁷ Do mesmo

⁴⁷ Talvez seja importante frisar o alcance das exposições de Abdias sobre o tópico; de fato, ele parece manejar, com facilidade, amplo conjunto de referências, que não se restringem só à literatura européia e à nacional, mas passam pela filologia, pela filosofia, pela pesquisa histórica. Esse conjunto faz com que ele possa opinar sobre a autenticidade de um autógrafo de Calderón de la Barca, sobre a língua do Velho Testamento e também sugerir que tudo, no domínio teórico, dá no mesmo. Um comentário de Abdias durante as provas orais das alunas expressa bem sua visão. Em meio a uma briga entre Beirão e Silveira sobre as origens da poesia lírica galego-portuguesa, Abdias, com a autoridade de dono da cadeira, tenta conciliá-los, *ponderando, afinal, que todas aquelas teorias se perdiam no domínio das conjeturas e que umas valiam bem as outras* (p.87). A idéia de bazar rege a mobilização de elementos da cultura e teorias variadas, e responde à demanda por superioridade intelectual, que, auto-presumida, contempla as demais manifestações com ironia.

modo, em suas andanças, sublinha as mudanças do espaço urbano, a expansão da cidade para os subúrbios, a distância das vilas operárias e os arredores buscados para os passeios. Marca marginalmente os avanços das atividades industriais no território nacional – a siderurgia –, assim como data a narrativa a partir da menção ao que se passa no momento político brasileiro, que se explicita no vínculo do narrador com uma associação de caráter político, conforme veremos a seguir.

O Centro de Estudos Sociais dá conta de outra ligação de Abdias com a sociedade da qual faz parte. Propriamente, abre uma nota de atualização no quadro moderno e urbano já esboçado, pois recompõe o modo pelo qual a demanda pela participação política pressiona a integração do homem de letras na arena mais ampla de discussões da ordem pública, que participa silenciada dos rumos da nação e cheia de opiniões sobre a guerra na Europa. Não é só nos cafés da Avenida que Abdias perde tempo; deve perdê-lo no Centro, entre as infundáveis lutas de imitação ideológica, que curiosamente também comparecem como disputa pessoal:

Ao assumir, depois da crise, a direção do Centro, [João Carlos] quer dar-lhe finalidades práticas imediatas. Não fosse tio de Carlota, que lhe saiu à imagem e semelhança! As questões especulativas haviam, nos últimos tempos, acalorado extremamente as reuniões. Os debates entre socialistas de diferentes naipes impacientavam-no. Pouco ou nada sabendo acerca de idéias saint-simonistas, divergências entre proudhonianos e marxistas, concepções de Winkelblech ou Bakunin, mantinha-se alheio à discussão. Por fim, foi perdendo a paciência, e um dia gritou: “Precisamos de menos teorias e mais inquéritos! Precisamos aumentar a assistência social, pela propaganda!”

Um amigo de Roberto, recentemente admitido no grêmio, e que ainda não o conhecia, respondeu, com secura, que a situação dos operários não era tema para filantropos. A solução dos problemas de classe devia ser uma conquista política, e não matéria de obras pias. “Não somos damas de caridade”, concluiu, irônico.

João Carlos avançou, furibundo, para o rapaz: “Sou, então, uma dama de caridade, seu bigorrilhas?” Se não o tivéssemos contido a tempo, iria, por certo, a vias de fato. (p. 53-4)

A notícia da reabertura das atividades do Centro evoca de passagem a supressão das organizações político-sociais que se seguiu ao golpe de 1937. A limitação dos trabalhos às condições impostas pelo ministro do Rio e o acerto pessoal com o futuro diretor João Carlos – após longa reunião entre os dois, o local poderia voltar a funcionar –, referem-se ao domínio do estado getulista sobre qualquer forma de organização social e política. Restrito aos inquéritos, o raio da ação e a caracterização das figuras que lá circulam reduzem o alcance dos propósitos dessa agremiação – parece ser ele o único local de encontro de intelectuais que queriam discutir e atuar politicamente. No passado recente, a discussão se dava entre as diversas correntes de esquerda e João Carlos, que desdenhava a utilidade dos debates, propunha ações práticas, na direção da intervenção direta nas condições de vida dos trabalhadores. Ao mencionar a reação de um amigo de Roberto Mendonça, Abdias retoma, em chave puramente discursiva, uma posição mais à esquerda que insistia em pensar a dinâmica da luta de classes no Brasil, refutando a solução assistencialista junto ao operariado brasileiro. As opções políticas simuladas pela conversa travada no Centro recompõe, no plano ficcional, a contaminação do debate

nacional da década de 1930 pela realidade instaurada com a ditadura getulista, que respondia a seu modo aos impasses decorrentes do fim da República Velha.⁴⁸

Em 1938, tal como o representa Abdias, o Centro passa ser abrigo do reformismo vago daqueles que ali ainda encontram lugar para ensaiar alguma prática política. Segundo suas anotações, além do posicionamento diante da guerra, seus agentes estão engajados em uma lógica maior, que pauta suas ações e as torna possíveis aos olhos vigilantes do Estado. Essa lógica poderia ser traduzida na necessidade de conhecer o proletariado urbano brasileiro para daí integrá-lo nas conquistas sociais do tempo. O ambiente dá conta, assim, da representação de uma articulação, corrente na época, entre dever de participação política, ideais de socialismo evocados de matrizes diversas – mas igualmente distantes dos processos sociais em curso no Brasil - e os projetos de modernização da nação do Estado Novo, que regulavam a organização da sociedade e a expressão política segundo um aparato ideológico específico.⁴⁹

⁴⁸ Ao comentar o significado do golpe de novembro de 1937, T. SKIDMORE faz um balanço que merece registro, porque esclarece o quadro que é evocado no romance: “O sistema político aberto, com seu instável equilíbrio de forças, tinha sido desgastado pela violência da esquerda e da direita. O golpe de 1937 determinou finalmente o caminho histórico do Brasil, numa conjuntura crítica. Os objetivos de bem-estar social e nacionalismo econômico, muito debatidos no começo daquela década, iriam ser agora perseguidos sob tutela autoritária. (...) O Estado Novo, na sua forma não-diluída, entre 1937 e 1943 (quando Vargas começou a preparar-se para a volta às eleições), representou um hiato no desenvolvimento da política partidária, organizada em linhas classistas ou ideológicas – uma política que, em si mesma, só havia começado a tomar forma no Brasil em começos da década de 30. Todos os grupos de alguma significação haviam sido desbaratados ou suprimidos. Os comunistas e radicais de esquerda sofreram a repressão mais brutal. Os integralistas desapareceram, devido à repressão, em parte, porque a lógica do seu autoritarismo era minada pela forma de ditadura mais brasileira, de Vargas”. (SKIDMORE, **Brasil: de Getúlio Vargas...**, 1969, p. 52-3). Ver também Francisco Iglésias, quando comenta o tratamento dado à classe trabalhadora durante o Estado Novo, do qual as enquetes do Centro e as posições de João Carlos são retratos: “Não era revolucionário, mas cooptador da classe, tirando-lhe o cunho particular, em sentido antimarxista: não queria o operário conquistando seus direitos pela luta, pela organização própria, mas como dádiva”. (IGLESIAS, **Trajectoria política do Brasil...**, 1995, p. 255). Para a delimitação da atuação das esquerdas naquele período, ver panorama traçado por E. CARONE, **O Estado Novo...** (1976), especialmente o trecho que trata do Partido Comunista do Brasil (item G, Terceira parte).

⁴⁹ Ao analisar as publicações oficiais do Estado Novo, Mônica Pimenta VELLOSO comenta como havia uma preocupação em estabelecer o lugar dos diferentes atores sociais na construção de uma nova concepção de cultura, que uniria as esferas política e social e consolidaria o novo regime: “Dentro de tal perspectiva, em que a política é compreendida como força disciplinadora, coordenadora e organizadora das forças sociais, as manifestações da sociedade só se podem dar sob tutela da ordem política”. Adiante, ao explicar as diretrizes

O fragmento caminha na direção da caracterização de João Carlos, símbolo do homem de ação que dirige simultaneamente uma clínica, o sanatório de proletários e o asilo, uma maternidade e mais três ou quatro associações. É alguém tão empenhado que vive a *tomar dinheiro de ricos e pobres*, comanda uma *legião de senhoras* e consegue mobilizar mesmo *os lerdos* como Abdias. Por causa desse vínculo pessoal, o professor se vê dirigindo barraquinhas em quermesses beneficentes no bairro dos Funcionários ou ainda se incumbe coligir dados sobre a situação dos filhos dos operários em Belo Horizonte. A consciência diante de uma sociedade que rapidamente se diferencia e constitui novas modalidades de trabalho assalariado fica aqui figurada como um conjunto de reflexões e atitudes diante do *problema social*, expressão que, segundo a mentalidade da época, definia um dado particular de nosso processo histórico e apontava para a necessidade de cooptação e integração das massas trabalhadoras nos quadros da vida urbana em ampla aceleração.

No relato de Abdias, os passos enviesados da militância de esquerda são recompostos brevemente, enquanto projeta em outra personagem – João Carlos – o modelo de certa compreensão dos antagonismos de classe, fundado no assistencialismo. Esse tipo de consciência social envolve as atividades do Centro de Estudos Sociais e dirige um conjunto de práticas amparadas pela ideologia do estado getulista.

A agremiação também funcionará como o motivo que permite a única variação do ambiente das personagens do livro – predominantemente o de algumas camadas da vida

propostas para o desenvolvimento da cultura brasileira, anunciadas na revista **Ciência Política**, aparecem os seguintes itens: “1.Necessidade de se efetuarem estudos objetivos e sérios, observação sociológica e investigação da psicologia nacional (...) 6. Para se traçar este programa de ação fazem-se necessários a tomada de consciência da realidade social contemporânea e o conhecimento da problemática nacional”(In: OLIVEIRA, 1982, p.88-9). Esse era o quadro ideológico refletido nas ações e compromissos do Centro de Estudos Sociais de *Abdias*, que se alinham à perspectiva política dominante de incorporar as demandas do proletariado urbano, neutralizá-las e assim torná-los objeto do projeto de desenvolvimento da nação.

burguesa – com a entrada em cena dos bairros operários.⁵⁰ Funcionará como espaço preferencial para a discussão sobre os rumos da guerra, acompanhada de perto por seus participantes. São eles que trazem um intelectual do Rio, sr. Leduc, para tratar do tema *A nova constituição soviética e as transformações da concepção marxista na Rússia*; protestam contra o pacto de Munique e o fuzilamento de Lorca. Tais indicações revelam, enfim, como o relato e a personagem estão em dia com as notícias da contemporaneidade, embora tudo se reduza a discursos e a fumaças de participação política, de que os membros, entretanto, parecem se valer para uma distinção qualquer. O Centro terá valor mais complexo para Abdias na terceira parte do romance, quando o narrador funde uma espécie de teoria sobre a dedicação cristã do amor ao outro à prática social, associando as palavras do Monsenhor Matias ao conjunto de ações de João Carlos:

Ser-me-ia possível a reeducação de mim mesmo, nesta altura da vida? Um mês depois da morte de Carlota, recomecei o trabalho do Centro. Noutros tempos, esse trabalho, de pouca eficácia certamente, mas de não pequeno valor simbólico, constituiu simples pretexto para que eu pudesse continuar a ver Gabriela! Como pode chegar a esses extremos de leviandade e de egoísmo?

Retomei o inquérito com outro espírito, embora sinta que ainda me impele um interesse egoístico, pois essa atividade me é indispensável para encher o vazio de minha vida. Há de vir o dia em que eu seja capaz

⁵⁰ A cena dos inquéritos é exemplar disso. O narrador combina com Manuel Pedro - pedreiro remendão amigo da família e prestador de pequenos serviços urgentes no lar Abdias - a visita à Colônia Afonso Pena, onde moram operários da construção civil. Para lá ruma com a estranha comissão, composta por ele, Roberto Mendonça e adolescentes do Colégio das Ursulinas. Gabriela tenta em vão preencher o questionário tirado das revistas americanas e fica surpresa com o tipo de miséria brasileira, que não possui previsões orçamentárias para os gastos com transportes, médicos, roupas, revistas e lazer e se satisfaz em apenas sobreviver. Ocupa as páginas 119-27 de “Gabriela”, segunda parte do romance.

de exercê-la, não com o fim de me estafar, mas por amor à própria obra. (p.184-5)

O processo de engajamento de Abdias nos projetos do Centro e a progressiva incorporação de uma conduta que se volte para os pobres, embora motivados pela miséria moral do professor, constituem o máximo de seu esforço de participação nas dores do tempo. Na companhia da filha Maria Clara, percorre os bairros da cidade para constatar outra miséria, a social, *já de nós conhecida*. Termina administrando o sanatório que João Carlos lhe entrega, numa outra linhagem de sucessões.

A idéia de que as intervenções do Centro na realidade social são inócuas e este é apenas um lugar para a prática simbólica que garante a ilusão da participação política à esquerda, saltam das páginas do diário, que registra, afinal, a perspectiva dos que possuem e dos que, afinados com o espírito do tempo, parecem acreditar que precisam atuar conforme as diretrizes consentidas. Abdias anota atividades e opiniões sem concluir nada. No entanto, nós, leitores, podemos observar como os impasses vivenciados pela sociedade ali retratada são redirecionados segundo o movimento geral imposto pelo regime político, que intensificara a dependência do operariado com o Estado e articulava o progresso econômico com a correção parcial das injustiças sociais, de modo a neutralizar atritos entre classes.⁵¹

A formação do ponto de vista do narrador está condicionada a esse universo duplamente marcado pelo domínio do Estado Novo: de um lado, o campo de integração do trabalho especializado, simbólico, nos aparatos burocráticos; de outro, certa atuação

⁵¹ Para precisar esse quadro histórico, ver análise de Edgard Carone sobre as classes sociais durante o Estado Novo. Particularmente, atentar para a visão que a burguesia tem de Vargas como o homem que mantém a ordem nacional e desenvolve uma legislação social que poderia fazer o país progredir materialmente sem enfrentar os grandes conflitos e conseqüentes desordens sociais que ocorreram nos países centrais (CARONE, 1976). O romance, por meio das personagens secundárias e da visão de Abdias, explicita uma lógica semelhante ao dar figuração aos trabalhos do Centro de Estudos Sociais.

política determinada pelos vínculos com uma associação dirigida para o estudo do proletariado e a assistência dos pobres. Juntamente com a representação da moderna rede de circulação de bens culturais na esfera provinciana, o espaço social de Abdias é esboçado por meio das ligações com o Arquivo Histórico e com o Centro de Estudos Sociais, e se completará com a efetivação de uma antiga ambição de subir alguns degraus e espiar o mundo da alta sociedade de Belo Horizonte.

A representação do Colégio das Ursulinas é algo mais complexo do que os anteriores, dado que passamos da função de apenas situar Abdias num ambiente para a poderosa influência que o meio rico exerce sob sua personalidade. Ademais, grande parte da trama decorre dentro do Colégio ou ligada à principal figura que dele emerge: Gabriela. O fluxo dos eventos, portanto, encontra-se bem mais vinculado a ele do que às duas instituições anteriormente tratadas, desde o início, já que ali se deflagra a história. O princípio do romance, *in medias res*, abre com o convite das Ursulinas a Abdias e relata um contato anterior, em que as freiras solicitavam seu auxílio junto ao diretor do Patrimônio Municipal para que pudessem usar terrenos próximos à área já ocupada pelo Colégio, no bairro da Cerâmica. De fato, isso não passava de um pretexto para que Mère Blandine, com sua *sutileza*, obtivesse informações a respeito de Abdias – o que, aliás, ela já fizera junto a Carlota e outros conhecidos do narrador. Era preciso verdadeira sindicância para ser apto para o posto...

De todo modo, com Abdias contratado, são inúmeros os trechos de narração direta em que entram em cena a rotina escolar, as intrigas entre as alunas, a hierarquia social que preside as relações entre alunas e freiras, os cursos, as provas, as rezas, formatura etc.

Toda a metade final do primeiro fragmento do diário é dedicada ao perfil do Colégio. Sensível ao que este representa para a elite de Belo Horizonte, Abdias enxerga, nesse espaço, o predomínio de uma fração social de que a direção é porta-voz e que lhe parece decadente – embora guarde a máscara de superioridade – por rumar na contramão da *era socializante* que viria em um futuro próximo. A perspectiva que permite essa visão do narrador recupera uma face de sua figura, a do intelectual que reflete, de algum modo, nos movimentos mais amplos de transformação da sociedade brasileira, e pode identificar, no plano retórico, a camada dominante como aristocracia ruínosa. Por isso, a certa altura, a caracterização que faz do *educandário* repõe um problema histórico, próprio da evolução da sociedade brasileira:

O Colégio das Ursulinas é um estabelecimento de luxo, fundado adrede para receber moças da alta burguesia. Entramos numa era socializante, em que vão caducando as distinções de castas e certas palavras discriminativas caem em desuso ou são cuidadosamente evitadas. Entretanto, os jornais ainda lhe chamam de “aristocrático educandário” e o epíteto não constrange as freiras.

Pelo contrário, procuram conservar essa tradição e, para uma jovem, ser admitida no Colégio equivale a um título honorífico. As pessoas menos prestigiosas, segundo me informa Carlota, não raro recorrem às cartas de recomendação, quando se trata de obter a matrícula das filhas. Não são muitas as vagas disponíveis e a maior parte delas se preenche por uma como sucessão hereditária, entre as famílias de elevada categoria.

O Colégio aparece, assim, principalmente aos olhos das senhoras cujo ingresso na sociedade é recente como algo distante,

inacessível quase, que cumpre conquistar para que consolidem a posição social.

Mas, meu Deus, deixemos em paz essas aflitas matronas que porfiam por coisas tão vazias de substância. Metade do mundo gravita em torno de pequenas vaidades e ostentações, e as mulheres nelas se comprazem mais que tudo, mesmo a minha valente Carlota, que vive afastada do século. (p. 16-7)

Os traços do ambiente estão dispostos de acordo com a significação que possuem na dinâmica pública e remontam a um de tipo organização social explicada com alguma ironia nas palavras de Abdias. Aquele participante do Centro de Estudos Sociais que está relativamente engajado em um certo modo de perceber a contemporaneidade pode assumir uma pose crítica e afirmar que o Colégio e a educação das moças de “boas” famílias se distinguem dos ajustamentos sociais mais modernos. Ainda assim, registra como os antigos espaços de educação burguesa se perpetuam. Dentro do mundo das Ursulinas – fechado em uma determinada classe – , a sucessão hereditária efetiva o corte social, e as gerações bem nascidas preenchem naturalmente os espaços, enquanto há uma pequena margem de manobra para aquelas famílias não tão bem colocadas na genealogia mineira que, por sua vez, dependem de favores para ali ingressar. As *cartas de recomendação*, um selo de garantia, mostram os movimentos de acomodação próprios das camadas dominantes; o lugar fundado *adrede* para receber as filhas da alta burguesia se perpetua no espaço das famílias de nome e naquelas recém-endinheiradas, estratos diversos dos abastados contemporâneos. Entrar ali é estampar um emblema de distinção, seja mantendo uma posição de origem, imprimindo a marca do continuísmo e da conservação, seja buscando o apadrinhamento entre os grandes.

Para o narrador, portanto, a cena contemporânea proporciona duplamente a percepção, distanciada pela reflexão, do mundo caduco e a entrevisão da nova etapa histórica. O ambiente das classes altas é reduzido às vaidades femininas, enquanto as *questões de substância*, no ano de 1938, apontam para uma *era socializante* na qual o ritmo das transformações minaria as distinções aristocráticas. As *castas* – ou qualquer discriminação de fundo social – não passariam de tralha velha que sobrevive na cabeça de mães e freiras. O século seria o tempo de mudança. No entanto, a presunção retórica de Abdias, que aposta na progressão histórica, convive com formas tradicionais de manter privilégios e ele delas se vale. Apesar de condenado, o tal mundo caduco ainda dá algumas cartas.

Além disso, a entrada de Abdias no Colégio e o reencontro com os Ataídes ativam as reminiscências da infância do narrador e seu fascínio pela vida aristocrática. Se, por um lado, ele ridiculariza a preocupação com a ostentação vaidosa e irrelevante de atributos de classes, típica de *aflitas matronas* que, tal qual Carlota, vivem *afastadas do século*, por outro lado ele próprio experimenta alvoroço e inquietação diante do convite que repõe sua ambição antiga. Algumas linhas antes do trecho citado, Abdias comentava a surpresa e a satisfação com o novo emprego, que *há muito aspirava, talvez por um desejo secreto de tribuna que mora no peito dos tímidos*. Notemos que as explicações de Abdias sempre escamoteiam algo e são pouco convincentes: por ser tímido quer se tornar professor; sequer menciona o ganho salarial que obterá, embora, ao longo da narrativa, sempre esteja às voltas com apertos financeiros. Havíamos sido informados que Sisenando, antigo diretor do Arquivo Histórico, já falara diversas vezes que queria levá-lo para o Colégio, onde também dava aulas; segundo o bom amigo, Abdias seria *uma vocação ignorada para o magistério*. Embora não pareça, ocupar esse novo lugar social era um projeto do protagonista, que sempre trabalhara com pesquisa literária. No plano pessoal, portanto, as

idéias de Abdias estão mais embaralhadas do que o plano do enunciado sugere; o narrador, sem refletir o quanto seus atos contrariam seu discurso, enxerga-se como agente do presente, embora se preste à manutenção do antigo.

Conforme o ano letivo avança, o professor assiste aos conflitos da turma e lamenta seu progressivo envolvimento com aquele universo:

Não voltarei ao colégio no ano próximo. Meu temperamento não se adapta a essas coisas, e sofro com elas como se se tratasse de grave infortúnio. É uma fraqueza, bem sei. E é deplorável que um homem, na minha idade e na época em que vivemos, esteja a ocupar-se de mocinhas e de enredos de colegiais. Os espíritos sérios de minha geração acham-se voltados para os problemas que o mundo nos propõe, nestes tempos em que se esperam tão substanciais transformações. Falto ao meu dever para com a sociedade, torno-me um rabo-de-saia.
(p.76)

A futilidade do meio das Ursulinas é mirada pelo professor, que, seduzido pelas *moças em flor* e comprometido por suas fraquezas pessoais,⁵² ainda mantém a encenação de que é um dever de sua geração intervir nas tarefas do presente.

Ao mesmo tempo, Abdias pontua, com clareza, a analogia que há entre aquela instituição educacional e a sociedade na qual está imersa:

O ambiente aristocrático do Colégio comporta, naturalmente, graduações. Há uma escala hierárquica, e podemos conhecê-la através

⁵² O sofrimento com as intrigas das alunas diz respeito diretamente a seu envolvimento com Gabriela; Vanda Lopes, inimiga de Gabriela, fizera uma caricatura do professor aos pés de sua deusa, em posição de vassalagem amorosa, que circulara em sala de aula. Isso põe em xeque o lugar social do professor e, assim,

das sutis distinções que o Colégio faz no tratamento das alunas. Se mal se percebe diferença entre o acolhimento dispensado à filha de uma notabilidade política do dia e o que se dá a uma jovem das altas finanças, nota-se, porém, com facilidade, a mudança de trato em relação a uma fazendeira do interior ou a outras moças de boa família, mas sem posição brilhante. (p.30)

A hierarquização das alunas segundo a posição que ocupam na sociedade, a qual não depende apenas do dinheiro, torna-se o paradigma que regula o tratamento pessoal dispensado a cada tipo de riqueza no Colégio. Há, portanto, tipos de moças, cujo valor depende da origem do poder familiar – o mundo das finanças e da política são equivalentes, mas o rural já virou moeda menor.

Do mesmo modo, entre freiras e professores há distinções; num comentário de Abdias com a *surveillante* sobre o interesse das alunas pelos trovadores, a diferenciação segundo a origem social influi na percepção preconceituosa da formação cultural, que igualmente separa aquelas que dirigem um estabelecimento de luxo das outras que servem para ralar com as meninas:

Soeur Brigide pouco deve saber, aliás, acerca de trovadores. Não é culta nem polida como Mère Blandine, que provém de tronco ilustre e teve apurada educação. Segundo me contou ela própria, pertence a rude família de montanhese da região do Jura. (p.25)

O ambiente das colegiais, aos olhos de Abdias, passa a ser índice da sobrevida de uma configuração histórica que estaria superada nesses tempos de espera pelo novo.

ameaça-o duplamente: pelo ridículo da caricatura – que o revela a ele mesmo – e pela ameaça de que isso chegue aos olhos das freiras.

Enquanto está lá, afinal, procura desculpar-se e arranjar justificativas para seus vínculos com as alunas e com Gabriela; segundo sua expressão, ainda na primeira parte do romance, não há mal algum que alguém se preocupe tanto com essas mocinhas e *fixe esse pequeno aspecto do mundo capitalista em decomposição* (p.32).⁵³ No entanto, no conjunto do livro, a trajetória interna do narrador recolocará o conflito em outros termos, pois nem ele deixa de ser *um rabo-de-saia*, nem as *substanciais transformações* se efetivam.

A busca de Abdias por encontrar uma validade histórica nas opções que toma e por desculpar-se de seus pensamentos rege uma dinâmica específica em que seus comentários sobre o mundo são inseparáveis das demandas subjetivas. Duas normas parecem reger a convivência de Abdias com o Colégio e, por extensão, com a camada social que ali convive: há o olhar moderno, por meio do qual o professor se descola daqueles princípios de hierarquia e discriminação social e os condena; e o comprometimento afetivo com aquele universo, nem sempre avaliado pelo narrador. As reflexões sobre o Colégio sobram como crítica encenada sem qualquer conseqüência – engodo ideológico que o mantém, diante de si mesmo, como intelectual à esquerda –, ao mesmo tempo em que o ambiente o seduz e lhe garante acesso a outra lógica de distinção e remuneração que o diminuto prestígio intelectual sobre o qual já assentara no Arquivo Histórico não propiciava. Nessa mistura, vemos como Abdias abusa de uma exposição irônica destinada a cutucar as próprias eleições afetivas, a medir o alcance de sua ambição e a confrontá-lo com o andamento da sociedade na qual se insere de outros modos.

A interposição de pequenas reflexões e descrições diretas no relato dos dias no Colégio resulta na aproximação de dois planos de vida do narrador, separados no tempo e no espaço. O meio físico, mirado por Abdias, ativa o motor da imaginação:

⁵³ A trapaça ainda vai mais longe e Abdias desenvolve todo um raciocínio para justificar, perante seus colegas do Centro de Estudos Sociais, o envolvimento com o Colégio das Ursulinas e com Gabriela - as pesquisas sociais por certo ganhariam se alguém, como um *apóstolo*, se aproximasse do *gentio* e o trouxesse para a *nossa causa*. É claro que todo esse engenho é mental, desdobramento nas reflexões do diário.

Na manhã de hoje, quando cheguei ao Colégio, os eucaliptos do pátio, molhados pela chuva da noite, exalavam um aroma que me transportou, por uma dessas associações, a verde corredor que serpeava por entre as chácaras e pastos, à saída de Várzea dos Buritis, na estrada de Vista Alegre. [...] Glória gostava de andar a pé, por ali, para sentir a frescura da vegetação e o cheiro que desprendiam as ervas sob a ação do sol. (p. 21-2)

A partir do momento em que se torna professor, um *novo ciclo* da vida de Abdias caminha a todo vapor e, na fantasia regressiva, traçam-se as analogias mais diversas que impregnam em uma mesma atmosfera lírica a mocidade, educada pelas Ursulinas, e seu passado pessoal, encarnado no amor por Glória. As divagações sobre a experiência no Colégio compõem esse andamento narrativo em zigue-zague em vários momentos do livro, nos quais Abdias funde uma elaboração poética da paisagem com a temática das moças em flor e do homem velho que contempla, distante, a beleza da juventude:

Minhas jovens alunas talvez nem percebam o maravilhoso amarelo que cobre o vale no outono. Aos dezesseis anos, todas as paisagens são belas, ou melhor, nem há paisagens. Somos ricos de tudo, e de tudo temos provisão que baste para suprir as coisas daquilo que lhes falta, segundo entende o nosso deleite. Mal sentiremos, assim, a delícia duma noite estival, nem nos deprimirá um dia enevoado, como o que tive hoje. (p.33-4)⁵⁴

⁵⁴ Há outras cenas em que o empenho do narrador em ver na realidade a projeção de seus devaneios se apropria da associação entre natureza e mocidade. Lembremo-nos, por exemplo, de como ele define Gabriela, após dizer que sentira por ela algo semelhante ao que sentiria por uma bela paisagem ou por uma borboleta: *Achava-me diante dessa essência volátil, desse momento dos seres, que se chama mocidade, e Gabriela se integrara na luz matinal (p. 99/100).*

As duas primeiras unidades do romance – “O Colégio das Ursulinas” e “Gabriela” – encerram com os comentários do professor sobre como a vivência das aulas *fermentou o sonho*. Estimulado pelo clima saudosista das palavras de despedida de uma aluna, Abdias associa intimamente o fascínio pela juventude e pela beleza à determinação de caracteres físicos dos *velhos troncos de Minas* a que, desde a infância, ele não pertence:

Enquanto Aurora Porto lia, com ênfase infantil, as páginas de seu discurso, eu experimentava como que uma antecipação das saudades que terei, mais tarde, do Colégio das Ursulinas, de seu vale coberto de flores, suas manhãs claras, em que uma luz intensa, jorrando das janelas abertas de par em par, ia refletir-se no branco do fustão da blusas e modelar bustos adolescentes, ou, na profundidade da sala, dourar, aqui, uma fronte nórdica, realçar, ali, o azeviche de alguma cabeça mourisca que, à maneira de caracteres recessivos, não raro surdem nos velhos troncos de Minas.(p.80)

As filiações de grande parte das alunas são nobres, e indicam as raízes européias das famílias mineiras que o narrador tem a chance (e o privilégio, mesmo denegado) de educar e contemplar. Adiante, após o final do ano letivo, Abdias recebe um telefonema de Mère Blandine, que já o incluía no quadro docente do ano seguinte. O narrador, então, relembra o passado recente, em tom elevado e algo ridículo:

*[...] Mas a palavra **rentrée** trazia em seu bojo um mundo poético decerto unsuspeito por Mère Blandine. [...] ao ouvi-la me vieram à mente, como quadros sobrepostos em que as imagens se fundem, rútilas manhãs esquecidas dentro de mim, nas quais as jovens alunas, acudindo*

ao toque da sineta, repontavam na alameda de eucaliptos e vinham a correr para o auditório do Colégio, na porfia dos lugares. Nos dias de festa, era ele pequeno para conter o álaçre bando, semelhante às nuvens de ariris e garças que baixam sobre as lagoas do sertão [...] Encarnavam a própria vida, no seu luminoso impulso. Tinham quatorze, dezesseis anos. Voltavam das férias passadas nas grandes fazendas que a imaginação medrosa de Mère Blandine – sempre a evitar visões do mundo – apenas vagamente entrevia, com suas lavouras batidas de sol, os grandes rios encachoeirados, por entre matas, onde de petits singes saltam de galho em galho. (p. 178-9)

Como vimos, ao longo da narrativa, o ambiente do Colégio será contraposto a outros aspectos da vida de Abdias; as caprichosas interrupções do narrador diante da realidade cotidiana tecem relações sistemáticas entre o Colégio e planos diversos de sua história pessoal e de suas reflexões, que aproximam o ambiente freqüentado no presente ao de Várzea dos Buritis. Será também palco de mais uma das dissociações entre o que o narrador diz e o que vivencia, destino de seus comentários críticos, irônicos, enquanto mais e mais ele se enreda na trama do amor impossível que ali começou.

A fascinação que o Colégio exerce sobre espírito do *mofino* professor-funcionário pode ser entendida, em um plano mais imediato, porque esse espaço representa uma possibilidade de ascensão social, que ademais realizaria, no presente, suas anteriores – e ainda vivas – fantasias sobre a vida aristocrática. Os laços indiretos que envolvem o narrador ali são ainda mais amplos se considerarmos sua vida familiar: Carlota foi aluna das Ursulinas, a filha o será no desfecho. O ritmo histórico, em suas portas fechadas, perpetua um passado de tradições próprias e de conservação de riqueza e prestígio, do qual Abdias se aproxima em diferentes graus.

Além das três instituições que surgem representadas em *Abdias*, os saraus na mansão dos Ataídes formam o outro ambiente espreitado pelo professor, composto de boa música, uísque e amigos da alta sociedade. Como esse mundo dos ricos evoca a vida pregressa de Abdias, que amara Glória na juventude e reencontra a família quando conhece Gabriela, trataremos dele mais adiante.

Entre os Ataídes, o Colégio e o Centro, está a vida familiar. Abdias parece ter consciência de que algo mudou, dentro de casa, a partir das aulas e do convívio com Gabriela:

Tenho vivido em franco desatino. Instilou-se em meu espírito um ingrediente que trouxe hipocondria e inquietude. Já não sou aquele homem que ordenava as suas coisas, no modesto âmbito do trabalhador das letras, estudando, escrevendo, pausado e plácido, entre a família e a repartição.(p.100-1)

Mais ainda, parece que a sua intimidade, antes voltada para a família, agora está dividida e pendula na direção pouco cômoda da traição. Outrora, o apoio em Carlota o salvara do mundo, da experiência ordinária, da própria mediocridade. Era a compensação possível para a série de frustrações da vida:

Há sofrimentos que, por patentear uma fragilidade que queremos ocultar, se tornam incomunicáveis. A humilhação sofrida secretamente; a decepção que tenhamos dito com um amigo dileto [...] ; o malogro de um plano literário; o conhecimento das limitações de nossa inteligência e das

irremediáveis deficiências de nossa cultura... esses pequenos sofrimentos de cada dia, suscitados por uma introspecção que não pode deixar de ser mórbida, castigam-nos talvez mais que as grandes dores da alma. [...] Carlota, que me observava com atenção, fazia com que eu me abrisse e lhe confessasse tudo.(p. 198)

No tempo transcorrido, tal como registrado no diário, entretanto, a família tornou-se empecilho para o devaneio da conquista amorosa, volta a ser um lar dirigido por Carlota – a quem Abdias retorna como um filho pródigo – até restar como última prisão íntima que o conforta, após a morte da esposa. O homem que vivia entre a família e a repartição passou a viver também em meio ao lixo em Belo Horizonte, o que embaralhou todo o seu modo de ser, pois trouxe à tona mal sepultadas ambições.

A constituição narrativa desse universo urbano moderno do homem de letras situa o narrador em um lugar social singular. Colocado entre a demanda de participação política e a solidariedade com o destino das massas e a venda da força de trabalho, já dividida pela estabilidade do serviço público e pelo novo prestígio dos colégios de luxo, é desse lugar que esboça a consciência do mundo que o cerca. Nesse sentido, os processos de ambientação pelos quais conhecemos seu trabalho e o conjunto de personagens secundárias com as quais se relaciona configuram o quadro social que dá esteio aos seus passos e norteia seu percurso sentimental.

3

O Sentimento De Menos-Valia

Em uma primeira leitura, o método de auto-exposição do narrador em *Abdias* arma um contra-senso. Rumando ao sabor do ritmo do diário pouco ortodoxo –⁵⁵ dado pela oscilação entre a notação dos fatos e o espelho intimista, que se mira e examina –, parece dispersivo e pouco definidor. Nesse sentido, estaria a par da ideologia sobre a natureza humana pregada por ele, segundo a qual os homens, complexos e mutáveis, resultam em seres inclassificáveis. Entretanto, em meio às contínuas explicações tecidas sobre si mesmo, figura uma personalidade composta com rigor, motivada pela apresentação de traços específicos, os quais compõem um conjunto de trejeitos, complexos, cacoetes e estigmas bem medidos. Nota-se, então, uma construção criteriosa que evoca as características do indivíduo excessivamente culto, o homem de letras contemporâneo, distante da vida, indeciso, mas exibindo-se como participante – uma certa formalização literária do homem desfibrado, da personagem fracassada, que aparece tantas vezes como imagem de um tipo médio do período.⁵⁶

⁵⁵ A estrutura geral da narrativa aponta para um uso especial do gênero. A disposição de fragmentos em prosa, em primeira pessoa, repletos de referências temporais que simulam a progressão dos dias e o relato imediato, convivem como uma menção inexata da passagem de tempo, fragmentos não datados, não dispostos sucessivamente, elos internos - tecidos pelo narrador - entre os assuntos dos excertos, bem como a sugestão de uma visão maior de todo o conjunto dos fatos. Abdias, em seu diário, tende a procurar o desdobramento de si mesmo nas experiências que vive; por isso, volta e meia interrompe a evolução da trama para tecer considerações, armar digressões e freqüentemente voltar para os tempos que vieram antes de 1938. Nesse sentido, a estrutura se presta ao retrato psicológico em profundidade que é o foco do romance.

⁵⁶ A personalidade composta pela narrativa configura um tipo social cuja matriz prática poderia ser identificada no quadro ideológico que caracteriza a inteligência brasileira das décadas de 1930-40. Em meio ao debate sobre a função do intelectual, discutiam-se com freqüência os males do intelectualismo, visto como produto da educação burguesa, em decadência. Ver depoimentos de Maria Eugênia Franco e Edgar Cavalheiro recolhidos por NEME, Mário (Org.). **Plataforma da nova geração**. (Porto Alegre: Globo, 1945). Ver também a crítica feroz à burguesia literária de Jorge de Lima, recolhida por CAVALHEIRO, Edgar (Org.). **Testamento de uma geração**. (Porto Alegre: Globo, 1944). Sérgio Milliet, nas anotações sobre *Abdias*, aponta como características centrais do professor a timidez, a covardia e a fraqueza que marcam um intelectual terrivelmente provinciano, esnobe e mal vivido, condicionado pelas “limitações todas de um espírito estratificado prematuramente graças à filosofia e à história com que encheu a mocidade pacata”. (MILLIET, Sergio. **Diário Crítico (IV)**. São Paulo: Martins, 1981). Essa figura, aliás, comparece com freqüência na literatura brasileira; ver a conhecida análise de MÁRIO DE ANDRADE sobre o tema, em “Elegia de Abril” (**Aspectos da literatura brasileira**. São Paulo: Martins, 1974), que aprofunda a visão de traços partilhados pelas personagens de romances contemporâneos; o tipo do fracassado, do indivíduo desfibrado, incompetente para viver, que não consegue opor elemento algum contra a vida ambiente e mergulha num frouxo conformismo atrairia os nossos romancistas: “Se o complexo de inferioridade sempre foi uma das grandes falhas da inteligência nacional, não sei se as angústias dos tempos de agora e suas ferozes mudanças vieram a segredar nos ouvidos passivos dessa mania de inferioridade o convite à desistência e a noção de fracasso total”.

Vejam os como tais imagens comparecem no andamento da narrativa. Já na segunda página do livro, a pretexto de traduzir o sentimento que experimenta diante do convite para as aulas nas Ursulinas, o futuro professor titubeia e pondera sobre sua timidez. Esta torna-se o pêndulo negativo da ambição que nutria, pois, excessiva, poderia pôr tudo a perder. Ainda em meio à preparação para o início do curso, o narrador volta a confirmar seus receios: a matéria árida – as origens da poesia lírica portuguesa –, para despertar o interesse das moças, exigiria um *talento verbal* que ele afirma não possuir. Com aquele tom coloquial que casa humildade simpática, que se menospreza e vacila, com erudição e refinamento, característicos de sua dicção, define-se assim: “*Positivamente, pertenço à família do homo scribens e não à do homo loquens*” (p.19). Adiante, inclusive, expande a identificação e incorpora o leitor: “*Para seres da nossa espécie, ler ou escrever é mais importante que viver. Substituímos monstruosamente a vida pela ficção*” (p.40).

Será assim no decorrer de toda a narrativa: a cada vez que é mencionado, o tópico do *homo scribens* avança e desdobra novas significações. O tipo tímido, constrangido, fechado em si, como vemos, corresponde a alguém que se imagina vivendo melhor entre os livros do que entre as pessoas, que tem rica realidade interior e se orienta pela cultura escrita; a mania introspectiva, que o colocaria menor diante do mundo, o faz maior internamente - a exposição de um defeito cria um elo com a pretensão inconfessa.

Essa timidez refinada, com o decorrer dos acontecimentos e os primeiros apuros em sala de aula, vem associada ao medo paralisante do ridículo – traço central do caráter e do comportamento de Abdias:

Sempre temi o ridículo. E tal temor, forma paroxística de minha timidez, costuma atuar na minha vida como uma bússola negativa, a orientar para o avesso meus atos. Faz-me viver de pé atrás com o mundo, torna-me arredio e suspicaz, quando poderia confiar, ou, em

virtude de viva reação, leva-me a ousar e avançar, em circunstâncias que aconselhariam retraimento. Enfim, põe-me fora do centro de gravidade. (p.19)

Adiante, o ridículo faz figura como *demônio arrimadiço, dragão amarelo* que acompanha os passos de Abdias e irá, portanto, pautar a história de seus fracassos.

Esse modo de dispor a relação com a vida como negatividade, sempre pelo avesso, desdobra um novo sentido para a oposição eu – exterior que o tema da timidez inicialmente trouxe à cena. O que o imobiliza ou desconcerta encontra razão no olhar dos outros; trata-se, de fato, menos a timidez do que o receio pelo desprezo, pela humilhação pública, expresso pelo narrador às vezes de modo bastante direto. Se atentarmos para os momentos em que ele se desdobra como outra consciência que o previne de seus próprios atos ao contemplar-se em outro papel, encontraremos diversos registros desse mecanismo de rejeição antecipada. Quando cogita em revelar a paixão por Gabriela, por exemplo, imediatamente reflete sobre o ridículo da condição:

Quando consegui vencer, pelo raciocínio, o receio de que a família soubesse do meu segredo e de que meu telefonema pudesse chocá-la, o dragão amarelo do ridículo inibia-me com o seu riso escancarado: “Que lhe vais dizer, idiota? Não achas que tua assiduidade já deve parecer enfadonha a essa moça? Ou quem sabe pretende fazer-lhe uma declaração de amor? Isso nem mesmo ofenderia a família, que te julgaria louco. Apenas se descartariam de ti, como de um importuno. Que humilhação, hein, professor?”. (p.85)

Ou ainda, ao tentar conciliar o jovem Roberto Mendonça com a comissão de moças que organizava para entrevistar os operários, seguindo o roteiro dos inquéritos do Centro de Estudos Sociais, esquadrinha o raciocínio do companheiro e, internamente, assimila o olhar que o desqualifica:

Sei que me despreza, no íntimo. [...] Afinal, mereço seu desprezo. Um homem à beira dos quarenta se deixar levar por moçoilas, como um cãozinho fraldiqueiro... [...] Que a própria consciência me perdoe, algum dia, estar procedendo assim, como um velhaco, e submetendo-me a semelhantes humilhações. O amor é duro para com aqueles a quem visita serodamente. Nada lhes dá e tudo lhes tira. Como se compraz em aviltá-los! (p.95)

Roberto Mendonça, para o narrador, encontra-se em posição superior, seja porque é jovem e por isso leva vantagem no mundo moderno, seja porque, moralmente correto, age segundo suas convicções e não se envolve nos inquéritos só para estar mais perto de *moçoilas*.

Mesmo diante de Gabriela, retoma, já falando por si, a imagem anterior: “*Já de novo me sentia satisfeito, em sua presença, como um cachorrinho a que o dono, depois do mau trato, faz algumas carícias*” (p.115). O rebaixamento a que se submete é obvio, expresso em termos degradantes, mas cabe notar que não se processa diante de qualquer situação de embaraço social ou revés amoroso, e sim diante daqueles que representam, para Abdias, o mundo da gente fina; nesse sentido, a metáfora do cãozinho que abana o rabo para qualquer carinho do dono não foi gerada apenas por uma idiossincrasia, um traço de caráter ou pela submissão sentimental, mas pelo jogo de relações sociais. O ridículo está posto, então, pela presunção inicial do narrador de compartilhar outra esfera

social, atitude que o leva imediatamente a se corrigir e antecipar, com a conquista de alguma forma cabotina de superioridade, a reação do outro, diante do qual se sujeita de antemão.

A dupla pendulação entre timidez e ambição, timidez e temor ao ridículo, se resolve, na economia interna da personagem, por uma seqüência de mecanismos de autojustificação pelos quais Abdias desdobra formas presumidas de compensar o que o denigre. O narrador gira numa cadeia de idéias que complica argumentos mas repõe o mesmo esquema em que rebaixamento e auto-indulgência andam juntos, antecipam críticas e tentam elevar sua imagem. As determinações desse movimento são menos psicológicas que sociais: o lugar que Abdias ocupa na sociedade - e que não aceita desde a infância - sugere, aos seus próprios olhos, a desqualificação e faz com que se envolva num processo interno, registrado nas páginas do diário, de conquista de algum privilégio imaginário.⁵⁷

Com isso, já podemos ver como o método utilizado pelo diarista para a auto-exposição mede-se ora pela confissão direta, ora pela encenação de si mesmo como uma terceira pessoa, destacada e vigiada por aquele que se dedica ao registro reflexivo, tomado pelo *demônio da análise*. Só para frisar um pouco mais esse aspecto do andamento narrativo, notemos que a auto-definição pouco complacente, geralmente manifesta sem aparente dobrez -- como temos durante a primeira confissão do amor por Gabriela: “*não hei de sofrer em demasia. Sou medíocre em tudo*” (p.83) –, às vezes vem atenuada pelo recurso de identificação com o leitor, numa partilha de via única: “*Nós outros roemos*

⁵⁷ Sérgio Milliet, no registro citado sobre o romance de Cyro dos Anjos, cogita sobre o interesse em estudar Abdias sobre o ponto de vista da psicanálise: “Há sem dúvida, no professor, um complexo inibitório a exigir uma compensação. Esta, Abdias a encontra no devaneio e na análise introspectiva. As anotações do seu diário tendem a afirmar a superioridade do seu espírito. Mas não chega a haver sublimação, e o herói, ante as situações concretas, recua, tergiversa, explica.”(MILLIET, **Diário crítico**, 1981).

ingloriosamente a nossa dor, burocratizamos o nosso sofrimento” (p.83). Quase simultaneamente, encontramos também o desdobramento de um outro olhar para revelar a condição rebaixada em que o narrador surpreende, por vezes, o lugar que ele próprio ocupa no meio social; Abdias torna-se, então, “*esse mofino professor de literatura, substituto de Sizenando, velho, sem popularidade...*” Na alternância dessas formas de construir um retrato de si e promover um auto-exame relativo, pouco a pouco se manifesta um sistema de valores e modos de ser da personagem, dividido entre o temor ao rebaixamento e a presunção de uma superioridade qualquer.

No retrato que o narrador impinge a si mesmo, seus dilemas parecem encontrar apoio na visão com que observa sua trajetória, marcada pela mudança de Várzea dos Buritis para Belo Horizonte. A partir desse deslocamento, o narrador encontra razões para o seu desajustamento no mundo a que pertence, explica suas raízes e o modo como vê o presente e a cena urbana.

Um dos recursos de que Abdias se vale para indicar suas fraquezas e paralelamente atenuá-las recai na reflexão irônica sobre os frágeis compromissos políticos com a sociedade atual e o apego ao passado:

[meus companheiros do Centro de Estudos Sociais] *torceriam o rosto às divagações em torno da linhagem dos Ataídes, que lhes parecerão denunciadoras de um gosto secreto pelas coisas da heráldica e genealogia, a que tanto se apegam os frívolos. [...] A preocupação com o Colégio das Ursulinas e suas futilidades não será igualmente muito ortodoxa para um social-democrata. Na verdade, há muita coisa séria em que cuidar, e este pobre coração de trovador desvia-se dos seus rumos, mal entrevê uma cara sofrivelmente bonita nas ameias dos*

seus castelos imaginários. Perdoem ao pobre tolo. Padece, sem dúvida, de um complexo de inferioridade. (p.30-31)

É evidente, no trecho, que Abdias compara duas supostas imagens de si mesmo em tom jocoso. O narrador diz ter consciência sobre a inutilidade de seu *gosto secreto*, pelo qual alinhava a história dos Ataídes à ciência dos brasões, cuja tradição é européia; se fosse julgado pelos companheiros do Centro, Abdias seria um frívolo, que descuida dos problemas do presente e não age segundo o *social-democrata* que deveria ser. Entretanto, tudo é desculpável por ele ser, na verdade, um coração tolo que padece de um complexo... Há, pois, uma série de qualificativos que o definiriam, em direções diversas: as divagações são tolas mas refinadas, *coisas da heráldica*; os rumos sérios dos desafios do presentes são reconhecidos, mas o *trovador* não consegue comprometer-se inteiramente pois desvia a atenção para moças bonitas.⁵⁸ O narrador mostra-se dividido entre a suposição de que sua ação – bem como a de seus pares – é urgente e o apego às velhas tradições, imobilizadoras. É como se seu olhar estivesse ora voltado para um passado que encarna ideais de nobreza, de superioridade aristocrática, ativados pela fantasia em torno de Gabriela e do Colégio, ora diante do presente, tempo de luta pelas transformações sociais.

Num passo a mais, esse modo de dispor uma consciência ambivalente adquire novos significados. Abdias aposta numa diferença de meios culturais para justificar como se sente inadequado diante do fino ambiente do salão dos Ataídes. O professor, um *homem*

⁵⁸ A convivência dos termos é o sintoma, no discurso, desse modo de dividir a dinâmica histórica e combinar expressões modernas com palavras antigas. O domínio da história recente, das teorias sobre a sociedade e sobre os indivíduos, comparece nos registros de Abdias, bem como os ideais de nobreza, ativados pelas lembranças da vida em Várzea dos Buritis, que o levam a convocar signos pouco usados ou carregados de significações literárias. Isso é particularmente visível em todo o fragmento que começa com o trecho citado, como veremos adiante. Roberto Schwarz, no artigo sobre o romance, pontua como a complexidade da perspectiva da personagem central tem a ver com “a constante transparência do presente em direção ao passado”, que o faz dizer que “tem saudades da estabilidade da vida de Várzea dos Buritis ao mesmo tempo em que se vale de expressões moderníssimas como o sentimento de menos- valia”(SCHWARZ, “Tempo de ficar velho”, 1959).

do sertão, observa como os ricos, esnobes, travam conversações elevadas, opinam sobre a música européia, sempre têm algo importante a dizer sobre qualquer assunto. Um dos episódios que confirmam tal juízo de Abdias é o do convite de Gabriela para que o professor junte-se ao pai e participe de novo serão musical: “*Papai anda agora na fase espanhola, e mandou vir do Rio tudo o que havia de Albeníz, Granados e De Falla...*” (p.61). A questão do cultivo, entre as classes altas, da arte como afetação, exagero artificioso e gratuito, entra em cena. Agora, Gabriela é a frívola: “*Ao ouvir-lhe estas palavras, em que me pareceu haver uma ponta de esnobismo, voltou-me por instantes a impressão de que faltava naturalidade às atitudes de Gabriela e que os Ataídes de Azevedo seriam um tanto artificiais*” (p.61). O narrador, obviamente, insinua o raciocínio mas não assume a perspectiva que o levaria à reflexão sobre a diferença entre classes. Em vez disso, adota a postura de conciliar o ruído social surgido entre ele e a mansão de Belo Horizonte com a temática mais difusa da diferença de origem, que explicaria a desigual apreensão da cultura. Tudo poderia ser uma impressão falsa de um *roceiro semicivilizado* para quem a moça fina destoa em algo que, na verdade, é uma segunda pele:

Conhecendo, na Capital, uma sociedade mais polida, terei adquirido hábitos diferentes, mas permanece, em mim, irredutível, um fundo rústico que costuma repontar aqui e ali, rompendo a frágil camada que se lhe sobrepôs.

Em Várzea dos Buritis, os homens eram secos e as mulheres escondiam a sua sensibilidade. A expressão de um pensamento ou sentimento que transcendessem as ocupações e os cuidados ordinários da vida seria tida na conta de afetação ou exagero. Daí esta feroz desconfiança que me previne até contra mim mesmo, fazendo-me suspeitar às vezes de que, no domínio literário, eu tenha me tornado

também um histrião. [...] Jamais diria, por exemplo, que estou na fase espanhola [...] mas Gabriela criou-se em meio mais fino e porventura faz isso com espontaneidade. Às necessidades que a cultura suscita é natural que correspondam hábitos novos, nova linguagem, novo tom, diferentes daqueles que exprimem a vida rudimentar de Várzea dos Buritis.(p. 61-2)

Em Abdias, conviveriam o mundo da *vida rudimentar* do interior mineiro e o mundo de Belo Horizonte. O *fundo rústico* repele as manifestações simbólicas como afetação; a *frágil camada* urbana faz com que ele se pense também um histrião, cuja farsa só se torna evidente no choque com o outro – no caso, os Ataídes – , que representaria o exagero, ridículo, dos modos postiços. Mas a conclusão do raciocínio salva a todos das insinuações: o professor, porque antecipa como a formação literária o transformou; Gabriela, porque *criatura realmente fina*, nascida em berço de ouro, vive em ambiente que naturalmente comporta a cultura elevada. Se prosseguíssemos um pouco no fragmento, veríamos como na seqüência imediata o narrador descarta as indagações sobre a possível artificialidade da aluna, cujo encanto, aliás depende delas, e termina por afirmar, “*como diria o meu Fernão Lopes, que é moça “mui louçã, aposta e de bom corpo”*”(p.62).

Abdias ainda desdobra outras considerações, mais íntimas, que o desqualificam explicitamente perante Gabriela. Volta e meia sugere ser homem feio, prosaico e velho, que sofre de dores de estômago e de reumatismo no inverno, e que se deixou iludir pelo encanto da mocidade rica, tornando-se um ridículo namorador, rabo de saia, *velho gagá* na *idade crítica*.

Nesse ponto da nossa argumentação, vale ressaltar que é o próprio narrador quem apresenta – mesmo que projetivamente – os mecanismos de rebaixamento ou diferenciação que identificam seu caráter e os conflitos que vivencia no decorrer da trama. Desse modo,

tais mecanismos estão estrategicamente dispostos e atuam junto à procura por uma explicação – ou justificação - da natureza dos sentimentos e reações que experimenta diante de uma vida que mudou a partir de sua entrada no Colégio das Ursulinas. Assim, ao nomear a si como *um frágil coração de trovador*, desviado dos rumos da realidade, preso às *ameias de castelos imaginários*, que nos pede perdão, adota uma atitude presunçosa e risível, que não oculta a própria tolice. Mas essa mesma atitude é compreensível, porque envolve um modo de ser da personagem cujo funcionamento é mais amplo do que a afirmação isolada. Afinal, Abdias não está completamente desamparado nessa tolice da imaginação poderosa; foi alimentado durante anos por ela, fruto de uma experiência de diferença de classe que, na infância, marcou-o definitivamente.

Não há dúvida de que essa história do momento presente que o professor se dispõe a contar – o progressivo envolvimento por Gabriela – vai ser rastreada em função do passado não superado. Daí vem a possibilidade de compreender o significado do *complexo de inferioridade* de que padece – o qual, em outro momento da narrativa, será associado às formas de uma *sensibilidade anômala*, cujos desvios constituem *aberrações* amorosas que o isolam no círculo fechado das quimeras. Abdias entende que a paixão movida pela distância social é o paradigma de sua intimidade, aquilo que o faz desejar um objeto que tem, por princípio, a diferença de classe como substrato comum.

Em outro fragmento, o modo pelo qual o narrador se empenha em expor sua intimidade garantindo alguma forma de superioridade consiste em equiparar-se a poetas renomados. Num deles, vale-se de Alphonsus de Guimarães:

Compreendo, agora, Alphonsus, o sentimento que visitou a tua solidão – solidão de Mariana somada à dos quarenta anos, quando nossos pais já morreram, os amigos da adolescência se dispersaram e as amadas cessaram de existir como seres imateriais, objeto de culto e

de temor, de ilusão e de mistério. Achamo-nos, então, sozinhos diante da vida e já não temos o dom de sonhar. (p. 78)

Há várias outras citações literárias pelas quais ele se mostra um indivíduo culto, que partilha dos mesmos sentimentos que marcavam poetas e personagens, como Hamlet, San Juan de la Cruz; até mesmo as Escrituras comparecem e, no final, o narrador sofre como Jó. O domínio da literatura se interpõe como camada significativa que engrandece a vida interior de Abdias, e o faz encontrar pares elevados. No caso do poeta mineiro, a metáfora do homem velho animado por novas ilusões serve de eco para a intimidade de Abdias. Ao juntar, no trecho citado acima, a melancolia e a solidão que experimenta com o sentimento do poeta, retoma essa fusão, definidora de sua personalidade, de desejo e sonho, solidão e devaneio fantasmático.

O confronto real-ilusão, velhice-mocidade, conduzido numa direção universalizante, em que a subjetividade perde os contornos particulares, reforça o perfil do narrador. Aquilo que, no limite da subjetividade que se desvenda, pode ser enunciado, exhibe o difícil percurso das fantasias compensatórias. Se colocado diante de todo o quadro narrativo, o nível – abstrato – das associações sentimentais formuladas por Abdias regula-se por algo que está entranhado no tecido social e reduz sua figura a alguém que sonha com uma recompensa, tão bem expressa na idéia de que a vida, algum dia, *irá saldar as dívidas* e ele participará da mundo dos sobrados elegantes.

Ao explicar seu complexo de inferioridade e desculpar, no presente, a persistência de resíduos do passado e a procura disfarçada por distinção, o professor formula uma

espécie de síntese que define a maneira pela qual o mecanismo de rebaixamento vem compensado pela auto-justificação e contraposto pela presunção de superioridade:

Essa tagarelice a propósito de coisas vãs são restos da crise mundana por que passou na adolescência. Quando rapaz, picado por veleidades de elegante, pretendeu freqüentar as altas rodas. Queria conhecer no seu próprio habitat aquelas esquivas criaturas que mal se deixaram ver entre a saída de uma igreja ou teatro, e a rápida partida, nos automóveis de luxo que as esperavam. Por uma anomalia do sentimento amoroso, importava-lhe, no objeto amado, mais que as qualidades específicas deste, aquilo que o moço Abdias chamava de pedigree. Uma beleza sem estirpe nem posição social não lhe causava impressão.

Mas o moço Abdias, que fruía alguma consideração em Várzea dos Buritis, sentira-se desqualificado em Belo Horizonte. Cada meio social tem a sua clave, diria um músico, e na pauta da sociedade os valores das notas variam, segundo as latitudes. Destituídos de universalidade, os valores de Várzea dos Buritis não correspondiam aos da Capital. Andou, assim, como um pária, por aqui, e foi-lhe mister refrear as aspirações mundanas. Amargou-se o coração de um jovem, mas salvou-se um clérigo dos perigos do mundo leigo.

*A posteridade te deverá esse serviço, avisada Carlota. O moço Abdias ancorou-se em ti, no momento difícil em que as desilusões sociais e os amores frustrados o iam atirando à vida boêmia. Muito há que conversar, a esse respeito, com os que preconizam o celibato dos letrados. Não fora o apoio que em ti encontrou, **o sentimento de menos-valia** que o acabrunhava talvez o arrastasse a alguma ligação com mulheres de outra casta – não propícias ao labor intelectual – e nossa*

história literária jamais teria a solução definitiva do problema das Cartas Chilenas, que creio poder dar ainda este ano, numa bem documentada monografia... (p.31-2)

O *sentimento de menos-valia*, para Abdias, atua como um divisor de águas entre a crise da mocidade e a vida posterior, em que o intelectual, casado, militante das letras, conseguiria alguma forma de reconhecimento público. A princípio relegado ao passado, tal sentimento insinua-se no presente toda vez que seus desejos inconfessos de ascensão ou de convívio com a classe abastada entram em cena. Pretensamente superado, ainda impõe as regras do jogo. A expressão, curiosa, associa um termo central da teoria marxista com a psicanálise, em tom irônico e jocoso. Revela a disposição do narrador em combinar conceitos pelos quais a consciência se mede, compõe-se, retoca-se, precipita a crítica, e explica como o sujeito está implicado no conjunto social. O que está em foco, aqui, é o lugar social que Abdias poderia ocupar e o desvã que, em dado momento, separou sua ambição daquilo que logrou efetivar. Sente-se inferior porque valia menos, até que uma série de *desilusões sociais* fez com abandonasse o propósitos de *frequentar altas rodas*. Mas não tão inferior a ponto de incorporar o rebaixamento internamente. Aí entra o casamento com Carlota, que representou de fato um porto seguro, uma estabilidade básica, um meio-termo para arranjo social a que aspirava.⁵⁹

Estamos diante de uma correlação mais ou menos complexa de fatores: a sensibilidade, que entende a si mesma como fora do lugar, gera a percepção de uma patologia nas inclinações amorosas, que, por sua vez, repõe o sentimento de menos-valia do narrador, de que se salvou, parcialmente, ao casar. O percurso de Abdias foi composto pela perda da relativa condição de fruir *alguma consideração* no meio tacanho de Várzea

⁵⁹ Não se precisam, como de resto em toda a narrativa, as condições materiais da mulher. Sobrinha de João Carlos, que tem mais recursos e vive ajudando a família de Abdias, Carlota veio de Sabará para estudar com

dos Buritis e pela recolocação difícil na Capital onde o espreitaria, dada a impossível elevação, o temor à desqualificação total. A passagem de um a outro tópico, a menção a fatos que não esclarecem todo o contexto, a ida breve ao passado para justificar o presente, bem como o movimento de tratar de si mesmo como se fosse um outro, *o moço Abdias*, não nos deve enganar. Esse passeio livre e aparentemente descomprometido – fruto de uma versatilidade que parece natural ao diarista – entre os atributos pessoais e o debate intelectual do tempo,⁶⁰ entre problemas da nossa história literária e desejo de distinção social, compõe o foco narrativo e, portanto, caracteriza a voz que narra. Segundo a lembrança de Abdias, seu conflito está relacionado a uma sociedade na qual a atribuição de valores não é justa, pois se delimita por circunstâncias e as posições sociais não mudam tão facilmente. O narrador evita chamar a experiência de classes pelo nome, preferindo a metáfora musical das claves e das notas, mas deixa o tema registrado no diário.

De um lado, Abdias configurou o limite do abismo percebido nos apuros da juventude – o coração refreado, aspirações mundanas frustradas, os perigos de um mundo leigo, as mulheres de outra casta, a vida boêmia. De outro, a estabilidade pretendida no presente – o clérigo salvo, o estável burocrata literário que, amparado num casamento conveniente, encontra condições reais para conduzir o desejo de ascensão, barrado anteriormente, nos domínios do prestígio intelectual, numa típica estratégia de reconversão que mira alguma modalidade de supremacia pública. A *tagarelice* sobre *coisas vãs*, referida por Abdias, esboça a auto-análise meio na brincadeira e condensa o percurso prosaico do narrador, tratado em linguagem elevada e auto-irônica.

as Ursulinas e freqüentar cursos na cidade, e assim passar o tempo. Sabemos também que ainda tem terras, pois diz para o marido que quer vender a belgas da Siderurgia seu quinhão numa fazenda da Água Limpa.

⁶⁰ O uso do termo clérigo aponta para a influência que a obra de Julien Benda (*A traição do clérigo*) teve no meio intelectual brasileiro, que durante toda a década de 1930 discutiu a idéia do intelectual participante ou contemplativo. Ver artigo de V.CAMILO-- em que há um resumo do debate internacional e da repercussão do livro de Benda no Brasil - “Uma poética da indecisão: Brejo das Almas” (**Novos Estudos**, 2000, especialmente p. 43-4). Sobre o pensamento de Benda, ver o debate mais amplo trazido por SAID, Edward W. **Representações do intelectual**. (São Paulo. Companhia das Letras, 2005).

No passado, para Abdias, as escolhas amorosas e o destino matrimonial compuseram uma espécie de mercado humano: por valer *menos*, nutria só *veleidades de elegante* e se sentira inferior, o que a experiência parecia comprovar, até que a saída pela carreira das letras apontasse alguma modalidade de prestígio. A pose superior, que fora apenas uma vontade imperfeita, tem alguma projeção no campo do trabalho simbólico que o casamento com Carlota teria garantido. O tom de historieta que acompanha todo o fragmento - e faz variar o sentido das palavras de uma reflexão séria de si mesmo para uma fabulazinha pretensiosa - garante o registro desse raciocínio mirabolante, recheado de associações díspares, que encobre a mescla de horror à irrelevância e o ressentimento de classe.

Na imagem que constrói de si, Abdias enxerga, portanto, uma série paralela de conquistas relativas e sonhos frustrados, de modo que pode resumir seu destino como o de um medíocre:

Certo Abdias, meu conhecido, não terá muitos motivos para amá-lo [o destino]. Só lhe deu sonho e nada mais. E um sonho que nem como sonho se realiza, porque as ilhargas do meu Quixote foi cosido um Sancho. (p. 29)

No diário, encontra a chave para a exposição dessa vida sem feitos. O ritmo de suas notas segue o *fluxo caprichoso do inconsciente* e ganha uma irregularidade de tons que torna difícil a classificação. Abdias afirma que, mesmo sendo um professor de literatura, não conseguiria catalogar o gênero em que escreve suas anotações pessoais. Além de

assinalar a falta de rigor cronológico dos seus registros, procura valer-se do ideal da escrita autêntica para afirmar que seu discurso não se pauta por um modelo, e a motivação é puramente pessoal. Trata-se, afinal, das confissões de um *plumitivo* que põe *a alma pela boca*, impulsionado pela paixão extemporânea; nada quer omitir ou disfarçar delas: “*Tenho tentado pensar nessas coisas serenamente e transpô-las para estas páginas com a objetividade do entomólogo que descreve a espécie descoberta*”(p. 141). A comparação não deixa de ser curiosa, porque tenta aproximar o que é diverso e conquistar um pequeno feito: descobrir, examinar e descrever a si mesmo como faria um cientista diante de uma nova espécie; tratar do que é subjetivo com um olhar objetivo, portanto. O empenho levaria o diário a realizar o máximo que o mecanismo de auto-investigação - próprio do gênero - poderia gerar. Não nos esqueçamos, porém, da matéria que alimenta esse projeto do narrador: o relato do envolvimento com Gabriela, que caminha sempre no compasso da irrealização. Talvez por isso a imagem do entomólogo, que teria como objeto um inseto, tal qual o próprio narrador. Logo em seguida, aliás, Abdias emenda-se e diz que não mantém a distância pretendida, o que é também típico de sua escrita, a qual traça desvios ponderados de afirmações anteriores e faz com que significados já fixados flutuem e mudem de rumo.

Perto do final dos registros, compreende a função da escrita como refúgio: “*Não só eu não poderia modificar-me nessa altura da vida, como Gabriela se tornaria para mim uma obsessão perigosa se proscrita dessas páginas*”(p.188). A salvo dos perigos da concretização amorosa, Abdias verá em seu diário o lugar que restou a ele. Ali a voz pode ecoar sem sustos e sem realizações. Nesse sentido, a escolha da forma corrobora para mostrar como o narrador é um literato que se põe ao abrigo das ações, para quem a escrita

e a ficção representam a compensação possível em que ele pode atingir alguma significação em meio a toda irrelevância de sua vida.⁶¹

O andamento dos fragmentos acompanha tal intenção. Vimos como é comum que um acontecimento motive a auto-análise e a interposição de considerações abstratas ou genéricas sobre a ordem corrente dos fatos. Em meio ao contingente, ao circunstancial, ao relato dos eventos, o narrador busca o que formaria a verdade, a substância dos dias, o sentido de suas experiências. Sua prosa imita esse movimento interior:

Penso, de novo, no que disse anteontem, e vejo que, escrevendo, me vigio melhor. Repassar as coisas, encadeá-las, dissociá-las, trazê-las à luz, afastá-las depois, para que as veja também de longe, eis o que é preciso para encontrar a verdadeira face delas. (p.187)

A constituição de um lugar simbólico onde o narrador expõe a sua intimidade, entretanto, é menos espontânea do que a suposição da sinceridade total poderia sugerir. Trata-se de dispor astuciosamente o relato do cotidiano e de um ano exemplar da vida do narrador que, de fato, não compôs no calor dos acontecimentos, mesmo quando sugere a escrita imediata. Outras intenções acompanham o tom confessional de Abdias. Conforme analisamos, o espelho de sua vida subjetiva é composto por um duplo movimento de afirmar a inferioridade e presumir alguma supremacia, qualquer que seja. Isso contamina todos os aspectos de sua prosa. Por exemplo, no que diz respeito ao diário propriamente dito, em dado momento Abdias pensa como poderia manter as notas longe dos olhares de

⁶¹ ANTONIO CANDIDO, ao tratar de *O Amanuense*, lembra como a trajetória de Belmiro poderia ser uma tipificação do destino do intelectual brasileiro, cujo costume cotidiano da introspecção, manifesto no diário, sugere o indivíduo *desfibrado*, mantido em paz pela “sociedade organizada: Criando-lhe condições de vida mais ou menos abafantes, explorando metodicamente os seus complexos e cacoetes, os poderosos deste mundo só o deixam em paz quando ele se expande nos campos geralmente inofensivos da literatura personalista, ou quando entra reverente no seu séqüito”(CANDIDO, “Estratégia”, 1992). A condição do narrador Abdias é semelhante ao que fica sugerido nessa análise.

Carlota. A inquietação caseira é comparada com Tolstói e os dilemas trazidos pela elaboração de seu diário íntimo:

Contam que o velho Tolstoi resolveu engenhosamente o problema do Diário, fazendo dois simultâneos. Um, escrevia-o às claras e esquecia-o de propósito por todos os compartimentos da casa, para que a família nele saciasse a curiosidade; o outro, o verdadeiro, que continha as confidências mais íntimas, era escrito em segredo e escondido nas botas. (p.24)

Parece possível, portanto, que alguém – nada menos do que Tolstói - trame um tipo de encenação da vida íntima, simulacro de seus segredos, enquanto oculte só para si as confidências verdadeiras. Mas essa não é a situação de Abdias, que, a despeito de invocar o exemplo, segue tecendo seus arazoados enquanto afirma ironicamente: “*É pena que eu não tenha botas e que, no caso, não se trate de um Diário*”(p.24). Nosso professor parece não só conhecer a extensão de significados dos conflitos que vivencia e anota, como sabe se diferenciar dos outros diaristas que escolhe como referência e, com isso, brilha duas vezes. Mediando a sua escrita, encontra-se o modelo do diário íntimo e as questões que envolvem a exposição da subjetividade, para serem, de certo modo, descartadas.

Com a leitura completa do romance, sabemos que Abdias passa a escrever durante o expediente no Arquivo Histórico, o diário é descoberto pela mulher e a projeção de um leitor de romance comparece em alguns pontos da narrativa.⁶² A composição do diário dentro de um romance sugere as ambigüidades do próprio narrador e o gênero não deve,

⁶² Lembremos, para exemplificar o argumento, como Abdias relata o fim da história de Violante – ilustre antepassado dos Ataíde, que traíra sua origem de classe – que por acaso *interessará a alguma romântica leitora*,.

pois, ser discutido unicamente como paradigma do qual o livro de Cyro dos Anjos se apropriou.⁶³

Abdias percebe quanto seu cabotismo se insinua até nas manifestações mais diretas da subjetividade:

Esperem. Não devo escrever tudo o que me vem à cabeça. Às vezes representamos como atores, perante nós próprios, e mesmo aquilo que brota espontaneamente do coração costuma não ser sincero. Os sentimentos usam máscaras até em sua câmara íntima. [...] É muito conhecido esse processo de captar a benevolência alheia com a confissão nua de nossas misérias. (p.102)

A narrativa em primeira pessoa, a despeito de permitir a expansão dos movimentos introspectivos, também tem em mira o consolo próprio, embalado pela conquista da solidariedade do leitor.

O diário é, portanto, menos um recurso típico de interiorização do romance do que fala exemplar do homem que se vê numa encruzilhada em que intimidade e mundo social estão embaralhados. Confrontada com a matéria que preocupa Abdias, a escolha por registrar aspectos de sua vida via notação íntima responde à necessidade do narrador de encontrar um lugar simbólico em que suas demandas podem se efetivar, ainda que de modo privado e incompleto.

⁶³ Parte da crítica literária sobre os livros de Cyro dos Anjos se orientou pela revisão das origens do gênero diário para caracterizar a forma da narrativa. Convém marcar que a comparação entre um modelo europeu da escrita íntima e as realizações ficcionais do autor mineiro acompanhou essa linha de pesquisa; assim, a atitude de auto-exame, a reflexão exposta e os apelos conturbados à consciência do indivíduo moderno foram tomados como paradigmas do narrador do *Amanuense Belmiro* – e, mais indiretamente, de *Abdias* -, o que levou a crítica para um julgamento da voz narrativa segundo o grau de verdade absoluta que as confissões exprimiriam. O que na modalidade padrão seria compromisso sério, virou desvio por meio do qual o narrador engana, simula a intimidade. Para um exemplo do debate, ver teses de MARLENE BILENK E IVAN FRANCISCO MARQUES, citadas na bibliografia.

4

A Trama Amorosa

Os Desmandos Da Imaginação

Desde o início da trama, a jovem Gabriela, bisneta do Coronel Ataíde – “*amigo de meu pai e homem de prol em Várzea dos Buritis*” (p.20) – é submetida às deformações pelas quais o sistema amoroso de Abdias costuma tratar suas eleitas. No primeiro contato, em sala de aula, um apurado professor tenta revidar o alarde zombeteiro da turma e a chama, de propósito, de Florisbela. Em seguida, Gabriela o faz recordar as relações que mantinha com a família Ataíde e o amor *fabulosamente romântico* que alimentara por sua mãe, Glória, aos doze anos. Logo será a *jovem inimiga*, nomeada à maneira dos trovadores, cujo *tom branco-mate*, peculiar da família Ataíde, fará Abdias lembrar da figura de Violante e da história contada com entusiasmo por D. Constança.⁶⁴ Mas a semelhança física encontrada pelo professor não corresponde aos caracteres; *os heróicos e generosos impulsos* daquela parecem inexistir na aluna, e nova associação se arma:

O ar fino e desdenhoso de Gabriela sugere-me, antes, alguma Urraca ou Tareja medieval, dos tempos em que os Ataídes faziam correrias em terras de Espanha, acometendo o castelhano ou castigando o sarraceno...(p.27)

Quase todas as associações de Abdias projetam a figura de Gabriela para fora do tempo presente; remontam a um passado, ora completamente ficcional, ora origem da experiência de Abdias, menino ainda, com a diferença de classe, que lhe trouxe

⁶⁴ Abdias conta, nas páginas iniciais do romance, que d. Constança, avó de Glória, sempre levava um medalhão consigo, com a figura de Violante em miniatura. Essa Ataíde de *outras eras* tivera a vida de uma *heroína de Stendhal*, no Tijuco, nos tempos da Colônia. Moça, apaixonara-se por um chefe de garimpeiros, desafiara normas políticas e sociais e fora perseguida pelo pai com o apoio das tropas reais, fugindo algumas vezes até a morte, ainda jovem. Na imaginação do professor, paira como símbolo do amor aventureiro que

humilhações que, não obstante, denega, como se não as identificasse. Abdias fabula sobre Gabriela e seu tronco, com um discurso lendário, numa espécie de mania genealógica. Fruto daquela família que pretendia descender em linha direta do *aió* de Afonso Henrique, Gabriela recupera, no devaneio do narrador, historietas da Colônia ou a Idade Média européia, com a vagueza natural das quimeras. Filha de quem é, no entanto, atualiza a porção do sonho frustrado que ficou lá atrás, em Várzea dos Buritis. O substrato comum dessas “Gabrielas” está no alcance de um ou outro raciocínio, que ata a atmosfera cavalheiresca na longínqua origem servil dos Ataídes, e dedica à moça a sobreposição caprichosa de uma série de superioridades, históricas, por cima da diferença social, que, de saída, distanciava Abdias da neta do Coronel Ataíde, numa sociedade em que domina a manutenção dos privilégios de classe e do casamento entre iguais.

A demanda de encontrar correspondências entre a aluna das Ursulinas e os quadros mentais do professor funda-se na volubilidade caprichosa da imaginação, de que Abdias parece estar plenamente consciente:

Eis aí um puro desmando da imaginação. Do mesmo modo que, nos tempos de Várzea dos Buritis, os Ataídes de então me fascinavam, beneficiando-os minha fantasia com tudo quanto se atribuía de cavalheiresco aos seus maiores – o demônio imaginário que mora nestes frágeis miolos já se pôs a trabalhar, impedindo que eu veja diante de mim apenas a jovem colegial, de família abastada, que veio polir-se nas mãos das Ursulinas. O sutil escamoteador já deslizou com a moça das fronteiras do real, introduzindo-a no mundo fluídico em que o espírito compõe suas quimeras. Já não é Gabriela: é Violante, Urraca, Tareja...(p.27)

tudo pode: enfrenta as normas sociais, une classes diversas e experimenta, em vida, uma epopéia, traduzindo o ideal de consumação amorosa entre pessoas de meios sociais desiguais.

A realidade, alterada voluntariamente, surge num comentário breve e pontua o juízo que a consciência – parcial – de Abdias tem do mundo das colegiais e o medido menosprezo pela irrelevância das famílias que lá vão *polir-se*. Mas *a moldura dum velho nome* impele a fascinação, que avança a cada aula. Não é à toa, pois, que, na imaginação do professor, Gabriela troca de nomes, se parece com outras, aproxima-se de um campo imaginário carregado pelo sentimento ilustre do passado, desliza nos devaneios e reativa as velhas fantasias de Abdias.

Em meio às demais alunas, esta Ataíde tem a seu favor o olhar de um professor embebido em antigas aspirações de pertencimento junto *aos grandes da terra*. A distinção da moça ganha maior relevo com a menção ao estrato social de várias alunas da classe em que estuda, composta por *elementos de menor influência*, enquanto a grã-fina partilha a posição brilhante do pai, médico e ex-deputado. Por trás de Gabriela arma-se, pois, o cenário da elite mineira. A união de riquezas simbolizada pelos Ataídes de Azevedo aponta para modos diferentes de acumulação da riqueza no quadro nacional – a antiga exploração de minerais e fazendas remonta às migrações dos Ataídes pelo interior, quando, após desentendimentos com uma figura do poder local, decidiram sair do Tijuco e terminaram em Várzea dos Buritis;⁶⁵ na atualidade, alia-se às funções típicas da cidade e à articulação entre influência política e profissões liberais.

Ainda que pareça duvidar da linhagem heróica e quase mítica que cria, pois se distancia e avalia as artimanhas de seu espírito (movidas pelo *demônio imaginário que mora nestes frágeis miolos*), o narrador embarca na atmosfera sugerida por suas fabulações e aposta na supremacia efetiva ou ilusória dessa família e do meio social que recompõe.

⁶⁵ Esse passado da família Ataíde é relatado como complemento da crônica da família lembrada por Abdias com a ajuda do Dr. Azevedo, que esclarecera os motivos que levaram as antigas gerações a deixar o Tijuco e explorar as terras de Santo Elói, onde fundaram uma grande fazenda. Terminam, no começo do século XIX, Várzea dos Buritis. (Ver p. 48 e 49 do romance).

Persegue, portanto, um ideal segundo o qual o mundo das relações compostas pelo privilégio de fundo aristocrático teria sido encarnado pelos Ataídes. Note-se que os domínios do que apresenta como história factual aparecem, em sua perspectiva, privilegiadamente como lenda sobreposta ao real. Quando a referência histórica serve para localizar dados, dar o contorno mais objetivo das personagens, é mencionada de passagem. O que anima o narrador a convocar o passado parece ser a reprodução, convencional, da aura romântica que nutre um destino superior e a tentativa de recuperar, em chave elevada, um velho logro que pode reconduzi-lo à figuração infantil e ao anseio de participação na vida da gente fina. Afinal, para Abdias, somente esta vive aventuras, habita mansões destoantes dos arredores, num luxo sustentado mesmo na decadência, e ainda tem forças para ser o emblema da paisagem desejada e apenas entrevista por ele, fixada no tempo das recordações conciliadoras.⁶⁶

A narração acompanha os passos da relação especial que Abdias passa a ter com a aluna: registra o cotidiano das aulas, a percepção quanto à hostilidade inicial de Gabriela, a indiferença fingida que mostra ter por ela e outras táticas de aproximação, o isolamento da menina na turma e a busca por amparo na conciliação com o professor. Finalmente, o convite por que tanto Abdias esperava concretiza-se, e ele ruma para um informal chá da

⁶⁶ Nos manuscritos do romance, arquivados na FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, havia uma versão da descrição do ambiente em Várzea dos Buritis que aprofundava a caracterização do sobrado dos Ataídes. Era uma página datilografada, repleta de anotações à margem, Cyro dos Anjos chamava a atenção para o fato de que, nos estabelecimentos comerciais do interior, a hierarquia era conhecida pelo número de portas. A idéia de articular a ambientação com o motivo das diferenças sociais parecia ainda mais explícita no projeto do romance do que na execução final; por exemplo, as lembranças de Abdias sobre as visitas ao sobrado deveriam mostrar como as divisões de castas eram claras e a gradações sociais assinaladas fisicamente; Abdias, menino, teimava em desconhecer ou repor em nova tábua de valores tal hierarquia, que idealizava: “*Tia Mariana, com desespero, me via colocar no mesmo nível pessoas de condição diversa, ou dar preeminência a outras, assim desclassificadas. Por direito de conquista, os Ataídes haviam assumido, na minha imaginação romanesca de menino, uma posição sem par*”. O plano do romance, intitulado *Gabriela de Ataíde*, mudou e só uma breve descrição do sobrado de D. Constança aparece em dois momentos de *Abdias*. No primeiro, quando Abdias lembra de Glória e de como esperava ansioso pelas férias para revê-la; a moça parecia suspeitar de sua paixão e um dia, por brincadeira, deu-lhe o braço durante um passeio e chamou-o de noivo, retirando-o assim que percebeu a perturbação do rapaz. A recordação, no entanto, atenua

tarde na mansão Ataíde. Tomado por *emoções de tímido namorado*, ocupa todo um fragmento do diário com os devaneios que a espera no vestíbulo gerou e que remontam ao mundo a que aspirava desde a juventude:

A emoção que experimentei terá sido realmente de namorado, mas namorado retrospectivo, e Gabriela apenas encarnou, aos meus olhos, donzelas de outros tempos por quem este pobre Abdias suspirou em sua melancólica adolescência. Enquanto apertava o botão elétrico da campainha, aguardando, no vestíbulo, que me viessem introduzir, tive a impressão de que a vida ia saldar comigo velhas dívidas e dar-me, de um momento para o outro, o que até ali persistira em me negar.

Quando rapaz, aguilhoado por amores momentâneos, mas intensos, prementes, vivia, nesta então para mim desconhecida cidade, a rondar as casas de namoradas que jamais seriam minhas. Como desejei penetrar nos domínios dessas criaturas! As casas tocavam-se de mistério, e a grade dos jardins parecia demarcar as fronteiras de um mundo diferente do meu, regido por outras leis, submetido a outro sistema planetário. As pessoas e as coisas que cercavam as inatingíveis namoradas adquiriam, por contágio, a propriedade que estas tinham, na minha imaginação, de – permanecendo nos quadros do real – ganharem, contudo, uma indecisão de contornos, uma fluidez, um como estado de liberdade molecular que lhes permitia ingressar nos mundos patéticos que eu criava e que a cada instante se sobrepunham à realidade, submetendo-a a constantes deformações.

Quantas vezes passei diante de certas mansões, procurando, a medo, ver namoradas que me ignoravam, mas que eu, com o sentimento de culpa que punge os apaixonados tímidos, acreditava já me terem

percebido a segui-las imprudentemente! Às vezes uma porta entreaberta ou um estore descerrado me deixavam ver o recanto de uma sala, uma poltrona, um sofá, onde aquelas criaturas haviam de estar, a alguma hora do dia, a folhear uma revista, a receber uma visita... Com esse escasso material, eu, à semelhança de um arqueólogo, tentava reconstituir tudo o mais. A vida íntima da amada, os hábitos da família, os próprios compartimentos da casa – cuja estrutura se tornava flexível à minha fantasia – recompunham-se, assim, segundo outras dimensões, noutros planos em que a minha imaginação os projetava.

Nos instantes em que permaneci à porta da residência de Gabriela, entre o toque da campainha e a vinda da criada, esse passado emergiu do meu mundo interior. Parecia-me que eu estava na posse de domínios que outrora tanto busquei e sempre me foram vedados. A moça resumiu para mim, naquele momento, todas as antigas namoradas, e sua casa representou os misteriosos palácios que as escondiam. (p.43-4)

A idéia da *namorada retrospectiva* acompanha duplamente a fixação de Abdias num trauma gerado pela experiência da diferença social; se, por um lado, ela permite uma espécie de acerto de contas simbólico com o passado, por outro projeta a realização do plano amoroso na fantasia compensatória. Espécie paradoxal de acerto irrealizável, do que efetua sem agir, faz sem fazer, a namorada retrospectiva encarna todas as formas das moças ricas que, no tempo vivido ou imaginado, trocam-se umas pelas outras e foram dele sem o saber. Logo, a projeção, em Gabriela, de toda uma série de transposições cuidadosamente urdidadas por Abdias, *por contágio*, nos dá a configuração da subjetividade do narrador, para quem o apego à experiência amorosa ditada pela marca de classe forma

de Abdias, que procurava manter as antigas relações familiares e visitava todos os domingos D. Constança.

um conjunto em que vida íntima e sujeição social encontram-se inseparáveis. O presente se explica pelo passado, que assoma à consciência de Abdias; daí, a imaginação delirante e auto-consciente movê-lo a buscar as origens dessa fabulação, quando, então, ele relata o antigo hábito do moço interiorano recém-chegado em Belo Horizonte. Essa volta à patética condição não superada, de espiar namoradas em mansões, com algum ganho – já que está no vestibulo, e não do outro lado dos belos gradis de ferro – revela a perpetuação do fascínio pela riqueza no professor quarentão, que continua a tornar o real *flexível* à sua fantasia.

A ascendência da trajetória de *apaixonado tímido* na sensibilidade do narrador tem traços marcantes: obsessão por detalhes, fetichismo, composição fabulosa da vida da elite, voyeurismo rebaixado. Mais do que as tais moças – quantas? quem? – o que importa é propriamente o valor das coisas que Abdias exalta no mundo dos ricos. Os objetos valem por si mesmos: um sofá, uma poltrona, o recanto de uma sala⁶⁷ são consumidos avidamente pelo olhar de Abdias e permanecem vivos na memória, tornam-se síntese de tudo, manifestação primária da supremacia e dos muros intransponíveis para o moço mediano que só os atravessa na imaginação. A partir dos objetos espiados, aquele observador oculto projetava um modo de vida, suspirava a medo pelo mundo sem trabalho das poltronas e das moças cujas horas são desperdiçadas em revistas ou visitas.

Notemos também que Gabriela tampouco é uma mulher única, mas funciona como encarnação de todas, remate do tempo, atando pontas da vida sonhada sob o signo da poesia que mascara a beleza rica.⁶⁸ Nesse sentido, ela condensa um possível acerto de contas de Abdias com o destino apenas espreitado, o qual ao colocar-se assim, como

⁶⁷ Lembremo-nos como, em trecho citado anteriormente (p.31), eram os automóveis de luxo que deixavam entrever uma moça, na saída da igreja ou do teatro.

⁶⁸ Há diversas partes do diário em que Abdias mostra como associa mentalmente a jovem aluna ao último sopro de poesia que poderia viver. Como exemplo, ver trecho da p.81: “*Dando corpo às formas vacilantes que eu tinha no espírito, polarizando minhas vagas idealidades e aspirações, Gabriela passou a representar,*

destino, e não ambição, mais uma vez suprime o dado objetivo da dinâmica social em favor da naturalização e do recalque da condição de classe. Essa ambição, no entanto, sobrevive como impossível operação subjetiva e anúncio do desacerto ideológico do narrador. Afinal, ele é alguém que se enxerga vitimado pela vida, que até então não fizera cumprir a sina superior que lhe cabia de inserir-se no universo da convivência efetiva com os ricos.

Mas a ruptura desse desejo – algo ridículo – vem logo e o outro expediente do narrador, de pôr entre parênteses a maneira como encara a diferença de classes, logo o acode e faz com que ele salte para a reflexão idealista sobre uma amada imemorial:

É possível que a amada seja uma só e apenas exista em nosso espírito. Nela se encarnarão transitoriamente formas femininas que se assemelham, mas essas formas passam, fugazes, e a amada permanece idêntica a si mesma, dentro de nós, fora do tempo.(p.44)

Esse deslocamento da natureza da distância social para outra distância qualquer – no caso, a separação entre formas e essências – dá ao diarista o esteio necessário para prosseguir, com um quinhão assegurado de poesia e universalidade, no engodo da paixão pela aluna.

Como de costume em sua prosa, no trecho seguinte ao citado, a atitude anterior é glosada: se Kant tomasse seus pileques talvez também tecesse uma teoria platonizante sobre o amor... Veja-se que a aposta do professor é mesmo grande, e ele poderia ter por companhia Platão e Kant; mesmo que o tom fanfarrão quase anule a tolice, a presunção fica registrada.

para mim, todo o conteúdo poético da vida do Colégio, a soma, por assim dizer, de todos aqueles elementos líricos que atuavam em minha sensibilidade”.

O apelo voluntário do narrador para exprimir nas experiências com as ricas namoradas imaginárias *um sentimento poético das coisas e dos homens*,⁶⁹ também tem a contrapartida jocosa, embora os dois movimentos revelem graus da obnubilação do narrador diante do objeto de seu desejo – que, por via da figura feminina, se dirige ao mundo dos sobrados. Tudo, em *Abdias*, concorre para um ocultamento da dimensão histórico-social do encontro impossível, da incomunicabilidade entre classes sociais, a qual não pode tornar-se explícita sob pena de desagregar a perspectiva do narrador. Nós, leitores, no entanto, ao localizarmos esse quadro na vida de Abdias, vemos o resultado irrisório de seu empenho e reconhecemos o triunfo da mesma incomunicabilidade que, com aparente fluidez, pairava sobre as amadas de todos os tempos.

Graças, portanto, a uma pose discursiva, Abdias consegue criar uma ponte, que parece imediatamente tangível, entre as incursões que faz no tempo pregresso e os mecanismos de acomodação fantasiosa. No interior do narrador, o objeto do desejo permanece igual a si mesmo, e ele finge superar o princípio de realidade, empenhado no projeto de pertencer ao círculo de uma classe superior como se respondesse a nada mais do que um atavismo lírico. O caminho de repor imagens, construídas na mocidade, na realidade do tempo presente volta a fazer parte da experiência do professor, e o passado emerge como modelo para a realização atual de Abdias, no plano das fantasias compensatórias. Os discursos universalizantes e genéricos do narrador tentam fazer com que isso se perca de vista e podemos embarcar na tese pela qual o espírito engendra um contato com as formas absolutas, apenas encarnadas pelas figuras vivas. Porém, a senha para ler isso a contrapelo está no próprio movimento da narrativa que, em geral, formula

⁶⁹ Tomo emprestada a expressão do próprio autor em uma entrevista, que afirmava o sentido da literatura na vida moderna. Segundo Cyro dos Anjos, a função social da arte moderna é proporcionar aos indivíduos, na dura luta contra as condições materiais, uma possibilidade de evasão e conciliação com o mundo por meio de uma visão poética da vida. Entrevista solta, pasta da FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. O tema reaparece na matéria feita para o jornal **Folha da Manhã** (14/07/1957), intitulada “Movimento - uma conversa com o escritor”.

algo para dissolvê-lo logo depois. Basta ver, por exemplo, como, no próximo fragmento, quando ele finalmente se dispõe a contar o que ocorreu no aniversário, as tais *namoradas retrospectivas* são tratadas de outro modo:

Talvez, à semelhança da mãe – que já não é a Glória romântica dos tempos de Várzea dos Buritis, mas uma dama de beleza polida e experiente – tenha os modos um tanto estudados. Ficou-me, por momentos, a impressão de que ali se representara para mim uma cena previamente ensaiada. Por iniciativa da mãe e da filha, elevava-se, às vezes, o teor da conversação, e ambas proferiam opiniões oportunas e judiciosas demais, para que tivessem sido improvisadas. (p.46)

Na referência à agilidade de ambas na linguagem do traquejo social, especialmente no que ele tem de estudado e falso, Abdias desdobra um juízo de outra natureza sobre elas, o que arma uma contraposição entre o engenho que fabrica as damas de antanho e o olhar que enxerga a força da cena social no presente.

Notemos, ainda, que os desdobramentos do problema da relação de Abdias com a elite, reduzidos aos anseios amorosos, refletem a experiência do professor com a diferença entre classes sociais na sociedade mineira a partir de três diferentes aspectos, distintos no tempo e no espaço. Há o núcleo inicial, em que Abdias circulava em torno do sobrado do Largo da Matriz, em Várzea dos Buritis, levado pela mãe nas visitas dominicais a D. Constança, de quem, por sua vez, sua avó fora amiga, ou ainda esperando pelas férias para andar atrás de Glória. Um núcleo intermediário, relativo ao começo da vida adulta, em que a ida para Belo Horizonte gera a desestabilização parcial desse universo de camaradagem e cordialidade com os ricos, agora afastados por bairros e casas desconhecidas. E há, finalmente, a cena atual, em que ele entra para o Colégio e passa a freqüentar as reuniões

dos Ataídes de Azevedo. Existe nesse trajeto a representação – entre séria e jocosa - do processo histórico no qual a atenuação do conflito de classe entre as pequenas figuras que circulam em torno das famílias ricas compõe o centro de uma dinâmica social particular que envolve a figura de Abdias. A constituição das relações de favor no ambiente rural do início do século e na capital mineira em 1938, embora pautadas por diferentes princípios, regula o raio de ação em que o narrador se inscreve.⁷⁰

“Gabriela” – segunda parte do romance – principia pela confissão do amor pela aluna e resume o que vinha sugerido pela narrativa até então. A trama amorosa ocupa o centro do relato. Aqui, o *sutil escamoteador* trabalha a todo vapor, e Abdias busca diferentes meios para efetivar a projeção amorosa e ampliar os pontos de contato com a aluna. Visita freqüentemente sua casa, torna-se companheiro de seu pai, tenta integrá-la aos inquéritos do Centro de Estudos Sociais nos bairros operários da cidade, vê com pesar o ano letivo terminar e a virada realista se impor: Gabriela desfaz as ambições do professor e Carlota descobre as fugas do marido.

Em grande medida, a narrativa registra as modulações do sentimento amoroso na intimidade de Abdias. São contínuas hesitações, angústias e tristezas, suposições do que pensa Gabriela, episódios diversos em que ele, diante dela, contempla a impossibilidade da

⁷⁰ Há um aspecto mais evidente desse tema, sugerido pela indicações do enredo. A cena interiorana fixara, em Abdias, a idéia de que relações amistosas podem se estabelecer entre famílias que ocupam diferentes degraus sociais e de que tais relações se transmitem de geração a geração. A tradição valorizada ressurgue no ambiente de Belo Horizonte, quando ele reencontra os Ataídes. Até então, a cena urbana representava a impossibilidade desse tipo de relação. A atualidade também se pauta pelo vínculo pessoal, se atentarmos para o modo pelo qual Abdias alcança os lugares sociais que ocupa: o amigo mais velho, Sisenando, fizera com que fosse seu substituto tanto no Arquivo Histórico, quanto no Colégio das Ursulinas, numa *espécie de* sucessão que rege a circulação de postos dos homens de letras. Princípios modernos, portanto, parecem valer menos na economia simbólica da personagens do que aqueles já conhecidos, cuja origem tem a ver com o patriarcalismo.

realização amorosa.⁷¹ É ainda essa impossibilidade que, elevada a mania pelas sucessivas abstrações do narrador, salva-o da vergonha a que o relegaria a condição de ser um homem casado apaixonado por uma aluna bem mais jovem. Abdias chega a afirmar, num dos seus repentes de auto-exame, que merece o desprezo dos outros por se *desgarrar dos caminhos da natureza*, mas defende que não tem culpa e que nunca transformara seus pensamentos em atos. A reflexão moral, pouco a pouco, forma um arrazoado particular que funciona na consciência de Abdias como um desculpa prévia pelo que seria condenável socialmente e insinua a idéia de que a paixão pode cultivar-se livremente na imaginação:

*Não sou amoral, e tudo, entretanto, me parece agora
perfeitamente razoável: quero Gabriela, como quereria uma flor, uma
borboleta, um pássaro. Não são todos alegria do homem? Todos são
belos e filhos da natureza. [...] esse sentimento existe comigo e só para
mim. [...] Por que cortar este último contato com a vida e com a poesia?*
(p.82)

A moça, equiparada novamente à natureza bela, poderia ser usufruída sem culpa no limite da contemplação pura e assim, de quebra, elide-se a frustração.

Nem sempre, porém, os mandamentos da fantasia sobrepõem-se à realidade de modo confortável. Muitas vezes, ideado um plano ou mesmo imaginado um quadro, a

⁷¹ Dois episódios importantes mostram como a reação de Abdias diante da paixão impossível é variável, mas sempre dócil. No primeiro deles, após as provas orais, Abdias leva Gabriela para casa e a moça, ao despedir-se no portão, pergunta-lhe por que gosta dela, deixando o professor sem resposta; nos dias que sucederam à pergunta, Abdias mergulha em diversas considerações: culpa-se por não ter confessado tudo, abraçado e beijado Gabriela, deseja a morte da esposa para que possa casar-se com a jovem, até que conclui ter sido melhor ficar em silêncio. As digressões ocupam alguns fragmentos e são exemplares do que o narrador chama de *luta encarnizada, quase física, como a de Jacó com o anjo*. No outro, após a formatura solene do Colégio, Abdias é convidado para ouvir a música de Erik Satie na casa de Gabriela e é tomado pela depressão, agravada pelos efeitos da *Ginopédia* em seu espírito: “*Pensar que ela jamais seria minha, que eu nunca enlaçaria seu corpo gentil, nem beijaria aqueles olhos cerrados, afagando os cabelos que se desmanchavam em doces ondas - trazia-me uma tristeza desesperançada, um desconsolo sem remédio. Servidão do amor, a mais melancólica das servidões*”(p.130).

experiência objetiva que os contraria faz Abdias sofrer, retrain os seus castelos e, em geral, refugiar-se na crítica feroz à garota mimada. Nesses momentos, parece que Abdias se descola do papel do professor apaixonado e se aproxima do homem que frequenta debates de esquerda e postula o declínio inexorável do mundo burguês. Gabriela, então, é apontada como *a petulante garota do Colégio das Ursulinas, última flor do capitalismo latifundiário, uma pretensiosa e pedante garota, bobinha como qualquer outra, espírito despreocupado, afeito apenas às coisas belas da vida*. Esse tipo de caracterização aparece em momentos diversos do diário, quando o professor parece se deixar levar pelo ressentimento.

Somente após a cena do baile de formatura,⁷² no entanto, opera-se a ruptura com o universo em que a imaginação dá as cartas. Desfeito, ao primeiro sopro, o plano de conquista, a fantasia de Abdias passa a girar em falso, mostrando todo o seu conteúdo falhado. Transtornado, o professor tramara convidar a moça para dançar e contar-lhe tudo, o que faz, rodopiando, até que a leviana se canse e diga que tudo era tolice. Gentil, após ouvir cada palavra e estimular a confissão, Gabriela pede que Abdias esqueça tudo e continue a ser seu amigo, pois, depois dos pais, ele era a pessoa a quem ela mais prezava. Abdias sente *o amargo ridículo da situação*: estava mal vestido para a ocasião, brincara que era a *Fera* valsando com a *Bela*, que mataria todos os rapazes que tiravam Gabriela para dançar e que amava e sofria por ela.

O valor da aposta de Abdias na superação, pela fantasia amorosa, de sua condição de homem que gravita à sombra dos poderosos manifesta-se com força máxima antes do baile:

⁷² A narrativa daquela noite ocupa alguns excertos e acompanha o movimento do narrador, que mescla considerações mais íntimas ao relato propriamente dito. Por isso, o registro não é totalmente linear; está situado entre as páginas 136 e 146 .

Naqueles dias, uma idéia vivia a verrumar-me: em todo grande passo, forçamos as fronteiras da razão, tocamos as da loucura. A medida do homem está em Quixote, não em Sancho. O que importa é a nossa realidade interior, não o mundo de espectros que nos rodeia. Que importava Carlota, o lar, a sociedade, e seus códigos? O amor criava um novo mundo. [...] Desejos prisioneiros, que se arremetem cegamente contra as muralhas do nosso peito, como a criança bate na porta que lhe fecharam! (p.142)

Após o fracasso de ter, em vão, apenas afogado a vaidade daquela moça que jamais o amaria, Abdias fica reduzido a esse menino que arremete contra portas fechadas, como se fosse conduzido de volta aos “*devaneios de minha meninice, quando sonhava uma Ataíde que seria tal qual Gabriela e encheria a minha vida de um grande amor*”.⁷³

A frustração, somada ao assombro de perceber que Carlota sabia de tudo e que isso atrapalhava o casal, fazem com que ele se distancie de Gabriela e pense em tudo como uma loucura que por fim passou. Os eventos contribuem para isso: a moça, esperando a ida ao Rio, adiada em função da pneumonia do pai, não volta a se interessar pelos inquiridos e os contatos escasseiam. Abdias dedica seu tempo a refazer as ligações com Carlota, monitorar de perto a delicada evolução da gravidez e experimentar uma normalização da vida

⁷³ GILDA DE MELLO E SOUZA escreveu o artigo “O mito da borralheira”, (**Discurso**, n. 7, Revista do Departamento de Filosofia da FFLCH), em que analisa aspectos da vida social da elite, especialmente os salões do século XIX, em que grupos marginalizados conviviam com uma camada social que então se reorganizava. Mostra como a reunião mundana anula momentaneamente os espaços das diferenças sociais em função da idéia de prestígio, constituindo uma grande mascarada. O contato entre grupos e camadas distintas sugere a perda de contato com a realidade e a dificuldade de lembrar a posição efetiva do indivíduo. A moda teria função importante na exibição pública; as barreiras, entretanto, são logo reerguidas e o instante em que os confrontos da vida social foram apagados ressurgem na consciência do borralho. O instante vivido por Abdias na festa com Gabriela forma um quadro semelhante. Ver também texto de PAULO ARANTES em que o artigo de Gilda de Mello e Souza é comentado e o filósofo analisa os salões berlinenses, acompanhando os passos de H. Arendt: “Uma irresistível vocação para cultivar a própria personalidade” (**Trans/form/ação**, v. 26, n. 1, 2003).

doméstica, o que diz contribuir para a retomada dos trabalhos literários. A partir daí, o narrador irá oscilar entre a negação e a confissão entristecida da paixão por Gabriela.

Só Beirão o leva à melancólica reflexão sobre a amada. De fato, essa personagem funciona durante todo o romance como refração involuntária do que Abdias poderia ser; representa uma face mais estereotipada, mais risível e tola do homem de letras e do quarentão que seduz alunas. O *velho leão da sociedade*, cheio de filhos, casado com uma ingênua que tolera suas traições, vencedor dos concursos de oratória na adolescência, *homenzinho nédio de ares napoleônicos*, efetiva tudo o que é apenas uma possibilidade em Abdias. Assentado na filologia românica, brilha no auditório não iniciado das moças e extrai efeitos sedutores das matérias mais áridas. Tem um romance com Vanda Lopes e não esconde a disponibilidade para flertar *ali com uma pequena, namorar acolá uma dama galante*. Companheiro de geração, contempla junto com Abdias a mesma Gabriela, *aquela que só os homens de quarenta anos vêem*. Sua dedicação às letras volta-se para o beletrismo e a cultura de verniz, que se compraz com preciosidades falsas, como um autógrafo de Calderón, tempera Machado de Assis com Coelho Neto e frui romances baratos.

Nos encontros em livrarias da cidade, Beirão traz notícias frescas da jovem Ataíde: alerta Abdias sobre as novas companhias de Gabriela, o *séquito de efebos* que a acompanha na praça, os amores *nada platônicos* com Roberto Mendonça. Condescendente, iguala-se ao narrador e diz que os dois se devem assistência recíproca em circunstâncias adversas, ambos presas dessas *pequenas que nos põem nervosos como o diabo*. Abdias percebe que, por trás das palavras de Beirão, a imagem de Gabriela ganha um incômodo contorno realista envolto em tom ridículo, o que, por sua vez, expõe sua condição de apaixonado num patamar em que ele não se reconheceria.

Abdias compreende, por meio de Beirão, que, ao lado da Gabriela inventada, tinha corpo uma Gabriela *viva e circulante*, que travava relações simultâneas com Paulinhos, Jacksons e Robertos. Para quem os homens, ricos ou culturalmente importantes, faziam figura efetiva, formavam uma mocidade alheia aos sonhos projetados pelo professor e revelavam a moça *tangível, viva para o amor físico*. Além daquela jovem cujos namoricos poderiam levar ao matrimônio sonhado pela mãe – dentro do âmbito da associação entre pares da alta sociedade que o narrador já pressentira –, existia uma Gabriela que fazia contos, participava de rodas literárias, flertava com o socialismo para circular em novo meio social e termina sempre invadindo a cabeça de Abdias, que não supera seu desejo.

A objetivação final dos sentimentos do narrador por Gabriela passa pelas mãos de outra personagem, Monsenhor Matias. Acompanhando os sofrimentos de Abdias após a morte de Carlota e a persistência do desejo pela aluna, o padre procura a moça e lhe propõe que se case com o professor viúvo. Essa última vergonha, humilhação máxima, precipita a depressão de Abdias, que só consegue pensar na opinião que Gabriela terá dele. Em meio às considerações sobre a morte, a vida terrena e a espiritual – tão freqüentes em “Uma catedral cujas torres tocassem o céu” –, a jovem continua a ocupar lugar privilegiado na sensibilidade do narrador e nas páginas do diário, único espaço em que ela pode aparecer sem sustos.

Uma Menina De Minas Com Essas Coisas Na Cabeça?

Além de povoar a imaginação do professor e ativar, junto à sua consciência, a série de desmandos que a fantasia compensatória exige para se configurar, um contorno mais contemporâneo também se insinua na figuração de Gabriela. Por um lado, ela aparecerá nas notas de Abdias como a jovem seduzida pela literatura, alguém cujo gosto pela cultura passa a modernizar-se, ora sob o signo da afetação – quando Abdias olha desconfiado para

suas *judiciosas opiniões* – ora sob a forma de curiosidade juvenil genuína. Das conversas com o professor e muitas vezes com o pai, salta uma Gabriela que se inicia na música espanhola, escuta Satie, lê Lorca, Eliot e Neruda, discute poesia contemporânea e prefere os pintores supra-realistas, e que desliza, para um ou outro assunto, *com volubilidade e mesmo certo frenesi*. Por outro lado, a partir do rápido envolvimento com os inquéritos promovidos pelo Centro de Estudos Sociais, surge a moça que trata do problema social com os atributos de uma *passionária*, a *Atáide socialista* que critica a burguesia ultrapassada e voraz, e sonha com o fim da guerra para assistir às transformações da ordem nacional. Enquanto isso, porém, deseja que não se esqueçam de seu pai na hora sempre mencionada, embora preterida, das eleições.

Por meio dos inquéritos, é como se Abdias mostrasse a rica boazinha que, à maneira da lenda hindu do Buda trancafiado no palácio, chora ao encontrar os mendigos e descobrir quanta pobreza existe espalhada por aí. O projeto do narrador de aproximá-la de outras camadas sociais em que ele a guiaria fica circunscrito ao plano da prosaica imitação da discussão política do tempo, pois, é claro, logo a formatura, o vestido e o baile falam mais alto, e ela deixa para depois, para o nunca mais, as visitas nas colônias operárias de Belo Horizonte. Gabriela prefere falar com medida distância sobre os operários das estradas de Minas e tolamente exigir melhores condições de trabalho, e assim criticar o quase noivo carioca, herdeiro universal de uma família ligada aos altos negócios da siderurgia, cujo pai temia que ela fosse *uma agente de Stalin*.

De fato, as férias no Rio de Janeiro são o ponto máximo das inovações da moça, que a levam, ao final do livro, ao namoro com o outrora radical Roberto Mendonça. Lá, Gabriela se enfurece diante da vida e da mentalidade dos filhos da elite da capital, a tal ponto que lança mão de um discurso trabalhista para chocá-los e deles diferenciar-se. Em

duas cartas – uma para o professor, outra para o pai – comenta sua estupefação ao encontrar gente tão alheada dos novos tempos:

Nesta carta, Gabriela criticava com vivacidade o meio em que seus tios a haviam introduzido. As pessoas com quem estava convivendo, dizia-me, eram antípodas da humanidade que sonhávamos. Irritou-a a afetação e a jactância com que um jovem milionário se queixava, uma tarde, no Jóquei, de que o Rio era uma aldeia: procurara um presente para dar à mãe, no dia do aniversário, e nada encontrara que prestasse. O que o tirou da embaraçosa situação foi ter sabido que chegara ao Copacaba Palace, com um bom sortimento de jóias, uma judia francesa que as perspectivas da guerra tangeram para o Brasil. Conseguiu, com ela, uma pulseira que não era de todo má. [...] A frivolidade imperava por toda a parte. [...] Uma população terrivelmente pobre crescia, entretanto, cada vez mais, em torno daquele grupo de gozadores da vida. [...] Mas isso não há de continuar assim, terminava. Havemos de assistir a uma radical mudança. Esta guerra, que aqui acham inevitável, vai precipitar a transformação, não acha? (p.189-90)

Os registros do professor sobre como Gabriela envolve-se no debate contemporâneo seguem colados ao modo pelo qual a caracteriza como menina leviana. Há um vaivém na composição da imagem da jovem: às vezes, faz figura a adolescente espertinha que se punha em pé de igualdade com as urgências do mundo moderno e atualiza tanto o consumo de bens simbólicos quanto as manifestações de certa consciência social própria do tempo; outras vezes, no entanto, assoma a intenção implícita do professor de trazer as tolas palavras da aluna para o diário, deixando que falem mais alto outras

formas de capricho e presunção que se modernizam para não caducarem. Um exemplo dessa composição dúbia é o episódio do noivado no Rio, em que Abdias teme que Gabriela traia *todas as nossas esperanças* e não seja nada mais do que uma outra *delicada flor* burguesa que na adolescência tem arrebatamentos progressistas, mas trata logo de atinar com o *instinto de classe* e casar bem; como ela desfaz o noivado, a ilusão do professor sobre os impulsos *românticos e revolucionários* da garota fica no meio do caminho: sobrevive, em parte, na projeção imaginativa do narrador, mas sofre o desgaste que a percepção da máscara ideológica proporciona. É claro que a dúvida do narrador torna-se, ao longo da trama, algo retórica, pois a aposta numa Gabriela cheia de tendências renovadoras ocultava as inúmeras mediações que a consciência de Abdias tecia em torno de seu objeto, os novos *desmandos* que a imaginação lhe impunha na situação atual para encobrir o ressentimento de classe. Notemos que o lado negativo volta sempre que Abdias tenta enquadrá-la em uma disposição crítica; ele a rebaixa, tirando-a dos quadros de suas fantasias, quando algo em seus tímidos planos de conquista anda mal.

O que ele tenta fixar, de fato, é a imagem de uma *pequena indomável*, cujos caprichos são sinais de uma *boa raça*, e que exerce o peculiar domínio que *emana dos fortes*, como veremos a seguir.

A Dominação Fiduciária

Ao tratar das relações tumultuosas de Gabriela com as meninas da turma, o professor nota que ela possui uma *guarda pessoal*, composta de outras *duas ou três* alunas que, *mais submissas*, vão com ela a toda a parte. Assim explica as ligações:

Gabriela exerce porventura sobre as companheiras essa espécie de domínio que emana espontaneamente dos fortes e que, para se afirmar, às

vezes dispensa manifestações de força. Baseia-se num poder virtual que nele pressentimos, e nossa submissão é, por assim dizer, fiduciária. (p.30)

O comentário surge durante o segundo mês de aula. O professor observa que Gabriela ainda sustenta, diante dele, a *hostilidade muda* dos primeiros dias, quando o incidente da troca de nomes a ridicularizara diante da turma. Abdias, a princípio, se dirigia a ela a todo o instante, mas resolvera mudar de tática e fingir que sequer a via; percebe que as meninas acolhem bem a *nova política*, porque, na maioria, não gostam dela e dos seus *ares de superioridade*, embora possam, no fundo, admirá-la. A *guarda pessoal* citada é formada pelas únicas colegas que dela se aproximam.⁷⁴

Ao longo da narrativa, Abdias atribui a Gabriela uma série de artifícios dos quais ela se vale para fazer valer a sua vontade. Essa condição de *força*, dada de antemão, segundo a perspectiva de Abdias, permite que ela se encontre sempre em posição superior, distinta dos demais; o narrador a caracteriza como a moça mais bonita, que paralisa o baile; a aluna que sabe seduzir Beirão nas provas orais; a diabrete que traz o pai para seu lado e contraria a mãe; enfim, nota sempre seu brilho. No diário do professor apaixonado, que antes era um *homem tranqüilo e sem história*, Gabriela se converte no tema dominante.

No entanto, só ao final do livro veremos Abdias voltar a tratar do tema da superioridade levando em conta as relações de força e o campo dos que estão, por assim dizer, gravitando a sua volta, submissos ou dominados. Ao transitar pela Avenida Afonso Pena, Abdias vê Gabriela com Roberto Mendonça e mais duas moças, perto do portão do

⁷⁴ Esse assunto é retomado adiante, em uma tentativa evidente de reformular a imagem de Gabriela. Após a aproximação entre ela e o professor, ele finalmente conhece as razões das desavenças com a turma: no ano anterior, Gabriela defendera o bode expiatório de Vanda Lopes, a pequena Judite Figueiredo, moça simples de espírito; Vanda fizera intrigas com todas as colegas, que se afastaram de Gabriela. Esta, em troca, roubara o namorado de Vanda, que já era admitido como noivo na família, para descartá-lo em seguida. Segundo Gabriela, ademais, Vanda Lopes nunca a perdoara por tirar sempre as primeiras notas em latim. O que o narrador apreende de toda essa história é que, afinal, fora por boa conduta que Gabriela era hostilizada e, com uma pose filosófica, emenda o juízo sobre o caráter da moça (p. 52).

parque, onde Beirão a encontrara na *companhia de efebos*. O narrador, então, diz finalmente compreender a aproximação de Gabriela e Roberto, inicialmente cheio de *casos de consciência* e arredio diante da grã-fina frívola das Ursulinas: ela interessa-se por ele porque gosta de *amansar animais bravios*; rebelde, o militante esquerdista que brigara com ela no episódio dos inquéritos, atraiu-a e caiu nas suas graças. Abdias recorre ao registro das palavras do pai de Gabriela para concluir a espécie de história da família Ataíde que iniciara lá atrás e assim arrematar a visão sobre os amores da aluna que nunca o quis: “*Sempre foi dos Ataídes esse capricho de domar o adversário. A libido dominandi é traço característico da família, diz o Dr. Azevedo*”(p.218).

Ao que parece, a rebeldia foi devidamente domada pelo poder. Não há distância intransponível entre a moça burguesa e o jovem socialista quando o último se domestica e aparece desqualificado pelo narrador; afinal, o interesse de Gabriela não repousa no objeto, responde antes ao *instinto* que possui e a faz buscar modos de exercer o capricho da dominação. O movimento de Abdias de esclarecer essa *libido dominandi* das Ataídes só vem à tona quando ele próprio já foi descartado e está em jogo outro par amoroso – o rival bem sucedido reacende ressentimentos. A tentativa de obter algum ganho com a perda, no entanto, indiretamente volta-se contra o próprio narrador: afinal, poderíamos concluir que ele foi um animal manso cuja docilidade sempre foi agradável, mas jamais encantaria a moça. Notemos que as analogias tecidas pelo frustrado professor animalizam as relações humanas entre desiguais: *animais bravios* ou *adversários* – políticos e amorosos - são domados e amansados pela vontade e exercício do mando senhorial, perpetuado no tempo como herança biológica.⁷⁵

⁷⁵ Nos rascunhos do romance (referência citada) há um plano de 1941 em que Cyro dos Anjos, no item das reuniões sociais com Gabriela, escreve que “*os Ataídes amam o poder, o amor, sob a forma de capricho*”.

O desfecho do romance confirma a disposição de Abdias de permanecer nesse lugar e seguir acompanhando os passos de Gabriela como um amigo mais velho, um tipo de agregado atual que foi incorporado às relações familiares.⁷⁶

Se juntarmos essas referências aos inúmeros motivos que, para Abdias, compõem sua *servidão amorosa*, veremos que, ao longo da trama, a tentativa do narrador de obscurecer os vínculos de classe que condicionam sua trajetória tem como correlato o campo simbólico da dominação amorosa. Na perspectiva de Abdias – que foi refratada naquelas companheiras que, como ele, procuravam Gabriela certas de segui-la –, o campo dos que servem Gabriela deve encontrar uma justificativa que trate dos vínculos estabelecidos como se fossem autênticos, disfarçando o ressentimento e encobrindo o dado central da diferença de classe. Daí a formulação do mecanismo da *submissão fiduciária*, entendida como aquela que depende da confiança, que revela segurança e se faz também pela vontade daquele que se submete, pois encontra no outro, o forte, motivos para o rebaixamento seguro e, por isso, supostamente menos humilhante. O termo, no entanto, é carregado de significados, pois *fidúcia* também aponta para atrevimento, audácia, e é utilizado em sentido jurídico para qualificar aquele que recebe uma herança gravada com fideicomisso e deve transmiti-la, na morte, a outro.

A projeção da submissão confiante, interessada – que une a cordialidade dos *fracos* com o benefício que obtêm dessa ligação –, funciona como pressentimento espontâneo do lugar a ser ocupado por cada um nas relações sociais e amorosas, um desdobramento “natural” da condição inferior equivalente à *libido dominandi* dos Ataídes. Nesse mundo criado por Abdias, desfilam vários qualificativos que definem papéis sociais de modo indireto: há os fortes, os tímidos, os astutos e diligentes, os servos domados, os homens de

⁷⁶ O último fragmento do romance é, de fato, exemplar do rebaixamento gentil a que Abdias está condicionado: apanhado pelo Dr. Azevedo quando voltava para casa, não resiste aos rogos do amigo, que estava sozinho em casa, e, após o jantar, escuta em sua companhia a Nona Sinfonia, enquanto lembra de Carlota.

ação e os inaptos, a mocidade, a velhice, enfim, uma seqüência de contraposições de modos de ser que, embora condicionados pela origem de classe e pelo lugar que ocupam na comunidade de Belo Horizonte, em 1938, aparecem difusos, convocando outros atributos para marcar as diferenciações que se mantêm na *pauta da sociedade*. As relações de poder, transpostas para o plano amoroso, são então justificadas, assim como fica amenizado o saldo da dominação. Suavizado, o capricho de domar o outro, o prazer que essa gente tem em contemplar a submissão, a vaidade alimentada pela devoção amorosa tornam-se os traços que definem a existência de Gabriela, de sua família e, por extensão, da classe que detém a riqueza. O fundamento social disso, é claro, constitui uma versão reduzida do regime moderno brasileiro, representado nas páginas do romance em tom menor.

O Dr. Azevedo, o médico de nomeada e simpático ex-deputado, é outra personagem que comparece para registrar as modalidades da dominação brasileira em um sentido a princípio mais leve, bonachão. Alguns diálogos com o pai de Gabriela constituem outro espaço em que a dimensão pública do cenário brasileiro é referida. Ligado aos círculos políticos da elite, não tem como função apenas facilitar a distinção da filha na escola, imprimindo-lhe o brilho dos influentes. Funciona também como a figura que faz as vezes de modernizar os Ataídes, sintetizando um trajeto, histórico, no qual os ricos de outrora, originados do campo, buscam renovar-se no meio urbano, e desempenhando outras atividades, modos de pensar e agir não se contrapõem aos antigos, mas se revestem de nova roupagem. Azevedo chama sem pudor Glória *de latifundiária* e diz que os Ataídes têm *mentalidade feudal*; fica amigo de Abdias, comenta sobre a iminência da guerra, dispõe-se a ajudar João Carlos, permite que Gabriela participe dos inquéritos, quer publicar os contos da filha a contragosto da mãe, que não vê com bons olhos certas amizades literárias, e trama por uni-la com algum rapaz dos *altos-fornos*. A imagem de um homem

moderno, adaptado aos novos tempos, cola-se a ele, enquanto Glória permanece presa ao espírito aristocrático de sua origem.

Ao comentar os arranjos casamenteiros da mulher, assim o médico se define: “*Eu, que sou político e tenho sensibilidade de um sismógrafo, prefiro, antes, uma ligação com as esquerdas...concluiu, brincalhão*” (p.172). Nas palavras de Gabriela, que explica ao professor as *saudadezinhas* que o pai ainda conserva dos *tempos de deputado*, o perfil político e social do Dr. Azevedo se completa:

Ele diz que os tempos são outros e é natural que a nova geração substitua a velha, mas desconfio que tem esperança de não ficar esquecido. Acredita que o Brasil vai mudar muito, principalmente se houver guerra na Europa. Foi revolucionário em 1922, 1924, e 1930. Agora, é de paz...Ainda espera assistir à evolução social do Brasil, mas deseja que as modificações venham sem violência, pela simples pressão das massas...É o que está sempre a dizer... Se o senhor visse a cara que mamãe faz com essas conversas... (p.115)

Em outro fragmento, quando a conversação entre Abdias e o Dr. Azevedo trata de vícios culturais e a afetação dominava,⁷⁷ o professor condena a invasão do samba na vida musical estimulada pelo rádio, bem como o apoio de uma parcela da intelectualidade àquela *manifestação primária* da criação, que distanciaria mais e mais o povo da *boa música*. O Dr. Azevedo conta-lhe, então, como resolvera os aborrecimentos com uns vizinhos aficcionados pelo rádio, que punham o aparelho para funcionar o dia inteiro – teve que comprar a casa:

⁷⁷ O pai de Gabriela, brincando, perguntava como, após ter adquirido a eletrola, Abdias suportava a *ofensiva em duas frentes*, referindo-se ao consumo de livros e discos que, obviamente, deveriam comprometer o

- Como vê, eu, velho democrata, tive de procurar solução no espírito latifundiário e imperialista da Glória. Mas não havia remédio. Quase me punham doido. [...] Agora, não me apanham mais. Do contrato de locação faço sempre constar uma cláusula segundo a qual o locatário não pode utilizar-se do rádio senão umas duas horas por dia. E são sempre as horas em que não estou em casa. (p.167).

A incrível modalidade de leveza na autocaracterização irônica e brincalhona, da qual surge uma espécie de déspota legalista e mandão, antes *revolucionário* e agora *de paz*, acompanha esse ex-político durante todo o romance e poderia funcionar como a síntese das trajetórias de outros tantos *velhos democratas* que, à maneira de Getúlio Vargas, participaram das transformações do quadro brasileiro a partir de 20 para então consolidar um poder autoritário.

Retomando a imagem que Azevedo faz de si mesmo, um *sismógrafo* que prefere uma *ligação com as esquerdas*, notemos que rumos progressistas da nação viram moeda de troca fácil nas conversações entre Abdias, a filha e o pai, além de serem insinuados pelas personagens que freqüentam o Centro de Estudos Sociais. Passam a ser um agradável verniz para os discursos sobre a situação social, a despeito de estarem completamente distantes da realidade objetiva, na qual o governo de Vargas dita outras cartas. Mineiros “avançados”, pai e filha volta e meia aliam-se para se figurarem como progressistas, elite esclarecida e sensível à situação das massas trabalhadoras. Um joga para o outro uma figura de valor positivo, distorção mútua contemplada mas nunca questionada pelo narrador. Essa curiosa síntese das transições do quadro brasileiro retratadas por alguém que já foi político e por sua filha moderninha compõe um eixo importante na caracterização do

ambiente que o narrador espreita, cujas personagens passeiam livremente pelas conjunções de nossa história política e manipulam signos como *revolução*, *evolução social*, *pressão das massas*, *proletários*, tudo que finja ser avançado sem provocar ruptura violenta.

Parecer mudar para permanecer – essa parece ser a síntese feliz alcançada pelo Dr. Azevedo e aprendida por Gabriela, que, afinal, afina sua sensibilidade com a do pai, rejeita o projeto da mãe e termina conquistando Roberto Mendonça, preferindo o vínculo mais promissor na atmosfera ideológica do período.

A burguesia representada dentro dessas linhas, fechada em si e em seus modos de operar a dominação, extravasa para o conjunto social um modo de conduzir as relações interpessoais. Está reposto, no plano ficcional, o andamento dos mecanismos de acomodação das camadas ricas aos novos tempos, figurados pela maneira como um homem de letras – movido a frustração e ressentimento – compreende o processo social em que está imerso e o faz reproduzir a ambição pela ascensão social no moto-contínuo de sua vida íntima.

Algo especular do nosso movimento histórico foi transposto na composição narrativa pelo olhar de Abdias, que insiste em apenas insinuar as relações entre o andamento da sua vida amorosa e a reposição das formas de mando dos ricos.

A Astuta Carlota

A ligação de Abdias com Carlota, seu proclamado princípio de estabilidade, sofre os revezes que a paixão por Gabriela gera nas disposições sentimentais do professor. Embora desde o início do livro o narrador trate a mulher como alguém cujo caráter fosse oposto ao dele e, por isso, o compensasse, a partir dos devaneios com a aluna pondera sobre os incômodos do casamento. Abdias ora se entrega a um pensamento condenável e

deseja a morte da esposa, ora se dedica a redimir a sua culpa e fazer dela aquela *mulher forte das Escrituras*. (p.96)

Em geral, alguns epítetos acompanham a menção ao seu nome: *astuta, diligente, prudente, avisada, querida*. Baseiam-se no mesmo eixo de significação: Abdias a vê como um espírito prático, uma mulher que não é bela nem frívola, embora *a harmonia de traços lhe dê uma graça feita para vencer o tempo*, que se sacrifica pela família, gosta de revistas e música mas quase não gasta consigo mesma, não frequenta a sociedade embora adore acompanhar as fofocas. Enfim, é excepcional:

As mulheres do seu tipo não nos conquistarão por essas graças fugazes da adolescência [...] Mas, em compensação, conseguem sobre nós um domínio que adquire, lentamente, em profundidade o que perde em superfície.
(p.60)

Já vimos como Abdias entende que o relacionamento com Carlota foi uma espécie de salvação para um homem como ele. Ela constituiria a companheira ideal, que conjugava a possibilidade de diálogo com a realização sexual. A idéia de que Carlota dirige os passos do marido no mundo, afaga-lhe a vaidade e tudo faz por ele reaparece com força no final da narrativa, quando, na ausência da esposa, tudo parece faltar, inclusive o dinheiro, e ele se julga um *barco sem leme*. Abdias se deixa levar pela mulher, que comanda tudo na vida doméstica; por *sua vocação para funções de governo*, diz que Carlota passou a intervir em sua vida antes mesmo do noivado, acertado entre o pai de Abdias e ela, segundo versão algo irônica do narrador. Preocupada com a saúde durante a nova gravidez, inclusive, Carlota brinca em arranjar novo casamento para o marido se viesse a morrer.

Apesar disso tudo, porém, e como, para o narrador, *o coração é um campo de batalhas*, Abdias julga-a um estorvo no ponto mais alto de suas fantasias com Gabriela.

Após o descarte do baile, entretanto, dedica-se a Carlota e fantasia a situação ideal, que uniria as duas em torno dele e faria da pendulação entre o amor de uma e de outra o movimento pleno e a felicidade total:

Sonhava incorporá-la [Gabriela] ao clã Abdias, na qualidade de amiga, dessas doces amigas que amaríamos se possível, mas que se acham protegidas contra nossos desejos pelos tabus que a amizade gera e que, de consistência tão frágil, nos barram, todavia, como intransponível muralha. (p.176)

Para Abdias, a segurança e o equilíbrio representados por Carlota seriam combinados com a fuga e a ilusão projetados em Gabriela; ele deseja viver os dois: “*Procuramos, a um tempo, o real e o irreal, a verdade e a fantasia. Queremos, às vezes, uma coisa, e, simultaneamente, o seu contrário*” (p.201).

Entretanto, o curso dos acontecimentos rompe de vez com essas hipóteses gentis, inteiramente fabricadas nos castelos do diarista, que insiste na moralidade impecável que guia até mesmos suas fantasias, principalmente quando elas se mostram a ele como puro *desmando da imaginação*. Jamais o exame do dilema amoroso, que será um tema preponderante da terceira parte do romance,⁷⁸ vai ao ponto de qualificar a culpa do narrador; Abdias desdobra-se em reflexões sobre a natureza humana como um *mar de contradições*, permeada por *abismos*, dos quais, entretanto, o *altiplano da consciência*

⁷⁸ Algumas leituras de *Abdias* apontaram como fundamento da narrativa o movimento de expiação de culpa do narrador, e que, portanto, a ficção representava a afirmação da salvação dos homens pela religião. Um documento na FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA exemplifica o alcance dessa leitura. Antonio Cirurgião vê o romance como uma epopéia amorosa-religiosa bem estruturada, um réplica modesta à Divina Comédia de Dante; a princípio baseado no nome do protagonista, que significa “servo do senhor” em hebraico, comenta a série de alusões bíblicas do diário e diz que o professor percorre as três vias do caminho da perfeição rumo ao amor divino, divididas nas três partes do narrativa. Parte da fortuna crítica dos jornais, quando surgiu o livro, apontava aspectos semelhantes. (Ver Doc. N. 84/1542, Antonio Cirurgião, “Abdias, de Cyro dos Anjos: do amor humano ao amor divino”).

permaneceria intacto. O imperativo da autojustificação dirige os pensamentos do viúvo, que lamenta a perda da mulher e confessa seus erros, enquanto afirma que todos pecam e que, de fato, ele nada realizara. A morte é o verdadeiro limite para o círculo vicioso do discurso de Abdias; diante dela, só resta a ele o consolo da linguagem religiosa:

[o pensamento sobre a morte de Carlota] *jamais se objetivou, porém, numa imagem. Eu fazia uma supressão teórica de sua presença, abstraindo o conteúdo dramático da morte do corpo e jamais imaginando aquele olhar aflito da alma, aquela mão desesperada que se agita no espaço... [...] Como um viajante que só ao anoitecer percebe que errou o caminho e que ficou bem longe a encruzilhada onde se deu o fatal engano, assim só muito tarde se revelam a nossos olhos os desvios que decidiram nossa jornada* (p. 183-4).

O mecanismo de supressão teórica do que o incomoda, que funciona em outros aspectos de sua vida, ganha dolorosa objetividade. Abdias não tem mais a esposa e continua pensando em Gabriela e visitando sua casa, sem qualquer projeto de conquista. Suas crises de consciência são aplacadas com a ajuda do padre e a idéia de que os homens, pecadores, devem lutar dia a dia pela paz e pensar na vida sublime; a aposta na *exaltação mística* que a música e a moral católica geram respondem, assim, ao vazio de sua vida.

5

*Mudança E Permanência:
Apreensão Do Ritmo Histórico
Pelo Olhar Do Narrador*

A leitura de *Abdias* nos mantém circunscritos a distintas explorações do tempo, marcadas, num primeiro momento, pelo ritmo composicional da narrativa: a evolução própria ao ritmo irregular de anotação dos dias da vida do professor. A datação inicial, e única, vem acompanhada da seqüência de registros que recapitulam o dia passado ou avançam e produzem pequenas sínteses narrativas, antecipando conseqüências de fatos ainda não revelados, além de estenderem-se sobre a trama amorosa ou ainda, no plano da memória pessoal, voltar ao tempo da infância e da mocidade de Abdias e gerar reflexões interpostas ao relato. Embora o ritmo ditado pela enunciação do narrador flutue de acordo com suas determinações internas, o resultado desse acúmulo de notações factuais, que oscilam do interesse privado a certas inflexões com a vida pública, parece ser um só: criar um andamento, situar Abdias no eixo de passagem do tempo, formalizar uma linha cuja progressão move a narrativa.

Entretanto, insinua-se uma outra dimensão temporal nos materiais do mundo a que esse narrador vai dando forma. Como tende a explicar o presente a partir do passado, Abdias recorre inúmeras vezes a associações e pensamentos que cortam o fluxo cronológico do tempo e o inscrevem em outro andamento, o da vida refletida, no qual imperam a história revista, a memória, as reminiscências, antigos anseios, frustrações e fantasias. As razões desse movimento do diarista, desdobrado entre o cotidiano e suas lembranças, são variáveis ao longo do livro e não se manifestam apenas nos trechos em que há propriamente recordação ou reconfiguração do ambiente da infância. Aparecem também quando as explicações sobre o caráter, as definições da visão de mundo, da personalidade e das raízes rurais de Abdias tornam-se objeto de sua pena, quando ele, motivado pelo sentimento de desajuste diante do que o rodeia e pelo acúmulo de insatisfações, busca uma reordenação interna da vida pessoal. Constituem momentos em que, por exemplo, ele divaga e convoca suas leituras para explicar o que vive; em geral,

Abdias empenha-se em constituir sua própria imagem e em garantir algum prestígio pessoal que suplantara a falta de prestígio real no mundo apequenado em que vive.

A linha, então, que dá o ritmo ao fluxo da prosa é outra; nela, há também um tempo do que se mantém, do que é igual a si mesmo, um tempo fora do tempo. Ele se torna material para o diário por meio das inúmeras compensações fantasiosas a que Abdias se dedica nos intervalos de seu cotidiano, estimuladas pela aproximação nada ingênua que tece entre seus impulsos, por vezes líricos, por vezes reflexivos, e os desejos tardios do professor. Tais impulsos remontam às aspirações da personagem por uma vida “maior”, cuja origem prende-se à experiência da diferença de classes e de seu desejo de superar o que o fazia sentir-se inferior.⁷⁹

O ritmo da composição, portanto, tem a ver com a maneira pela qual o narrador elabora o registro da vida, buscando o encadeamento dos acontecimentos contemporâneos ao mesmo tempo que o interrompe com anotações do passado e outras reflexões. Esse movimento de vaivém recobre a multiplicidade de planos de representação da personagem central, a notação que ela faz sobre as demais personagens, os assuntos que se dispersam e a tendência a tratar de elementos opostos – campo / cidade, mocidade / juventude, amor maduro / paixão ridícula, presente / passado – para, assim, expressar sua visão de mundo. Resulta, de tal andamento, uma oscilação entre progressão do relato dos eventos e suspensão, o que, articulado com a matéria ficcional, revela a perspectiva de Abdias sobre o mundo em que vive e viveu, bem como sobre o modo pelo qual compreende a dinâmica histórica em que está imerso.

⁷⁹ Numa direção diversa do que aqui se construirá, R. SCHWARZ, no artigo sobre *Abdias*, “Tempo de ficar velho”(1959), atenta para a interpenetração de tempos diversos na narrativa de Abdias e, ao comentar como Belmiro e o professor concebem o tempo, afirma: “Para o professor, existem dois tempos, entre os quais se debate: um heróico, do amor pela impossível e demasiado jovem Gabriela; outro, sólido, tempo de vida menor porém profícua, junto à mulher e aos moleques. O que para Belmiro seria estagnação, para Abdias permanece como tempo. Verdade que não serve para os grandes amantes; serve, porém, tempo-formiga que é, à realização de pequenos trabalhos, como ter filhos ou dissertar sobre as ‘Cartas Chilenas’”.

Os arranjos de Abdias para as notas iniciadas a partir do reencontro com os Ataídes, porém, geram uma pequena variação no modo de compor a narrativa, mediado pelo ponto de vista do narrador e por sua práxis. Ora avulta a reflexão, que caminha a seu bel prazer a partir das transições da vida privada e reflete o tom da prosa introspectiva que marca o diário; ora tem privilégio o relato, as notações da dinâmica pública, do cotidiano e dos acontecimentos mais largos da história. Isso arma uma sobreposição curiosa entre planos distintos de representação, evidentes todas as vezes em que no diário o fato é ocasião para a reflexão e em que a pose filosófica, pretensamente universal, está colocada diante do mundo apequenado e da banalidade dos fatos que cercam a vida desse intelectual provinciano.⁸⁰

De qualquer modo, com o acúmulo dos fragmentos e a oscilação constante entre relato e reflexão, percebemos que a impressão de Abdias sobre a passagem dos dias ramifica-se em duas tendências de dispor a dinâmica temporal: há o tempo que progride, do que avança, e aquele que, passado, vale o mesmo que o presente e tende a dissolver as diferenças resultantes dessa progressão. O processo histórico que o situa, tal como ele o compreende, em consequência, passa a ser significado em função dessa disposição. Saber como os materiais narrativos encaminham isso, como a voz do narrador aí se enovela e quais significações aí se estabelecem são, portanto, questões a que a forma do romance nos lança. Dedicuemo-nos um pouco mais a perceber como, junto à estrutura do diário, em que a passagem dos dias é a mola da composição, a narrativa conduzida pela personagem central revela compromissos ambíguos com um presente que não progride efetivamente e que é a ocasião de reativar o passado, para, conservando-o, tentar superar velhos ressentimentos.

⁸⁰ Um exemplo sugestivo dessa disposição de Abdias de compensar danos vividos pela elevação do tom encontra-se ao final da cena do baile de formatura: “*Achei, como no Eclesiastes, que a mulher, laço para os caçadores, é mais amargosa do que a morte*” (p. 145).

Os procedimentos de que o narrador se vale para pontuar o passado em *Várzea dos Buritis* e assim constituir uma “exploração interessada”⁸¹ da história pregressa combinam-se com aqueles que informam sobre a cena contemporânea em Belo Horizonte. Para o narrador, no entanto, os valores implicados em tais procedimentos não são iguais; o passado serve como paradigma para as fantasias sobre fatos do presente, o qual se torna palco do novo enquanto reativa a frustração pretérita. Dois princípios, portanto, condicionam a perspectiva de Abdias, simultaneamente envolvido pelo ideário do progresso que pauta os dias atuais e pela idealização conservadora das relações que mantinha com os Ataídes, o que arma uma ponte curiosa entre a vila da infância e o ambiente urbano. As conseqüências desses princípios podem ser examinadas na forma que o narrador encontra para mencionar o tempo: ao final da leitura do romance, torna-se evidente que uma tentativa de marcar a percepção de uma suspensão temporal encaminha as formulações em torno do Colégio, dos pares amorosos e o ambiente rural, enquanto idéias de transformação ou anúncios do novo acompanham os registros sobre os vínculos de Abdias com o mundo atual, expressos no Centro, por personagens secundárias, pelas menções sobre a guerra e, sobretudo, pela aposta histórica – tão corrente quanto difusa - do socialismo.

Uma perspectiva corrente na época, largamente registrada nos testemunhos e depoimentos⁸² de importantes intelectuais, vinculava a expectativa pelas mudanças do ritmo histórico mundial e nacional aos ideais socialistas. Os pensamentos da esquerda, de

⁸¹ Emprego expressão usada em “A prosa da história”, **Hegel: a ordem do tempo** (São Paulo, Hucitec, 2000, p. 187- 212), de Paulo Arantes, para explicar como Hegel concebia as sociedades históricas: “A História efetiva só pode ser, portanto, experimentada como o terreno primitivo onde todas as experiências se enraízam, onde todas vêm buscar o seu sentido, sob a condição de ser representada enquanto tal”(p. 202).

origens diversas, influíram na atmosfera intelectual no Brasil e criaram uma disposição favorável para o desdobramento de preocupações sociais, bem como para a defesa da iminência de uma nova etapa histórica. Antonio Candido descreve isto em alguns textos e, em depoimento sobre aqueles anos, sugere o pano de fundo ideológico: “Posso dizer que eu e muitos outros não tínhamos atividade política nem filiação a qualquer grupo, mas tínhamos uma espécie de afetividade de esquerda”.⁸³

Se pensarmos no material coletado nos dois inquéritos promovidos no começo de 1940 que agitaram o meio cultural brasileiro, veremos como aquelas idéias mediavam o debate em torno da situação contemporânea. Obviamente, a intensa politização legada pela década de 1930 encontrava-se diante de acontecimentos históricos decisivos – a Segunda Guerra Mundial e o Estado Novo – e de modelos em choque, no quadro geral do avanço do capitalismo moderno. A guerra representava, pois, o contraponto prático do que se discutia no plano teórico; a crise do liberalismo econômico, fartamente debatida nos anos anteriores, desdobrava-se no plano internacional e conduzia a opções extremas, dispostas a partir da luta entre regimes totalitários e democráticos. No caso brasileiro, isso significava um conjunto de referenciais bastante complexo que influía decisivamente tanto nos rumos tomados pelo governo de Vargas, quanto na vida ideológica da nação. Pautada pelo quadro internacional, a nossa intelectualidade contemplava as conseqüências que os caminhos trilhados desde a Revolução de 30 haviam gerado: uma estrutura de poder conservadora aliada a um processo de modernização das forças produtivas. As formas de governo, de centralização autoritária e de combate persistente contra os perigos comunistas se configuraram-se plenamente em 1937 e significavam um uso particular do modelo fascista, que procurava levar a cabo a tarefa de modernizar o Brasil, reparar as injustiças sociais, integrar o operariado na vida urbana, sem, entretanto, romper com os grupos dominantes.

⁸² Ver CAVALHEIRO, 1944; NEME, 1945. Para o significado de tais enquetes, ver MOTA, 1977; e BASTIDE, R. “Confronto entre duas gerações”. **Diário de São Paulo**. São Paulo, 3/08/1945.

A esquerda, cuja organização política fora duramente coibida, estava finalmente desconfigurada pelo Estado Novo e não representava uma opção objetiva; no plano das idéias, entretanto, mobilizava os pensamentos, que, então, se voltavam para o que vinha sendo realizado especialmente na União Soviética.

Paulo Emílio Salles Gomes, em seu depoimento para o *Plataforma da nova geração*, distinguia as correntes ideológicas que orientavam a elite intelectual da nova geração e apontava o predomínio dos ideais da esquerda nas classes médias. Mesmo admitindo a ruptura proporcionada pelo golpe de 1937, afirmava que o debate de idéias indicava avanços:

A guerra foi se aproximando de nós, nossos navios sendo torpedeados, o Japão atacou a América, rompemos com o eixo, começou a reviver a opinião nacional. [...] Ainda não havia vida política no país, mas um forte movimento de opiniões e idéias se desenha cada vez com maior nitidez. E a Rússia, estrela de toda essa história, está em plena glória.⁸⁴

A reflexão política de fato marca aquele conjunto de intelectuais que se formou na década de 1930. Mário Schenberg, analisa a evolução da sociedade brasileira, também aposta na mudança que aqueles anos prometem:

No próximo decênio definir-se-á completamente o segundo período da história brasileira. Volta Redonda lhe servirá como símbolo. Com a expansão industrial o operariado aumentará em número e consolidará seu espírito. Tornar-se-á possível o reagrupamento dos

⁸³ **Rememória** – Entrevistas sobre o Brasil do XX. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 1997.

⁸⁴ NEME, **Plataforma**, 1945, p. 288. Segundo Paulo Emílio Salles Gomes, sua geração, a despeito de qualquer realização artística ou científica estaria marcada pelo “destino político, militar e religioso, de uma juventude chamada a participar do desaparecimento de um Brasil formal e do nascimento de uma nação”.

elementos populares em volta do núcleo sólido do proletariado e começará uma era efetivamente democrática da política nacional.⁸⁵

Pode-se dizer que há uma visão corrente que aposta, naquele momento histórico, na experiência de uma série de conflitos que levariam a uma transição histórica efetiva;⁸⁶ esperava-se que o Brasil colhesse, do quadro internacional, os influxos de mudança e concretizasse os avanços que a industrialização proporcionava. As camadas intelectuais continuam a operar dentro de uma espécie de refração ideológica: a situação européia proporciona a matriz que repercutiria ventos renovadores em nossa nação. A idéia de que se assistiria, nos anos seguintes, a uma transformação essencial da sociedade brasileira norteia o pensamento de uma geração, que tende, no plano ideológico, a combinar de diversas maneiras ideais de progresso e inclinações pela esquerda. A ambigüidade no trato com tendências políticas e teóricas diversas é, pois, característica do período.

O engodo liberal, posto em causa desde 1930 e em crise mundial, também é retomado por integrantes da intelectualidade brasileira, que tematizam a derrocada do modelo capitalista. Dentro desse conjunto de idéias, a experiência da República Velha torna-se mote para o descarte local do futuro da burguesia. A sensação de pertencer a um mundo no limiar de sua transformação vem articulada com uma crítica à burguesia, cujo modo de ser estaria posto em causa por diferentes opções ideológicas. No Brasil, a forte reação, de fundo católico e conservador, volta-se contra o mundo burguês e denuncia seus

⁸⁵ NEME, 1945, p.118. Notemos que Mário Schenberg vinha comentando como o Brasil finalmente acertara o passo das mudanças históricas do Ocidente a partir da abolição da escravidão e do desenvolvimento propriamente capitalista; o governo de Vargas, embora autoritário, implantara o verdadeiro motor do nosso progresso, com Volta Redonda. Nesse sentido, a análise desse intelectual é importante para delimitar como as idéias progressistas combinavam-se com projetos do Estado Novo.

⁸⁶ Diversos outros depoimentos evidenciam a leitura que certos setores da nossa intelectualidade tinham daqueles anos como um teste histórico do capital que, ao encontrar seu ponto de viragem, decairia de vez em favor da formação de uma sociedade mais justa. Ver, em NEME (1945), depoimentos de Rui Coelho, Ernani Silva Bueno, Luis Saia, Paulo Zinag; em CAVALHEIRO (1944), há também espírito semelhante, especialmente nos depoimentos de Eduardo Frieiro e Oswald de Andrade.

tipos decadentes. Jorge de Lima é categórico: “Sua pena (do esteta), por ser fidalga e tristemente burguesa, é que desaparecerá dentro de pouco tempo. Este homem vai morrer.”⁸⁷

Essa ambiência está formalizada nas páginas de *Abdias*. Os apelos para um novo mundo acompanham a expectativa que certas personagens do livro têm diante da situação nacional e da guerra européia. Roberto Mendonça, por exemplo, indignado com as condições do operariado horizontino, afirma que *a burguesia está no fim* (p.123). Além disso, determinados tópicos da narrativa de Abdias denunciam a influência da percepção da inexorabilidade do rumo socializante da história na formação do ponto de vista narrativo. As imagens da cena contemporânea, mesmo que circunscritas às paisagens urbanas e ao retrato de Belo Horizonte das classes médias – com algumas incursões às periferias operárias e aos bairros das classes ricas –, movimentam os contornos da narrativa central do professor, a qual, como vimos, remete aos dilemas de sua vida privada. Tais imagens estão condensadas por alguns tópicos do romance: O Centro de Estudos Sociais (e João Carlos); as informações sobre a situação da cidade, seus processos de urbanização e transformações geográficas; a iminência da Segunda Guerra e sua deflagração, bem como hipóteses sobre suas conseqüências; a situação política no Estado Novo; alguns diálogos entre personagens e os assuntos da cena urbana.

Em *Abdias* representa-se o presente segundo uma visão da modernidade a partir de diferentes ângulos: o cultural, o político, o local e o pessoal, no qual uma percepção sobre as formas de dominação da nossa elite convive com a precária consciência de si como pequeno intelectual fascinado pelos atributos da grandeza social. De um modo bastante

⁸⁷ CAVALHEIRO, 1944. Uma parcela significativa da intelectualidade afirma princípios católicos e a partir deles critica a contemporaneidade e a lógica burguesa de acumulação de riquezas. Ver, no mesmo livro, depoimentos de Afonso Schmidt e Augusto Frederico Schmidt, entre outros. Em NEME(1945), ver depoimentos de Cecílio Carneiro e Edgar de Godoi Mata Machado. IGLESIAS, em **Trajatória política do Brasil** (1995), traça o panorama da direita católica (p. 238 -241).

particular, em meio a essa lógica interna, o narrador arma, em torno de si, um conjunto de referências que sugerem a percepção do ritmo histórico guiado pelas promessas do novo mundo. Através das personagens que o cercam e dos assuntos que debatem, Abdias da voz à crença de que o ritmo das transformações da sociedade brasileira está acelerado. Dentro dessa recomposição do cenário nacional, um intelectual engajado com as tarefas daqueles tempos difíceis transita entre idéias progressistas difusas e uma engrenagem nova que lhe garante lugar no serviço público e lhe dá acesso ao circuito das famílias abastadas de Belo Horizonte, o que, portanto, acena para outros pactos. Examinemos isso com mais cuidado.

A situação européia vista daqui vira tópico, logo no segundo capítulo de “O colégio das Ursulinas”, em uma conversa entre o professor, na saída da aula, e Mère Blandine. A diretora lembra seus tempos de noviça na França e, preocupada com o presente, menciona as notícias de uma freira, recém-chegada de lá, sobre os rumores da nova guerra na Europa. Pergunta a Abdias o que pensa disso; o diálogo é enunciado, em narração indireta, até as considerações finais do diarista, que considera incorreta a opinião de Blandine e defende a intervenção imediata das nações democráticas.

Os dois estão em campos opostos. O professor acredita que o avanço das ações de Hitler e o sonho germânico de conquista do mundo levarão, inevitavelmente, à guerra. Teme os líderes totalitários e aquilo que podem representar no futuro. O ponto central da discórdia é a Guerra Civil Espanhola. A freira menciona as atrocidades dos republicanos e sua luta anti-religiosa, enquanto o professor tenta dissuadi-la e chama de esporádicas as manifestações do ateísmo, o que provoca o fim da discussão, polidamente encerrada por Blandine.

Diante das crises do presente, essas duas figuras encarnariam diferentes posicionamentos de setores da sociedade brasileira, aqui tipificados pela conduta conservadora e pela progressista.⁸⁸ O desdobramento do alcance representativo do diálogo não é uma impressão passageira do leitor, tampouco invenção da análise; é um procedimento que de fato preside a escolha da matéria literária em cenas como essas, nas quais as personagens tomam para si a expressão de vozes que nos remetem aos discursos que circulam em seus ambientes. Há um conjunto de cenas em que elas são chamadas a depor sobre assuntos pertinentes à esfera pública, a emitir opiniões, a comprometer-se com algo, enfim, a funcionar como evocação de um universo que supera a caracterização miúda, meramente circunstancial, do enredo.

Isso posto, a imitação das vozes sociais traduziria a diferença das atitudes das personagens: de um lado, a representante da direita católica, ligada ao círculo da educação privada, desdenha de uma análise mais aprofundada do jogo de forças da Europa e por isso conclui uma apreciação que o narrador insinua ser algo alienada ou, no mínimo, equivocada; de outro, o intelectual comprometido com uma visão mais lúcida sobre os conflitos da guerra e os movimentos de esquerda, que, sem poder impor-se, termina por tecer considerações esclarecidas em seu diário. Quem manda, inicia e encerra a conversa, desgostosa do rumo que ela tomou; o professor, entretanto, sai do episódio como alguém que reflete e toma partido na cena contemporânea.

O antagonismo de posições, porém, corre o risco de anular-se; a princípio, porque está preso à menção eventual e acessória com relação ao centro da trama. Depois, porque o andamento do diário passa a perna no plano antes aberto da reflexão histórica e expõe um

⁸⁸ Num outro sentido, vale lembrar que E. CARONE e T. SKIDMORE relacionam as diferentes etapas que marcaram o envolvimento da sociedade brasileira e do governo com a guerra. Getúlio Vargas conduziu, até quando foi possível dentro do quadro internacional, uma política de duplo empenho, que se manifestava em interesses comerciais e gerava tanto disposições favoráveis à Alemanha quanto um movimento antifascista, entre membros do governo e na sociedade civil.

Abdias envolto em intrigas colegiais. Um tema faz desaparecer o outro, o intelectual comprometido com os destinos da democracia ocupa-se das armações das moças e suas estratégias para criar ou anular “um inimigo”, irrelevantes disputas de poder no ambiente restrito do Colégio. O rebaixamento do tópico é evidente – no fragmento seguinte ao diálogo com Mère Blandine, o assunto preponderante gira em torno das *batalhas* da turma: a guerra em surdina na qual as pequenas, dissimuladas, excluem e mortificam alguma aluna (no caso, Gabriela). No plano da narração, os dois trechos traduzem a esfera dos eventos que permeiam o cotidiano de Abdias e que para ele se tornam equivalentes. Trata-se, obviamente, de uma equivalência feita de contrastes, o que de certa maneira esvazia a reflexão sobre a guerra e gera um sentido quase cômico, de efeito retrospectivo, em que a seriedade reflexiva vira pose.

Esse modo de apresentação do cenário internacional é constante no livro. Especialmente na terceira parte, as alusões à Segunda Guerra ganham mais espaço, mas o procedimento da composição se mantém: mencionadas por meio da encenação do diálogo entre as personagens, retratam as preocupações que agitam as conversas em determinados círculos sociais. Viram assunto nas rodas do pessoal do Centro, na família Ataíde, geram novas indisposições entre o diarista e Beirão. Ou seja, integram um cenário, estendem um pano de fundo para a composição das personagens. O assunto pontua especialmente as aparições de João Carlos, que se exaspera com o pacto de Munique, chama Chamberlain de velho caduco, protesta contra o fuzilamento de Lorca e, por fim, quando a guerra é declarada, irrita-se com outros oradores da sessão do Centro e se propõe a pegar em armas, nessas *horas de metralhadoras e canhões, para furar a barriga do cachorro do Hitler*. Nesse sentido, a narrativa recompõe um diálogo social travado naqueles tempos, em que a intelectualidade brasileira acompanhava os desdobramentos do cenário europeu entre indignada e esperançosa, posta na expectativa periférica de que um novo conjunto de

forças sociais daí iria emergir e gerar, por conseguinte, um novo processo histórico de dimensões mundiais.⁸⁹

A imitação da cena nacional caminha de modo complexo. Primeiramente, porque o livro é recheado de expressões que têm por efeito fundamental sublinhar a modernidade como um novo horizonte social, de sinal positivo. A impressão de avanço, a que a realidade nunca corresponde, permeia a manifestação das vozes do quadro social retratado. São, em geral, apontamentos, no plano verbal, de uma sociedade em transformação, com novas composições nas relações entre classes. Vale anotar que esses apontamentos também são proferidos como tópicos das conversações de praxe em eventos sociais, incorporados à matéria do diário como uma ilustração do que se diz em tais encontros.⁹⁰ Tais expressões, paralelamente, concretizam-se em palavras do narrador espalhadas ao longo do relato – *“era socializante, socialistas de diferentes naipes, problema social, flores do nosso capitalismo latifundiário, aspectos do mundo capitalista em decomposição, culpa burguesa, a participação feminina, ligação com as esquerdas, um social-democrata, tempos de substanciais transformações, dever para com a sociedade”* – e nas bocas das demais personagens, mormente de João Carlos, Roberto Mendonça e o trio formado por Abdias, Gabriela e seu pai.

Apenas duas menções diretas ao regime do Estado Novo surgem nas notas de Abdias ligadas à suspensão das atividades políticas, de que se fala no Centro de Estudos Sociais e de que dá depoimento a espera do Dr. Azevedo pelas eleições. O fato de que, entre 1938 e 1939, em Belo Horizonte, nada mais seja dito sobre a realidade que então constituía o país põe a nu a situação do narrador que curiosamente parece passar ao largo

⁸⁹ A mistura entre uma posição avançada com a irrelevância das opiniões emitidas é evidente nas palavras de João Carlos e nas reuniões do Centro, bem como na intelectualidade, de modo geral, a julgar pelos discursos emitidos nos inquéritos promovidos por Edgar CAVALHEIRO e Mário NEME.

⁹⁰ Um exemplo desse procedimento encontra-se na cena em que o professor convida Gabriela a participar dos inquéritos do Centro: *“Da música de de Falla, passamos à guerra espanhola, e da guerra espanhola, ao problema social. Desde, foi fácil deslizar a conversa para o nosso Centro e suas pesquisas”*(p.50).

das imposições impostas pelo presente histórico.⁹¹ O retrato, parcial, foca algumas posições-chave do ambiente urbano ligado ao professor, as classes entre as quais circula, as discussões políticas da época voltadas para a situação européia, sem haver outras considerações sobre o governo getulista. Em seu lugar, entram encenações da dinâmica pública feitas pelas personagens que discursam limitadas pelas injunções contextuais. Retomando o que dissemos sobre o motivo literário da Segunda Guerra, identificamos na representação da cena contemporânea um híbrido da notação realista dos debates característicos daquele ambiente com uma escolha de retratar a história local de modo indireto.

No registro das conversas com João Carlos, Abdias assinala os compromissos que marcavam a vida pública naqueles dias. Após as desavenças na colônia Afonso Pena, Abdias ouve um discurso emocionado do diretor do Centro de Estudos Sociais, cuja reflexão suprime o interlocutor e regozija o próprio sujeito que fala, *embebido em sua visão*:

[...] *O que me interessa é que você, que todo mundo fique chocado com a miséria que há por aí. Meu objetivo não é senão este. Não se pode fazer tudo de uma vez, mas é preciso que haja preocupação com o problema, que se crie uma consciência social. Cada dia, nosso egoísmo nos faz esquecer que há pessoas que morrem de fome, a alguns passos de nós, crianças definhando por falta de alimento, homens que podiam ser válidos e que no entanto se arrastam como molambos. É*

⁹¹ Aqui também podemos refletir sobre como o quadro romanesco expressa algo presente no meio intelectual daquela década. Nos depoimentos colhidos por NEME (1945), por exemplo, fica claro que, junto com os limites impostos pela censura (comentados com maior ênfase por RUBEM BRAGA), havia uma indecisão relativa diante das formas autoritárias do Estado Novo, cuja complexa rede de relações resultara em um posicionamento incerto e nem sempre lúcido daqueles intelectuais diante do regime brasileiro. O problema é comentado no livro de OLIVEIRA(1982), conforme indicamos.

preciso que alguma coisa nos faça lembrar, de vez em quando, da existência desses párias! [...]

Parece-me tão simples, tão simples... Creches, maternidades, lactários, escolas, cantinas, mais escolas, mais cantinas, um simples prato de sopa, e revolucionaríamos o Brasil! Em cada Capital, uma Universidade do Trabalho... Mas já ouço falar que cogitam de estabelecer a grande siderurgia. A sinfonia dos cavalos-vapor! Quero viver, Abdias, para ver um mundo melhor! (p.126-7)

O tio de Carlota aposta na sensibilização como motor da transformação; a lembrança da existência lamentável *desses párias* mobilizaria as *corujas velhas* para o problema da pobreza. Lactários, cantinas, escola, comida, condensam a visão de João Carlos. O impedimento, para ele, restringe-se à ausência de consciência das classes altas, seu alheamento e egoísmo. O choque que a visão da pobreza proporcionaria, a convivência entre classes sociais diversas e o desenvolvimento industrial de base seriam os alicerces da superação; teríamos, então, as condições para um mundo novo, metaforizado na expressão *a sinfonia dos cavalos-vapor*. Os termos, combinados, traduzem as imagens do progresso brasileiro, de um sonhado e frenético movimento harmonioso – a maquinaria acoplada à natureza funcionaria como notas de música erudita. A imagem recolhe-se ao coração do narrador, o qual, movido pela relação pessoal e ausente do debate, deseja, segundo expressão final do fragmento, que o velho dure para *ver as primícias do mundo que sonha*. A ponta de um ceticismo dócil ou de mera acomodação aflora em seu silêncio; conseqüentemente, a certeza de um futuro em marcha progressiva recolhe-se às *visões* do tio de Carlota e o narrador flagra um modo de ser da nossa elite, que discute moralmente as iniquidades nacionais enquanto suprime a análise das forças produtivas .

A própria oposição com que João Carlos mede a diferença entre ele, espírito pragmático, e Abdias, teórico incapaz, se dá no âmbito da discussão sobre os caminhos da história recente:

- Homens como você, Abdias, não servirão para o mundo que virá. Mundo de ação, de energia.

- Para que tanta ação, homem, e com tanta ênfase? – perguntei.

- Para organizar tudo, suavizar a vida, abolir a exploração do homem pelo homem, a miséria! – respondeu, irritado, numa oitava acima, quase a gritar. – Nesse novo mundo não perderemos tempo com Cartas chilenas, ouviu?

João Carlos sabe que estou com ele, de coração, e que nossos sentimentos são comuns, mas tem, talvez por vício, necessidade de me repreender. Como isto lhe faz bem, não me oponho. Apenas não resisto à tentação de provocá-lo.

- Não pense que vai monopolizar esse novo mundo. Hei de encontrar nele também o meu cantinho. Nele estarei, in angelo cum libello... – respondi.

Falei, ainda brincando, que não convinha ufanar-se tanto de sua decantada atividade. Resumia-se, talvez, numa questão de glândulas. Se eu era um abúlico, ele não passava de um hiperbúlico. (p. 109)

Abdias, *de coração*, parece compartilhar a ambição coletiva que projetava para um futuro próximo uma sociedade menos injusta, que superaria o paradigma liberal e se desvencilharia do nazi-fascismo para esboçar uma forma nova de democracia social; isso significava, no Brasil, apostar nos avanços industriais como vetores de modernização que

garantiriam a incorporação das massas trabalhadoras num ritmo social unificado pelo trabalho. A abolição da miséria e a convivência dos homens dentro de um estado de bem-estar garantido pelo empreendedorismo das classes altas constituem a miragem perseguida por João Carlos, para quem uma rede de segurança social, de apoio ao trabalhador e suas famílias, atenuaria o sofrimento humano, como se o par ação-trabalho, conjugando forças sociais, suprimisse a exploração. A matéria ideológica que configura essa aposta faz parte da doutrina do Estado Novo; seus ideólogos principais freqüentemente divulgam discursos semelhantes ao proferido pelo tio de Carlota;⁹² essa chave de interpretação do destino do Brasil era comum. Nesse sentido, o projeto de nação envolvido na dinâmica do Estado Novo assemelha-se ao desdobramento de mais uma aposta num arranque fabuloso que nos salvaria e nos encaixaria de vez no mundo moderno.⁹³

Como o narrador se coloca simultaneamente dentro e fora desse projeto – seus *sentimentos são comuns*, mas suas ações não –, pode satirizar e dizer que o suposto confronto simbolizado em João Carlos entre prática social e atitude contemplativa não passa de efeito de descompensações endócrinas.

A distância tomada por Abdias diante dessa aposta histórica brasileira é reiterada ao longo da narrativa, o que se traduz em uma atitude que simula o empenho participativo enquanto duvida dos resultados que, porventura, serão conquistados. Quando o narrador afirma qualquer princípio, sempre é movido pela lógica individual; um exemplo dessa conduta aparece na terceira parte do romance, quando comenta a retomada dos inquêritos nas colônias operárias e a convivência com Roberto Mendonça, que entra em atrito com a visão excessivamente a-histórica de Abdias:

⁹² Ver OLIVEIRA, 1982.

⁹³ Paulo Arantes comenta como esse mito do encontro marcado com o futuro se repete e marca as concepções ideológicas das sociedades periféricas, lembrando, entre outros, Sérgio Buarque de Holanda, que via a nossa história econômica como uma “procissão de milagres” (ARANTES, P. “A fratura brasileira do mundo”, **Zero à esquerda**. São Paulo: Conrad, 2004).

Não faz uma semana, estivemos os três na Vila Santo André.

Ao regressarmos, Roberto, que é pragmático como João Carlos, teve uma palavra que guardei. Disse-me que jamais poderei encarar o problema social com a objetividade que há mister (eu lhe havia confessado que, em cada operário com quem conversávamos, tinha a impressão de defrontar, não com um homem atual, de reivindicações nítidas e instantes, mas com o ser de todos os tempos, que nasce, sofre e morre, num mundo de ilusões traiçoeiras). Roberto tem razão, e neste ponto devo procurar reformar-me, para que possa prestar algum serviço. (p.185)

O modo como Abdias encaminha o debate ideológico em que está envolvido não poderia estar mais evidente: sempre refratário, notado por meio do diálogo entre personagens. Nessa passagem, aliás, o narrador menciona a convicção sobre o mundo das ilusões traiçoeiras para que, imediatamente preso ao circuito do auto-exame, convoque a réplica do companheiro e tente se emendar. O anúncio do que o narrador pensa sobre as demandas das classes baixas vem expresso literalmente entre parênteses, enquanto ganha maior relevo a voz de outra personagem, que o examina e deprecia. Roberto Mendonça, caracterizado outrora como um socialista evolucionista que rompera com a ala extremada do Centro, encara objetivamente o *problema social*, enquanto Abdias enxerga neles a infinita expressão da eterna miséria humana. Ambos, porém, no horizonte da fabulação romanesca, envolvem-se nas atividades sociais reguladas e consentidas pelo governo de Vargas, além de se aproximarem de Gabriela. Expressam, portanto, posturas políticas semelhantes naquela conjuntura, um tipo de atuação de camadas intelectualizadas, no cenário político daquele tempo, que está restrita não apenas àquilo que é permitido pela

polícia, mas também aos próprios contornos ideológicos que a dinâmica do Estado Novo impõe à discussão.

A consciência do narrador está aderida à compreensão do universo social brasileiro e de que certa modernidade – representada por uma dinâmica específica das relações entre classes sociais, pelo reformismo vago do Centro e pelas fumaças esquerdizantes dos letrados – significaria a superação e o novo enquanto as estruturas antigas continuam a fazer valer seus princípios. Formado sob a influência do poder das oligarquias locais, o pensamento de Abdias vaga por princípios diversos; ele é um expoente das camadas médias intelectualizadas, cujo vínculo central ainda responde aos comandos das camadas dominantes, mesmo quando se encontra envolvido com demandas mais amplas, próprias do meio urbano no qual circula.⁹⁴

A matriz prática dessa disposição ficcional pode ser entendida dentro do projeto de modernização conservadora levado a cabo pelo governo getulista. Ao manipular as inquietações das classes trabalhadoras urbanas para, com medidas trabalhistas e uns tantos benefícios, mover a lógica do capitalismo moderno que perpetua a desigualdade e a exclusão, o Estado mantém o pacto com as elites dominantes e se apropria de um discurso inovador que promete construir uma nação e, pela primeira vez na história nacional,

⁹⁴ SAES, Décio. **Classe média e sistema político no Brasil. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.** O autor analisa, ainda no contexto da Primeira República e da expansão da economia cafeeira, a estruturação da classe média. O remédio para o processo de mobilidade social descendente sofrido pelos aristocratas empobrecidos estava dado pela constituição de um aparelho urbano de serviços, nos quais o ingresso era possível mediante a proteção angariada pelas antigas relações. Assim, no espaço das profissões liberais, insinuava-se um mundo de valores aristocráticos e pré-industriais, amparados pela prática do apadrinhamento: “Pode se dizer, então, que as trocas sociais de tipo tradicional construíram, em grande parte, a garantia da absorção ideológica e política das camadas despossuídas pelas oligarquias rurais.”. Adiante, amplia a diferenciação ideológica entre as camadas médias tradicionais e as baixas no decorrer das décadas de 1920 e 30, dada em uma conjuntura de transição do capitalismo agrário para o industrial e o complexo mercado urbano de trabalho não manual. Conclui: “Em um mundo onde o antigo e o novo coexistem, certos grupos continuam ligados a uma visão estamental da sociedade enquanto outros aspiram à mudança econômica e à industrialização, cujo caráter periférico coloca, desde logo, o problema da construção de um estado intervencionista e industrializador”. Abdias, portanto, comporta-se como um portador de uma mentalidade aristocrática em meio as mudanças da sociedade brasileira da primeira metade do século XX.

responder e corrigir as iniquidades sociais. Esse contexto reflui nas páginas do romance e nas opções ideológicas que as personagens representam.

Menos visível, embora não menos significativo, é o modo como Abdias faz conviver na sua figura, em pé de igualdade, o apelo à participação e a ideais avançados com a sideração pelos ricos. Por um lado, isso evidencia os compromissos dúbios do pequeno intelectual, a aceitação de valores diversos e a ambivalência característica de seu entre-lugar social; por isso Abdias deve divagar sobre mudanças enquanto projeta um *destino maior* e logra incorporar-se a um papel marginal de convivência com os Ataídes.⁹⁵ Por outro lado, como resultado final da narrativa, o percurso do professor mostra quanto a dinâmica histórica e a sociedade brasileira estão rumando na contramão do plano discursivo, que, assim, se esvazia. De fato, o debate político encenado no romance não tem como consequência qualquer mudança no quadro histórico; as personagens distinguem o plano discursivo da prática transformadora, que não se efetiva.

Não é outra a impressão final do livro, desoladora, equivalente à atitude do narrador, que nutre alguma frágil esperança em subverter a lógica de manutenção dos privilégios sociais e ainda realizar seu desejo de acomodação. A fé depositada no futuro – como o tempo de recolher as mudanças – vem, então, contrabalançar-se com a saída individual que, longe de romper com os esquemas dominantes, nele se enquadraria, por cima, efetivando o ajuste social desejado segundo o acerto das relações afetivas. O cansaço de Abdias ao enunciar a nulidade de qualquer ação, de qualquer projeto, acompanha a tentativa de manter em perspectiva dois sonhos: a abolição das relações de força entre os homens e a menção indireta a Gabriela. A frustração pessoal equivaleria ao naufrágio

⁹⁵ Nesse sentido, Abdias representa uma figura cara à intelectualidade que quer parecer com ela e assim se esquecer dos pactos de dominação que a condicionam. Isso talvez explique por que, na fortuna crítica, se deu mais atenção aos conflitos internos da personagem, tidos com amorosos e sentimentais, sem qualquer indicação dos vínculos de classe que os guiavam.

social, e Abdias esforça-se para superá-los num misto de redenção cristã e espera pela moça rica:

A inteligência, céptica, descrê desse tempo futuro, em que o homem deixaria de ser o lobo do homem. Mas desejá-lo, de coração, não será um meio de torná-lo possível? De qualquer modo, é preciso lutar pelo advento de um tempo em que a virtude dirija os homens. É preciso aprender a nos esquecer de nós mesmos. É preciso entregar-se ao trabalho anônimo e saber encontrar a felicidade que nele existe. É preciso, sobretudo, nutrir uma esperança... (p.215)

O fato de Abdias aproximar-se da solução católica parece, pois, mais um dos refúgios ensaiados na intimidade do que a salvação para os impasses de sua vida. Não nos esqueçamos de que aqui se figura o alinhamento a uma corrente ideológica importante no Brasil. Esta opção – a reação católica – combina-se com a atmosfera de preocupações sociais ditadas pela esquerda, o que fica claro na fala do narrador. Derivações longínquas das idéias marxistas e da referência à história humana como história da luta de classes já apareciam nos discursos do pessoal do Centro e retornam aqui, transfiguradas pela contaminação entre a ética cristã e a leitura das forças materiais do mundo, que nunca se completa. O esboço final da trajetória do diarista viúvo, culpado pela traição imaginada e ainda sentindo a dupla falta de Gabriela e de Carlota, confirma o quanto a feição social é inseparável da face subjetiva na caracterização dessa personagem.

Faz parte também da modernidade propriamente urbana codificada no romance a circulação das personagens entre bens culturais e políticos. Na *roda de literatos* ou *entre*

socialistas de diferentes naipes, é corrente o consumo frenético das idéias novas, desvinculadas da base histórica. São elas outras tantas mercadorias, e o olhar de Abdias nota, sem explicitar, o quanto giram em falso, como trapaça ideológica. Já apontamos que essa perspectiva se forma diante das personagens secundárias, mas não surge quando o que está em causa é o próprio narrador.

O novo mundo da ação, das siderurgias, dos lactários e dos operários das vilas convive com aquele em que as *espécies de sucessão* dão as cartas. Abdias tem consciência de que pelos pequenos favores conquistados por relações pessoais conseguiu ajeitar-se no mundo dos trabalhos intelectuais, e que, portanto, o ritmo urbano não está tão distante do que mediava as relações sociais em outros tempos.⁹⁶ Nesse sentido, Abdias avalia o ritmo peculiar do processo histórico brasileiro a partir do ponto de vista de um homem de letras, ligeiramente empenhado em descobrir a real autoria das *Cartas Chilenas* e profundamente sequioso de penetrar nas mansões de Belo Horizonte.

Na figura de Abdias, refrata-se um descompasso entre anseios subjetivos e os apelos de participação dos intelectuais nos projetos de transformação da sociedade.⁹⁷ No período do Estado Novo, os impasses de tudo isso já saltam aos olhos e se diferenciam do que era discutido desde 1930, tornando essa relação ainda mais problemática. A intelectualidade, como vimos, vinha de um processo de radicalização ideológica que encontrava no regime de 1937 uma prova de fogo, porque a incorporação de suas atividades nos aparatos do Estado tornara-se prática oficial. Daí ambivalência do narrador responder a um dado que constituía as relações sociais e ser, portanto, instaurada por uma particularidade histórica. O ponto de vista construído no romance prende-se ao homem

⁹⁶Um andamento acomodatório do ritmo histórico brasileiro fica sugerido por esses ajustamentos recíprocos das camadas que vivem subordinadas ao poder. (Ver SAES, **Classe média...**, 1984).

⁹⁷ Como vimos no quadro geral dessa dissertação, o trabalho intelectual no Brasil coloca diversas vezes o intelectual sob os apuros de uma sujeição real, sem a qual nada faz. Cria-se, portanto, uma prática social que divide a consciência, as operações do pensamento, da matriz prática que o sustenta, o que está representado em Abdias.

intelectualizado que quer ser rico mas está imerso no debate maior que a inteligência nacional acompanhava ou de que participava ativamente no horizonte da modernização cultural ditado por Vargas.⁹⁸

Sistematizando o que já vimos, o olhar de Abdias tipifica as vozes do mundo objetivo quase sempre com uma ponta de ironia. É bom lembrar que o professor nunca fica aderido, integralmente, a nenhum discurso, salvo um humanismo difuso e acomodado. A princípio, sua função é ressoar, na escrita íntima, uma galeria de citações e perfis exemplares de múltiplas tendências políticas do período. A reprodução não é extensiva, porém indicativa de certas posições: no diário, encontramos João Carlos, Roberto Mendonça, Dr. Azevedo, Glória, Gabriela, a tia Mariana, os moços burgueses, a prevenida Carlota, Beirão, o velho Sizenando, o padre, os quais, como vimos, representam diversos lugares sociais e diferentes compromissos ideológicos.⁹⁹

A representação da dinâmica histórica vem revelada naquilo que cerca e determina a trama central, amorosa. Nessa dinâmica, o narrador não atua senão mantendo o jogo de forças que ele diz estar em extinção, o que traz conseqüências para a constituição da perspectiva de Abdias. Já notamos a tendência a apresentar indiretamente um conjunto de vozes com as quais dialoga o intelectual médio; a aparente abstenção de Abdias em torno das discussões em jogo traduziria tanto um movimento de equiparação do valor relativo delas todas – e, portanto, um esvaziamento do teor de verdade –, quanto a inserção problemática dele nesse universo.

⁹⁸ A partir dos depoimentos colhidos em *Plataforma da nova geração*, temos uma idéia mais viva sobre como os projetos de socialismo e sonhos de industrialização se uniam para determinados intelectuais. Sabemos, também, que era operante um plano de incorporação de uma esquerda intelectualizada ao regime era operante.

⁹⁹ A tipicidade histórica do caráter das personagens do romance foi abstraída pela fortuna crítica, que apenas pontuou o quanto *Abdias* reiterava a imitação das camadas intelectualizadas urbanas já iniciada com o *Amanuense*. Mesmo assim, é essa tipicidade que nos permite entender como são montadas as personagens secundárias, que codificam uma galeria de posições sociais estrategicamente dispostas. O resultado é verossímil, e, sobretudo, sugestivo do contexto social a que se refere.

Essa modalidade de representação da dinâmica pública em meio às anotações do professor efetua uma passagem por fatos e tipos do quadro histórico nacional sempre subordinada aos movimentos internos de Abdias. Embora o processo brasileiro, de fato, condicione o núcleo dramático da narrativa, este passa a figurar como íntimo. O significado das aspirações do narrador só se esclarece quando articulado com o plano histórico-social que o determina, embora se manifeste no gênero intimista, na voz abafada. Trata-se, portanto, de uma face complexa do romance introspectivo, ao qual, de algum modo, a incorporação do diário responde. A tensão formal entre a história geral e a particularidade da personagem caminha junto a uma espécie de apagamento da configuração das forças políticas e sociais do Estado Novo, cuja reflexão, se trazida pelo leitor, choca-se e em grande medida torna mais complicado o plano do que é enunciado.

A ambivalência do olhar de Abdias, a duplicidade de seu caráter, é menos condição do indivíduo do que reflexo da experiência brasileira, em que ele estava exposto, de fato, a um duplo regime, ou a diferentes modos de conceber o processo histórico estimulados pela evolução do capitalismo no Brasil moderno.

Abdias tende a figurar a passagem do tempo como reposição e persistência, por exemplo, quando arma filiações sentimentais inusitadas – com a Bíblia, Shakespeare, poetas mineiros – e quando examina o colégio das Ursulinas. Em uma cena intermediária, que pouco tem a ver com o fluxo do relato, Abdias enaltece aquela agremiação de freiras que repetem hábitos e dão uma lição de permanência no terreno por si movediço e precível da História. É assim que, tendo sido obrigado a mudar as aulas de sábado para o período da tarde, *hora melancólica, neste fim de agosto*, o professor volta a apreender o

real num tempo acima do tempo, a partir de uma perspectiva que neutraliza a dimensão propriamente histórica:

Às 5 e ½, o sino toca a Completas, e as freiras vão, em fila, duas a duas, para a Capela, deixando pelos corredores um murmúrio de preces e um ruído surdo de contas de rosário que se chocam.

Como as coisas da Igreja se subtraem à ação do tempo e se preservam dos germes desagregadores que as instituições trazem em si! Há quatrocentos anos, desde que a bem-aventurada Ângela Merici fundou a ordem de Santa Úrsula, essas freiras – que levam, a um tempo, vida ativa e contemplativa - recitam suas horas canônicas, [...] Daqui a outros quatrocentos anos, farão certamente as mesmas coisas, às mesmas horas, nalgum colégio a este semelhante, aqui ou no coração da China.

Por elas passam guerras e impérios. A conflagração que se avizinha transformará, sem dúvida, a economia e a sociedade. Mudarão os costumes, mudarão os tempos, e as filhas de Santa Ângela continuarão a ser, provavelmente, o que eram em 1535. (p.56)

A divagação dá a medida do esforço do professor em suspender, em certos domínios, o andamento da história como processo, e a configurar imagens de permanência atemporal. Este, tempo que corre, pode valer para a sociedade e a economia, mas não atinge o colégio onde se educam *as moças em flor*. A Igreja, ao contrário de outras instituições sociais, mantém um duplo vínculo, com os assuntos terrenos e com o eterno. Em Belo Horizonte ou no *coração da China*, em 1938 ou 2338, as freiras agirão do mesmo modo. Mesmo a certeza de Abdias sobre os *novos tempos* não contamina a divagação sobre as Ursulinas e, de quebra, a outra certeza de que haverá ainda colégios como esses. O

narrador, com isso, expressa o sentimento de que certas instituições continuam e atravessam dinâmicas históricas específicas, sobrevivendo às conjunturas. Algo tolo, mas revelador do olhar sobre a história. Como em outros tantos trechos em que as tonalidades reflexivas do narrador imperam, aqui a presunção do alcance do pensamento casa-se com a expressão esnobe de uma filosofia menor, costurada para cobrir as veleidades de Abdias.¹⁰⁰

O narrador, durante aquele ano (1938) tão cheio de novas ocupações, procura criar imagens de um passado da família rica, por ele vivido à margem, com inclinação beletrista e pendor aristocrático. Vimos como Abdias arma certas historietas genealógicas para revestir com uma capa senhorial, cavalheiresca, os Ataídes. A crônica da família, que registra as andanças pelo interior, o mito Violante, as relações locais de poder, e caminha junto com a configuração de uma ética instintiva de dominação dessa gente – tudo isso compõe a perspectiva do narrador sobre a história. Assentada num ideal de nobreza que precederia a forma capitalista do mundo, essa perspectiva desloca a visão do narrador sobre a impossibilidade de romper efetivamente antagonismos de classes sociais na contemporaneidade, compensando-as imaginariamente. A fabulação de Abdias é caprichosa: não vê o passado colonial como parte do ciclo do capital, tampouco com qualquer outra função que não seja a de enquadrar o destino aventureiro daqueles que possuem um velho nome. Projeta, sobre a ordem brasileira, um ideal cavalheiresco completamente literário e importado. Suas motivações, já o sabemos, são as do voyeur ressentido, que não desiste do seu anseio de pertencimento.

Perto do desfecho do romance – e, portanto, após toda a irrealização das ambições de Abdias –, o passado pessoal retorna como história contada, delineando-se como tempo

¹⁰⁰ O modo como Abdias articula as associações de seus estados emocionais aos sugeridos pela audição de peças eruditas é outra face desse mesmo processo. Ver, como exemplo, a cena final do romance, em que, ao ouvir a Nona Sinfonia aos pés do Dr. Azevedo, relembra sobre a exaltação mística da esposa morta.

morto. A sua figuração perdeu a capacidade de gerar correspondências com o presente, território desagregador do eu:

Maria Clara, secundada por Pero Vaz e Carlos José, pede-me que lhes conte coisas da minha infância, fala na casa-grande, de Várzea dos Buritis, na minha mãe, nas viagens que fiz com meu pai, pelo sertão.

Pergunta-me por que eu não voltei lá. Compreenderia Maria Clara as razões que eu lhe desse? Meu pai e minha mãe morreram. As antigas famílias cederam lugar a adventícios sequiosos de lucros. Vista Alegre foi convertida em vastas e monótonas paisagens, onde já não se ouve o canto dos trabalhadores no eito, a capinarem a terra. O velho Ataíde, dona Constância...

Meu Deus, como os quadros da vida se transformam, e vamos ficando sozinhos, entregues a nós mesmos! [...]

A estabilidade da vida em Várzea dos Buritis! A estabilidade de meu pai, sua confiança no mundo, sua energia! A mim tudo parece provisório, movediço... Sempre pensando que um dia realizarei alguma coisa e que, se nada faço, é porque minha situação é transitória. Adiado sempre, sempre, e, no entanto, ficando velho.

[...] Várzea dos Buritis, mundo irreal da adolescência, não passa de uma fantasmagoria... (p.199-200)

Para o narrador, o andamento histórico é fonte da degradação, da desilusão; no trecho, assinala a modernidade como algo que corrompeu o passado, como tempo dos novos habitantes que só almejam o lucro (curiosamente ausente na representação parcial feita do passado); nem a doce cantilena que acompanhava o trabalho braçal ouviria mais nas paisagens da infância, tomadas agora pela menção indireta da atividade monocultora.

O abandono da perspectiva de transformação do mundo, que acompanhara as figurações do narrador sobre o presente ressoa fortemente na voz narrativa. O apego a essa idealização de formas arcaicas de relações sociais entra em conflito com a certeza anterior de que a era socializante estava próxima. Nem mudou o quadro atual, nem ele quer abandonar sua fantasia regressiva e conservadora sobre o mundo de outrora. As formas idealizadas do passado sobrevivem nas figurações particulares da memória: o pai, a mãe, o velho Ataíde, a vida estável, o projeto realizado, as antigas famílias e os “cantores” no eito... Tudo, porém, não passa de *fantasmagoria* – Abdias percebe que as construções simbólicas não se mantêm no presente. A cena contemporânea, na qual a sua inserção repõe o lugar menor de que almejava livrar-se, além de restar como tempo da velhice, é índice de uma nova dinâmica histórica em que Abdias sente-se isolado, sem ilusões. Nesse fragmento, passado e presente estão claramente diferenciados, e ao tempo de agora fica reservada a nulidade de qualquer atuação, a impossibilidade de qualquer projeto. O passado - sobre o qual pairam todas as irrealizações do presente – torna-se ideal, numa sátira involuntária que recolhe a frustração e instala, imóveis, as saídas imaginárias.

Esse é o desfecho das considerações sobre a vida pregressa do diarista. Entre o início dos relatos e o comentário, lembremo-nos que há uma série de interposições de outras referências ao passado sobre a narrativa do presente. Se tentarmos sistematizá-las, veremos os seguintes planos: o quadro puramente literário, especialmente o da literatura trovadoresca, funcionando como assunto das aulas e material para as metáforas do professor; o quadro colonial brasileiro, do qual emergem as aventuras de Violante, a desavença entre os Ataídes e um intendente acerca da exploração de minerais no Tijuco, a instalação dos sobrados de luxo em regiões decadentes; o quadro da virada do século XIX para o XX, fragmentos da infância e da mocidade do narrador. A partir desse modo de constituir sua visada do passado – histórico e pessoal – a consciência de Abdias se instala e

deixa à mostra formas particulares de significação dos processos sociais que a condicionam.

A imagem agônica de si, como *a voz de um mundo que se extingue*, também ativa a percepção de Abdias sobre a passagem do tempo. A síntese é própria do andamento final das anotações, mas a presença do tema se insinua em vários registros, ou por meio das generalizações – *a mocidade que procura a mocidade* –, ou por meio da reflexão do narrador. Já vimos que Abdias entende a paixão por Gabriela como uma visita tardia do amor; a experiência sentimental temporã faz com que configure, por extensão, o autorretrato de um tipo obsoleto, ultrapassado, velho, e caracterize a própria identidade como sobrevivência anômala de um tempo superado, uma existência extemporânea que o faz viver com os pés fincados em dois tempos.¹⁰¹

Esse modo de sugerir a passagem do tempo é próprio das compensações imaginárias do narrador e revela outra faceta do intelectual médio, que não está apenas condicionado pelo comprometimento aparente com o novo. A compreensão do passado permite que Abdias reconstrua, de forma atenuada, as contradições da sua trajetória e justifique aquilo que o imobiliza, no presente. O narrador, portanto, olha para si e para a trajetória do mundo em que se inscreve e enxerga tanto a continuidade quanto a mudança: quando o passado contamina o presente, pode ativar suas fantasias; quando o presente rompe com o passado, saltam as diferenças que o isolam. Dizendo que, para ele, o passado não mais existe mas continua a manifestar-se no devaneio do presente – que é o que resta daquela reflexão sobre a *fantasmagoria* da vila da infância –, o narrador apanha indiretamente a dinâmica maior de um processo histórico e ecoa, na intimidade, a percepção de que a condição atual se alimenta simultaneamente do que é velho e do que é

¹⁰¹ Nos mesmos depoimentos já citados, o sentimento de pertencer a dois mundos é recorrente e marca, segundo MOTA, 1977, a experiência da geração que assistiu à revolução de 30; a sensação de viver o final de um ciclo e experimentar a crise caracteriza a visão de mundo da intelectualidade, que tem diante de si a guerra e o Estado Novo.

novo. Com essa disposição, Abdias atinge, involuntariamente, o ritmo peculiar da modernização conservadora do país.¹⁰²

¹⁰² Uma síntese sobre o modo de pensar o processo brasileiro a partir dessa perspectiva encontra-se no texto de J.A. PASTA E J. PENJON., “Le rythme singulier d’une formation historique”, **Littérature et modernisation au Brésil**. Paris: Soorbonne, 2004, em que o mecanismo de reposição por meio do atraso é especificado. CELSO FURTADO também comenta como o processo histórico brasileiro aproxima conservação e mudança: “Assim, foi necessário que desmoronasse a frente externa, para que viesse a prevalecer a pressão interna, há tanto tempo exercida sobre as velhas estruturas. Essa capacidade de resistência das velhas estruturas, que se tornara notória no processo de liquidação da escravidão, tem sido um traço permanente da evolução institucional do Brasil”. Ver ensaio na coletânea *Brasil: Tempos Modernos*, coordenada por ele (Paz e Terra, 1968).

Referências

Obras Do Autor

ANJOS, CYRO dos.. **O amanuense Belmiro; Abdias; Montanha; A menina no sobrado.** Obras Completas, Rio de Janeiro: Garnier, 1994.

_____. *A criação literária.* Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1967.

Obras Sobre o Autor

BILENKY, Marlene. **A poética do desvio – a forma do diário em *O amanuense Belmiro*.** Tese (Doutoramento), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. USP, SP, 1992.

CANDIDO, Antonio. “Estratégia”. **Brigada Ligeira e outros escritos.** São Paulo: Editora da Unesp, 1992.

FAVERO, Afonso Henrique. **A prosa lírica de Cyro dos Anjos.** 1991. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo-USP, São Paulo-SP., 1991.

GLEDSON, John. “O funcionário público como narrador”. **Influências e impasses: Drummond e alguns contemporâneos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

LAFETÁ, João Luís M. “À sombra das moças em flor”. **Revista do Livro,** Rio de Janeiro, Ano XIII, n°42, p. 101-11, 1970.

MARQUES, Ivan Francisco. **O Gauche e seu carnaval: um estudo sobre o modernismo mineiro.** 2005. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo-USP, São Paulo-SP, 2005.

MILLIET, Sergio. **Diário crítico.** São Paulo: Martins, 1981. v. IV.

NOBILE, Ana Paula Franco. **A recepção crítica de *O amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos (1937)**. São Paulo: Annablume, 2005.

SANTIAGO, Silviano. **A vida como literatura: *O Amanuense Belmiro***. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SIMÕES, João Gaspar. **Crítica, V. 1** (A prosa e o romance contemporâneos). Porto: Livraria Latina, 1942.

SCHWARZ, Roberto. “Sobre *O amanuense Belmiro*”. **O Pai de Família e outros estudos**. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

Obras De Referência

ADORNO, Theodor W. **Notas de Literatura 1**. São Paulo: Duas Cidades, 2003.

ANDRADE, Mário de. “O Movimento Modernista”. **Aspectos da literatura brasileira**. 5ª ed. São Paulo: Martins,, 1974.

ANTELO, Raul. **Literatura em revista**. São Paulo: Ática, 1984.

ARANTES, Paulo Eduardo. **O sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

_____. “A fratura brasileira do mundo”. **Zero à esquerda**. São Paulo: Conrad, 2004. Coleção Baderna.

_____. “A prosa da história”. **Hegel, a ordem do tempo**. São Paulo: Hucitec, 2000.

ARISTÓTELES. **Poética**. 2.ed. Tradução de Eudoro de Souza, Edição bilíngüe. São Paulo: Ars Poética,. 1993.

ARRIGUCCI JR., Davi. “Móvil da memória”. **Enigma e comentário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

AUERBACH, Erich. **Mímesis**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**. 6. ed. Brasília: UNB/UFRJ, 1996.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 6ª ed.. São Paulo: Cultrix, , 1993.

BUENO, Antonio Sérgio. **O modernismo em Belo Horizonte: década de vinte**. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1982.

BUENO, Luis. **Uma história do romance de 1930**. São Paulo: Edusp, 2006.

CAMILO, Vagner. “Entre o esteticismo estéril e o dogmatismo partidário”. **Drummond: da Rosa do povo à Rosa das Trevas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

CAMPOS, Raymundo. **Retrato do Brasil e sonho americano: idéias de progresso na obra de Monteiro Lobato**. 1992. Dissertação (Mestrado)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 1992.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite & outros ensaios**. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1989.

_____. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1993.

_____. “A personagem do Romance”. **A personagem de ficção**. 9ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. **Formação da literatura brasileira**. 3ª ed. São Paulo: Martins, 1969.

_____. **Tese e antítese**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

_____. **Literatura e sociedade**. 8ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz Editor,, 2000.

_____. “Entrevista” In: **Rememória – Entrevistas sobre o Brasil do XX**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 1997.

CAVALHEIRO, Edgar (Org.). **Testamento de uma geração**. Porto Alegre: Globo, 1944.

CARONE, Edgard. **A terceira República (1937-1945)**. 2ª ed. São Paulo: Difel, 1982.

_____. **O Estado Novo (1937-1945)**. São Paulo: Difel, 1976.

DASSIN, Joan. **Política e poesia em Mário de Andrade**. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

EAGLETON, Terry. **Ideologogía**. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1997.

_____. **A função da crítica**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ENZENSBERGER, Hans M. “A irresistibilidade da pequena burguesia” . **Com raiva e paciência: ensaios sobre literatura, política e colonialismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. 26ª ed. Rio de Janeiro: Record, , 1989.

FURTADO, Celso (Coord.). **Brasil: tempos modernos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26ª ed. São Paulo: Companhia da Letras, 1995.

IGLÉSIAS, Francisco. **Trajectoria política do Brasil (1500-1964)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LAFETÁ, João. **1930: a crítica e o modernismo**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

LAFETÁ, João. “O modernismo 70 anos depois”. In: MEIHY, José Carlos Sebe (Org.). **América: ficção e utopia**. São Paulo: Edusp; Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1994.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

LEITE, Dante Moreira. **O amor romântico e outros temas**. São Paulo: Edusp, 1979.

_____. **Psicologia e Literatura**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1977.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. São Paulo, Duas Cidades, 2000.

_____. **Marxismo e teoria da literatura**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

_____. “Narrar ou descrever”. **Problemas do realismo**.

_____. **Realismo Crítico hoje**. Brasília: Coordenada Editora.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia da Letras, 2001.

MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da cultura brasileira**. São Paulo: Ática, 1977.

NAVA, Pedro. “Recado de uma geração”. Apresentação de edição fac-similar de **A revista (Belo Horizonte, 1925-1926)**. São Paulo: Metal Leve, 1978.

NEME, Mário (Org.). **Plataforma da nova geração**. Porto Alegre: Globo, 1945.

OEHLER, Dolf. **O velho mundo desce aos infernos: auto-análise da modernidade após o trauma de junho de 1848 em Paris**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). **Estado Novo – ideologia e poder**. Zahar: Rio de Janeiro, 1982.

PASTA Jr., José Antonio; PENJON, Jacqueline. “Le rythme singulier d’une formation historique”, **Littérature et modernisation au Brésil**. Paris: Soorbonne, 2004.

PEREIRA, Lúcia~Miguel. **Prosa de ficção: de 1870-1920**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

PRADO, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo (colônia)**. 6^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.

ROSENFELD, Anatol. **Estrutura e problemas da obra literária**. São Paulo, Editora Perspectiva, 1976.

ROSENFELD, Anatol. “À procura do mito perdido: notas sobre a crise do romance psicológico”. **Texto/Contexto**. São Paulo: Perspectiva, 1969.

SAID, Edward W. **Representações do intelectual**. São Paulo. Companhia das Letras, 2005.

SAES, Décio. **Classe média e sistema político no Brasil**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)**. Rio de Janeiro: Saga, 1969.

_____. **Uma história do Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

SZONDI, Peter. **Teoria do drama moderno (1880-1950)**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**. 4^a ed. São Paulo: Duas cidades, 1992.

_____. **Que horas são?** 2^a reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. **Um mestre na periferia do capitalismo**. 2^a ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1991.

_____. **Duas meninas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. **Seqüências brasileiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

WERNECK, Humberto. **O desatino da rapaziada**.

Artigos De Publicações Periódicas

ADONIAS FILHO. “O reconhecimento do pântano”. **Jornal de Letras**, Rio de Janeiro, agosto de 1956.

_____. “Dois romances que voltam”. **Leitura**, Rio de Janeiro, 1958.

ALMEIDA, Gastão Thomas de. “Movimento - (uma conversa com o escritor)”. **Folha da Manhã**, São Paulo, 14/07/1957.

ALMEIDA, Lúcia M. “*Abdias*”. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 26/09/1945.

ALMEIDA, Paulo Mendes de. “Explorações no tempo”. **Estado de S. Paulo**, São Paulo, 10/08/1963.

ALPHONSUS, João. “Entrada do amanuense”. **Folha de Minas**, Belo Horizonte, 13/10/1937.

ANDRADE, Almir de. “Três romances”. **Boletim de Ariel**, Rio de Janeiro, nº 08, ano VII, maio de 1938.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Notícias Literárias”. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 24/04/1949.

_____. “O Amanuense, o trovador e o cigano”. **Folha da manhã**, São Paulo, 31/07/1949.

_____. “Salve, Amanuense”. **Diário de São Paulo**, São Paulo, 22/10/1956.

_____. “Lá em Montes Claros”. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 04/07/1957.

ANDRADE, J.L. Lustosa. “Cyro dos Anjos, mestre de anatomia da alma humana”. **O Campo Belo**, Campo Belo, 20/01/1946.

ANDRADE, Mário de. “A psicologia em análise”. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 26/11/1939.

ARANTES, Paulo Eduardo. “Uma irresistível vocação para cultivar a própria personalidade”. **Revista Trans/formação**, São Paulo, v. 26, n. 1, 2003.

BASTIDE, Roger. “A vida secreta das imagens”. **Diário de São Paulo**, São Paulo, 30/11/1945.

_____. “Confronto entre duas gerações”. **Diário de São Paulo**, São Paulo, 3/08/1945.

_____. “Diários de crítica e críticas de diários”. **Diário de São Paulo**, São Paulo, 12/05/1945.

_____. “Diários críticos”. **Diário de São Paulo**, São Paulo, 19/08/1944.

BASTOS, Humberto. “O fenômeno Machado de Assis”. **Gazeta de Alagoas**, Alagoas, 30/01/1938.

BELLODI, Zina M. “*O amanuense Belmiro* de Cyro dos Anjos. Breve análise”. **Cadernos de teoria e crítica literária**, Araraquara, 9, UNESP, 1980. (mimeog.)

BENEVIDES, Walter. “A substância do tempo”. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 10/12/1979.

BERNARDES FILHO, J. “*O amanuense Belmiro*”. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 11/11/1937.

BRAGA, Rubem. “*O amanuense Belmiro*”. **Folha da Manhã**, São Paulo, 1938.

CAMILO, João. “*O amanuense Belmiro* de Cyro dos Anjos”. **Voz do Norte**, Diamantina, 24/10/1937.

CAMILO, Vagner. “Uma poética da indecisão: *Brejo das almas*”. **Novos Estudos**, n. 57, julho de 2000.

CAMPOS, Paulo Mendes. “O mito é o pão dos homens”. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, dezembro, 1945.

CANDIDO, Antonio. “Apostilas ao *Amanuense*”. **Folha da Manhã**, São Paulo, 8/10/1944.

CANDIDO, Antonio. “Romance e expectativa”. **Folha da Manhã**, São Paulo, 8/8/1943, p.7.

CARPEAUX, Otto Maria. “Realismo e Poesia de Cyro dos Anjos”. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 11/01/1958.

CARVALHO, Eduardo de. “Em torno do Amanuense Belmiro”. **Folha de Minas**, Belo Horizonte, 13/02/1939.

CASASSANTA, Mário. “O amanuense Belmiro”. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 11/01/1938.

CASTELLO, José Aderaldo. “ ‘Montanha’, como criação literária”. **Revista Anhembi**, São Paulo, nº 70, ano VI, set.1956.

CÉSAR, Amândio. “ O romance de Cyro dos Anjos - ‘*O amanuense Belmiro*’”. **O Debate**, Lisboa, 23/04/1955.

CÉSAR, Guilhermino. “Belmiro Borba, o heroe lucido”. **Folha de Minas**, Belo Horizonte, 12/12/1937, [1932].

COSTA, G. Teixeira da. “Fronteiras do Amanuense”. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 21/05/1947.

CRUZ COSTA. “Um romance brasileiro”. **Folha da Manhã**, São Paulo, 24/12/1939.

DAMASCENO, Athos. “O romancista Cyro dos Anjos”. **Correio do Povo**, Porto Alegre, [s.d.]

ESCOREL, Lauro. “Livros do Brasil - *O amanuense Belmiro*”. **Revista Acção**, 05/12/1937.

ETIENNE FILHO, João. “*O amanuense Belmiro*”. **Folha de Minas**, Belo Horizonte, 17/07/1937.

_____. “Ao lado do amanuense”. **O Diário**, Belo Horizonte, 1945.

_____. “Cyro dos Anjos, um clássico do modernismo”. (I, II, III e IV). **Diário de Minas**, Belo Horizonte, 11/04, 18/04, 25/04, 02/05 de 1954.

EULÁLIO, Alexandre. “Notas de uma agenda”. **Jornal de Letras**, Rio de Janeiro, março de 1963.

FRIEIRO, Eduardo. “Elogio da obra bem escrita”. **Folha de Minas**, Belo Horizonte, 08/09/1938.

_____. “ Livros Novos - *Abdias*”. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 16/10/1945.

GALLOTTI, Luiz. “O livro de Cyro dos Anjos e Montes Claros”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14/08/1963.

GERSEN, Bernardo. “Auto-análise e caráter” I e II. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 19/10 e 02/11 de 1958.

GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. “*Abdias*, de Cyro dos Anjos”. **O Diário**, Belo Horizonte, 16/10/1945.

_____. “Rápida visão de um romance”. **Folha da Manhã**, São Paulo, 30/11/1945.

GUIMARÃES, Ruth. “Cyro dos Anjos e a crítica”. **Diário de São Paulo**, São Paulo, 19/10/1958.

INOJOSA, Joaquim. “As memórias de Cyro do Anjos”. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 09/11/1979.

IVO, Lêdo. “O clube dos bons leitores”. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 24/11/1956..

_____. “Satélites”. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, 06/12/1956.

_____. “A nave da vitória”. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, 12/12/1956.

_____. “A moça e o prosador”. **Revista do Livro**, Rio de Janeiro, nº 9, ano III, março de 1958.

JOHNSON, Randal. “A dinâmica do campo literário brasileiro (1930-1945)”. **Revista USP**, São Paulo, n.26, p.166-81, jun.-ago.1995.

LAFETÁ, João Luis M. “À sombra das moças em flor”. **Revista do Livro**, Rio de Janeiro, 42, 1970.

LAWTON, R. A. “ L’espace temporel dans *O Amanuense Belmiro*”. **Sillages**, Université de Poitiers, 1972.

LEITE, Ascendino. “Líricos e sonhadores”. **Vanguarda**, Rio de Janeiro, 06/08/1946.

LINHARES, Temistocles. “A linha biográfica em Cyro dos Anjos”. **Jornal de Letras**, Rio de Janeiro, 11/08/1946.

_____. “Memorialistas da infância”. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 07/09/1963.

LOPES, Álvaro Augusto. “À margem dos livros. *Abdias*”. **A Tribuna de Santos**, Santos, 25/10/1945.

_____. “À margem dos livros: dois romances”. **A Tribuna de Santos**, Santos, 09/02/1958.

LOPES, Hélio. “Como Ulisses e Penélope”. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, nº 136, ano III, p.09, 10/06/1979.

LUCAS, Fábio. “Dois romances de Cyro dos Anjos”. **Revista BBB**, Rio de Janeiro, março de 1958.

_____. “Tratavam-nos até muito bem”. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 23/06/1963.

MARQUES, Oswaldino. “Cyro dos Anjos, memorialista do imaginário”. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 23/04/1966.

MARQUES, Sarah. “Um mundo perdido no giro de quatro rodas” (Entrevista). **Leitura**, Rio de Janeiro, junho de 1959.

MARTINS, Christiano. “Sobre o diário do amanuense”. **Folha de Minas**, Belo Horizonte, 22/10/1939.

MARTINS, Luis (Alceste). “Os desencontros da alma”. **Gazeta de São Paulo**, São Paulo, [s.d.].

MARTINS, Luis. “O mito Arabela” I e II. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 30/09 e 07/10 de 1961.

MASINA, Léa Silvio dos Santos. “*Abdias* - O sentido existencial”. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 19/09/1970.

MATA MACHADO FILHO, Aires da. “*O amanuense Belmiro* e sua novidade”. **Folha de Minas**, Belo Horizonte, 08/12/1939.

_____. “Explorações no tempo”. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 21/07/1963.

_____. “*Abdias*”. **O Diário**, Belo Horizonte, 28/10/1945.

MILLIET, Sérgio. “*Abdias*”. **Diário de Notícias**, Belo Horizonte, 28/10/1945.

MONT´ALVÃO, Narbal. “O jornalista Cyro dos Anjos e seu romance”. **Folha de Minas**, Belo Horizonte, 11/11/1937.

MONTEIRO, Ezio Pinto. “*O amanuense Belmiro*”. **Dom Casmurro**, Rio de Janeiro, 05/11/1937.

MONTELLO, Josué. “O livro nacional - *O amanuense Belmiro*”. **Dom Casmurro**, Rio de Janeiro, 02/12/1937.

MONTELLO, Josué. “Memórias de Cyro dos Anjos”. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 15/05/1979.

MOURÃO GENÓFRE, Edmundo. “*O amanuense Belmiro*”. **Revista de Poços de Caldas**, Poços de Caldas, 13/03/1938.

NASCIMENTO, Manuel do. “Encontro com Cyro dos Anjos” (Entrevista). **Correio do Porto**, Porto, 23/09/1955.

NAVA, Pedro. “Machado de Assis, velhinho safado”. **Folha de Minas (Supl. Lit.)**, Belo Horizonte, 24/03/1973.

NAVARRO, Raul. “Dos libros recientes de autores brasileiros”. **El País**, Buenos Aires, 25/09/1938.

OLIVEIRA, Álvares de. “Ora bolas, ‘Seu’ Santa Rosa!”. **Folha de Minas**, Belo Horizonte, 06/11/1938.

OLIVEIRA, Franklin de. “A poesia e a verdade”. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 16/04/1940.

PEREGRINO Jr. “Romances de Hoje”. **Boletim de Ariel**, Rio de Janeiro, nº 04, ano VII, janeiro de 1938.

PEREIRA, José Augusto. “O romantismo de Cyro dos Anjos”. **Folha da Tarde**. Porto Alegre, 31/01/1947.

PINTO, Luiz. “‘Montanha’, memórias e interpretações”. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, 10/03/1957.

PORTELA, Eduardo. “Cyro dos Anjos e a psicologia da forma”. **Diário de São Paulo**, São Paulo, 11/05/1958.

PÔRTO, Costa. “O admirável Cyro dos Anjos”. **Diário de São Paulo**, São Paulo, 15/07/1963.

PRADO, Nazareth. “O amanuense Belmiro”. **Folha de Minas**, Belo Horizonte, 08/02/1938.

PROENÇA, M. Cavalcanti. “Explorações no tempo”. **Leitura**, Rio de Janeiro, julho de 1963.

RANGEL, Godofredo. “Belmiro, um símbolo”. **Folha de Minas**, Belo Horizonte, 07/11/1937.

REGO, José **Lins**. “Belmiro e a casa própria”. [s.n.].

RESENDE, Otto Lara. “Retorno ao Amanuense”. **O Diário**, Belo Horizonte, [s.d.].

RESENDE, Otto Lara. “‘*Abdias*’, o novo romance de Cyro dos Anjos” (Entrevista). **Folha de Minas**, Belo Horizonte, 16/04/1944.

RIBEIRO, Ivan. “O phenomeno mineiro e *O amanuense Belmiro*”. **Boletim de Ariel**, Rio de Janeiro, n. 3, ano VII, dez.1937.

RODHMAN, Álvaro. “Um livro e seus três autores”. **Diário de São Paulo**, São Paulo, 02/09/1956.

RÓNAI, Paulo. “Um memorialista”. **Comentário**, Rio de Janeiro, outubro de 1966.

SALLES, Fritz Teixeira de. “Reparos à margem d’*O amanuense Belmiro*”. **Folha de Minas**, Belo Horizonte, dez.1938.

SALLES, Fritz Teixeira de. “*Montanha* e o romance político” (I e II). **Diário de Minas**, Belo Horizonte, 02/09 e 09/09 de 1956.

SCATIMBURGO FILHO, João de. “*O amanuense Belmiro*”. **Cidade de Rio Claro**, Rio Claro, 01/02/1938.

SCHWARZ, Roberto. “Tempo de ficar velho”. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, Suplemento Literário, n. 118, de 31 de janeiro de 1959.

SERRALVO SOBRINHO, A. “*O amanuense Belmiro*”. **Folha de Pederneiras**, Pederneiras, 22/09/1941.

SILVA, Jair. “Cyropédia”. **Folha de Minas**, Belo Horizonte, 16/10/1937.

_____. “Oropa, França e Bahia”. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 16/06/1963.

SILVA, J. A. Pereira da. “Romances da política- *Montanha*”. **Diário de Notícias** (Suplemento), Ribeirão Preto, out./nov.1957.

SILVEIRA, Alcântara. “Um romance da vida conjugal”. **Folha da Manhã**, São Paulo, 07/10/1945.

SILVEIRA, Mário Ribeiro da. “Explorações no tempo”. **O Jornal de Montes Claros**, Montes Claros, 28/05/1963.

SILVEIRA, Tasso da. “*O amanuense Belmiro*”. **Folha de Minas**, Belo Horizonte, 14/01/1938.

SIMÕES, João Gaspar. “*O amanuense Belmiro*”. **Diário da Manhã**, Recife, 12/02/1939.

SODRÉ, Nelson Werneck. “Livros Novos - *O amanuense Belmiro*”. **Correio Paulistano**, São Paulo, 09/12/1937.

SOUZA, Gilda de Mello. “O mito da borrarheira”. **Discurso**, São Paulo, Departamento de Filosofia -FFLCH, n. 7, 19

SOUSA, Otávio Tarquínio de. “Vida Literária: *O amanuense Belmiro*”. **O Jornal**, Belo Horizonte, 31/10/1937.

TORRES, João Camilo de Oliveira. “O romance da política”. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, 14/05/1956.

VASCONCELOS, Sandra T. G. “Narciso e antinarciso: um estudo comparativo entre *O Amanuense Belmiro* e *A menina do sobrado*”. **Revista do IEB**, São Paulo, n. 24, 1982.

VASCONCELOS, Taborda de. “Cyro dos Anjos e o romance de memórias”. **O Debate**, Lisboa, 16/06/1956.

WISNIK, José Miguel. “Machado maxixe: o caso Pestana”. **Teresa (Revista de Literatura Brasileira)**. São Paulo, .[volume, nº, pág.???],2004.

XAVIER, Lívio. “Amores tardios”. **Diário da Noite**, São Paulo, 20/10/1945.

Fontes Primárias

Instituições Consultadas

- – FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Arquivo pessoal do escritor Cyro dos Anjos

Para A Apresentação Da Dissertação

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS-ABNT. Informação e Documentação- Referências-Elaboração: NBR 6023.Rio de Janeiro, ago.2002. 24p.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS-ABNT. Informação e Documentação- Citações em Documentos- Apresentação: NBR 10520.Rio de Janeiro, ago.2002. 7p.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS-ABNT. Informação e Documentação- Trabalhos Acadêmicos - Apresentação: NBR 14724.Rio de Janeiro, ago.2002. 6p.